FON FON
ANNO XXVI — N.º 15
Rio, 9 de Abril, de 1932
— PREÇO: 1$000 —

O conto brasileiro

ZÉ VICENTE — De Eug. Lapagesse

A sanfona do Zé Vicente fôra fechada num movimento nervoso, e o derradeiro acórde esvoaçava ainda, marcando o último passo de dança.

No terreiro de chão batido, *rancho* na fazenda do coronel Euzebio, os pares se desenlaçaram apprehensivos, inquirindo com os olhos a razão daquella parada, assim no melhor da festa, quando ainda nem bem se haviam adaptado ao rythmo da valsa, da valsa com que os sacudia o *gaitista*, o melhor *chorão* daquelles *montes*.

Alvo de todos os olhares, não quiz conversa o Zé Vicente: premindo a companheira nos joelhos, correu-lhe as presilhas por sôbre os botões do feixo. *Virou no gargallo*, erguendo aos beiços o garrafão que lhe restava aos pés, e o jogou vazio para o meio do salão. Cuspiu. *Alimpou* a bocca na manga da camisa de chita pintada, lembrança da visita do último mascate, e, fazendo rápido signal de despedida, cabeça baixa como um touro enfurecido, demandou a estrada larga, tenebrecida pela ausência de luar, caminho do *poiso*.

Algumas palavras sôltas em murmurio, aqui e ali; a pallidez da noiva — a Rosinha —; o desempenado estouvamento do *seu doutô fio do seu coroné* fizeram se lhes dirigissem disfarçadamente os olhares de toda a *seletra* companhia, abraçando-os, unindo-os num relancear de olhos accusadores.

Era antiga, a pendenga.

Admiraram-se, quando o viram chegar, ao Zé Vicente, risonho e alegre, cumprimentando *os povo*, acolhendo-se ao técto festivo da fazenda.

Era elle ainda creança, o pae tivéra rusgas com o *seu coroné*, motivadas de ciúmes, correndo no povoado que o Zéca Fulgencio os pilhára, ao *seu coroné* mais a Rita, mãe do Zé Vicente, certa madrugada, quando voltava de Caratinga, onde fôra levar trinta cabeças de *seu coroné* Marcolino... Que estripára a mulher, jurando *fazê* o mesmo ao *seu coroné* Euzebio, assim que o topasse, pois fugira então, aproveitando o negrume da noite.

Diziam, ainda, que o Zéca Fulgencio fôra assassinado a mando do *seu coroné*, e que este déra fuga ao capanga, o Janjão Viratripa.

Diziam coisas, os maledicentes, nesse linguajar inconsequente de povoado, á porta da botica, no balcão do Joaquim da Venda, uma corrida de *caninha* aquecendo-lhes o sangue nas tardes friorentas, refrescando-lhes a alma nos dias de canicula.

Quanto á opinião do Zé Vicente, ninguém a ouvira, muito embora assegurassem os *más linguas* que o rapaz não deixaria as coisas assim, que se vingaria, *assacando* sôbre o fazendeiro a morte da genitora e a do pae.

Eis porque se admiraram ao vêl-o avivando a festa, movimentando-a, homenageando, também, o filho do coronel, vindo doutor da capital.

Sabiam-no perigoso. Não duvidavam alimentasse intenções sinistras. Os precavidos, vendo-o chegar, mal *assumptaram* do resultado, escapulindo-se, distanciando-se do futuro theátro de alguma coisa bárbara. Os capangas o olharam desconfiados, emquanto o patrão franzia sobrôlhos, acariciando o cabo trabalhado da garrucha. E' que havia muita fôrça em Zé Vicente, e muita audácia. Estimavam-no, porque era bom, ao mesmo tempo que o temiam. "Cão que ladra não morde", diz o rifão; o rapaz, porém, si não *mordêra* nunca, também não basofiára. Temiam-no; e, temendo-o, esperavam, sem ousar suppôr.

* * *

O velho amphytrião, socegado pelas maneiras do Zé no fandango, deixára ao filho doutor a direcção da festa. Mal avisado fôra. Tão logo se retirára para o confôrto dos cobertores, o moço se mettêra no torvelinho das danças, prendendo ao peito forte e largo o busto formoso das raparigas, ciciando-lhes aos ouvidos as *cantiga da capitá*.

Embalando-se nas notas que o noivo arrancava das teclas; no rythmo doiente das valsas antigas, das polkas, no vivo das mazurkas, a Rosinha quedava distrahida, de quando em vez trocando palavras com o rapaz, olhos presos nos pares que giravam abraçados.

Não a desfitava o doutor. E tantas fez, que, afoito, sob os olhos espantados do gaitista, a buscou para dançar. A noiva, toda corada, acedeu ao convite. E lá se foi, com o *outro*, impando de orgulho, sacudir as chinellas de *liga* no chão de terra batida. Outra valsa, outro *bis*. Nova *marca*, e a rapariga batia palmas, bisando... Foi então que, iniciada a valsa, Zé Vicente a sustivéra, intempestivo.

* * *

Largo espaço palmilhou o vaqueiro a estrada poeirenta que ia da fazenda ao povoado. O calôr subia da terra, afogueando-o, misturado ao fartum que lhe enchia as ventas, escaldando-lhe o sangue nas veias intumescidas pelo ódio, ódio antigo, que o lanceava numa ferida pessoal, acordando-lhe ansias de vingança.

Margeando a estrada, embrenhou-se no *cerrado*, furtando-se á possibilidade de ser destacado pelas lanternas fumarentas dos companheiros quando passassem de retôrno aos lares.

Não esperou muito. Um a um, ou em grupos, lanterna na *canhota*, *piaba* á cinta e facão de matto, o *cumpade Mané*, o *Antóio* da Rita, as *gente* do *seu* Zé da Quebrada, os *peão* do *seu majó* Pedruca — gente de casa —, *siá* Candoca, e mais todos os festeiros. Só a noiva faltava.

Passaram, silenciosos uns, alegremente barulhentos outros, ante seus olhos inflammados, sem desconfiar que elle estava ali, amoitado, á espera da Rosinha, daquella *farsa*, e mais do canalha do amante, do *fio do seu coroné*. Que era aquelle o dia da desforra, o dia em que ajustaria os *atrazados*...

O silencio cahira de novo; apenas os grillos trilavam na escuridão. Zé Vicente avançou, cauteloso, a cabeça descoberta, em cujos cabellos se emmaranhavam cipós e fôlhas sêccas. Olhou o céu, vazio de lúa, mas rendilhado de estrellas que se destacavam no fundo azul, de azul intensamente escuro. Uma, avermelhada, pareceu-lhe immenso olho sanguineo a fitál-o horrendamente. Tremeu. Tornou os olhos para a estrada: uma lanterna luzia ao longe, sacudida sem compasso, dançando loucamente. O sangue mais e mais lhe fervia nas veias. Estendeu o punho fechado para os céus, numa blasphemia. Interompeu-o uma risada forte, alegre, um esvoaçar de sons que avançavam: banhados pela luz da lanterna, como assombração diabólica, a noiva e o *seu doutô*... A Rosinha, que ria, ria descaradamente, canalhamente, presa aos braços do amante, que a puxava para si, apertando-a, dizendo-lhe *coisas* ao ouvido...

* * *

Os primeiros albôres da manhã illuminaram um quadro dantesco: sôbre a estrada poeirenta, estrias vermelhas pintavam, numa feição macabra, retalhados por faca, trágicamente irreconheciveis, dois corpos: e, mais longe, horrenda ferida no ventre, terceiro e último cadaver: Zé Vicente.

POL, "LOU GRAN FELIBRE"

HAVIA dez annos que eu não vinha a Luzenac. Deixára esse encantador recanto dos Pyrineus, cercado de montes e florestas, com um commovido adeus, no dia em que todas as prefeituras e todas as repartições postaes de França affixaram em suas portas este pequeno despacho: "Acaba de ser decretada a mobilização geral, que será immediatamente iniciada... etc."

Nessa tarde, carregada de densas nuvens, ameaçando uma tempestade que, bizarramente, não chegou a se desencadear, não me sahia da retina a singular e gesticulante silhueta de Pol "Lou Gran Felibre!" — Pol, o grande Poeta.

Calças bombeantes, larga jaqueta, grande barba hirsuta, olhos a arderem, brilhantes, sob as abas do seu enorme chapeu camponez, Pol, enthusiasmado, agitava no ar seus braços muito compridos, semelhantes ás azas dos velhos moinhos que já desappareceram.

— Dentro de tres mezes estarás aqui, de novo! gritava-me elle. Era poeta "Lou Gran Felibre", — o grande poeta — e gostava de formular vaticinios.

* * *

Pela primeira vez, depois de dez annos, venho conviver um pouco, aqui, com amigos e parentes queridos. O céo derrama por toda parte essa luz unica, diffusa, que parece emanada do pensamento dos anjos, e que julgo ser peculiar aos Pyrineus. São onze horas. Entro, commovido, no pequeno cemiterio. Como deve ser propicio aos mortos esse campo santo doirado de sol!

Visitei os tumulos familiares. Agora, caminho ao acaso, com a minha curiosidade despertada para as sepulturas desconhecidas ou mal conhecidas. E, eis que deste lado, que me parece novo, sem o ser, mas por onde nunca passara, se me depara um majestoso mausoléo. Pomposo, sim, mas já em ruinas. A pedra abre-se aqui e alli, a cruz está pouco segura: grandeza e desolação, naquella tumba abandonada! Approximo-me, para ler a inscripção. As letras apagadas mal me deixam comprehender isto: "Pol, Lou Gran Felibre."

Pol morrera, ha tempo, e toda sua vida, brilhante e miseravel, ao mesmo tempo, me vinha á mente. E essa vida fora, toda ella, uma immensa desillusão.

Pol era rico: tinha casa propria na cidade e varias granjas. Aos vinte annos, casara-se com a moça mais linda da região, a qual, por sua vez, possuia alguma fortuna. Um par maravilhoso, que todo mundo admirava. Pol, era bello; Pol vivia; Pol cantava — mas Pol, desgraçadamente tambem... bebia!

Elle — que nada fazia — produziu alguns versos sem arte, pobres e bons versos que rimavam mal mas faziam lembrar, ás vezes, illustres ascendentes, que estavam acima de Pol muitas vezes a altura das nossas montanhas.

Pol, decepcionado pela primeira tentativa, tentou melhor sorte, rimando do *patois*. Julgou-se a principio Jasmin, depois Mistral. Não comprehendeu, porem, que o seu *patois* era uma lingua que elle apenas conhecia através das tradições oraes. Rimou *patois*, orthographando, com pequeno exito, sonetos, canções e cançonetas. Em vez de seu nome — Paul X... passou a assignar Pol, somente, Pol "Lou Gran Felibre!" Mas, faltavam-lhe a graça e a doçura de Jasmin como á sciencia e o genio de Mistral. As "obrinhas" de Pol não passaram alem das redondezas de Luzenac.

Se elle foi o rhapsodo regional, nem Mistral, nem Fourés, nem Estieu o tomaram em consideração. A academia dos Jogos floraes não lhe dispensou, por caridade, senão as mais modestas recompensas.

Pol commetteu as milhares de tolices que um homem pode praticar na vida, não porque fosse poeta; antes, talvez, porque o não era. Sem duvida, elle adorava as flores, as mulheres, o seu céo, os passaros — sua boa e velha creada tambem e, tambem, o bom apperitivo. Sua fortuna desappareceu rapidamente, evaporando-se como neve pela primavera, e em parte em negocios e

SENILIDADE

Quando nós fórmos, Linda, um casal venerado
De velhinhos, já perto então do fim da vida,
Havemos de sentir saudades do passado,
Em que tu fóste bella e por todos querida

E eu um rapaz singelo e um poeta enamorado.
Felizes, a esperar a hora da partida,
Bemdiremos, chorando, o nosso doce fado,
Pela ventura immensa a nós dois concedida.

Em nossos corações, isentos de maldade,
Aquelle mesmo amôr de nossa mocidade,
Que já estará bem longe, ha de viver ainda...

Amôr de velhos, sim, mas que pouco envelhece,
Que, dia a dia, até mais forte fica e cresce
E, de nós tres, é quem por ultimo se finda!

ALCEU J. MARQUES

Ph. Faure - Fremiet

prezas arriscadas, parte nas mãos de gentis creaturinhas. Vendeu quadros e moveis, casas e granjas, tanto e de tal maneira que a senhora Pol, com os mais justos motivos de queixa, logo requereu o divorcio e fugiu com o filhinho unico do casal. Então, a quéda se accelerou, vertiginosamente, sem mais esperança de salvação. Pol passou a viver difficilmente, a custa de mediocres recursos que mal chegavam para a bebida. O grande solar paternal já quasi nada continha do que fora seu: um dos torreões ameaçava ruir; a escada oscillava; as aranhas entrecruzavam as enormes teias por toda parte. Ah! porem, Pol continuou a viver sem se lamentar. Ante-manhã ainda e já elle buscava as montanhas, em cujo recesso umbroso ia beber inspiração. A's onze horas regressava com um soneto na bocca ou uma canção em papéis, que, quasi sempre, não era grande coisa, mas que elle pedia a um e a outro, para ouvir, emquanto rumava para o cabaret onde, dia a dia mais se lhe obliterava a razão.

* * *

Deixei, com tristeza, o tumulo de Pol. Era a hora em que, sob este mesmo céo que tanto amava, costumava elle regressar das suas excursões matinaes pelas montanhas que escalava para melhor poder sonhar, devanear. E, já ia atravessar o portão do cemiterio, quando estaquei, pasmo: o fantasma de Pol está deante de mim. Vejo-o tal qual elle era: jaqueta larga, calções bamboleantes, o enorme chapéo de feltro, a barba mais hirsuta que nunca, os olhos a arderem através dos oculos de aro de oiro. Traz á mão um ramo de flores sylvestres. Virá florir sua tumba?

— Adeus, meu caro amigo.

Eis-te de volta emfim.

— Ah! que coisa estranha! Resuscitaste, então? Acabo de rezar por ti ao pé do teu mausoléo.

— Obrigado. Preciso de preces. Isso ser-me-á muito util mais logo... Ainda não morri... Olha para estas flores que venho de colher na montanha...

Pol encaminha-me para junto de um humilde tumulo: "Não esquecerei nunca minha pobre e velha creada, que morreu o mez passado. Que excellente creatura! Leal, dedicada, compassiva. Sómente ella me comprehendeu e estimou!"

E, erguendo-se, depois de depôr as flores sobre a tumba modesta, disse: "Veja, ha pouco ainda estava a pensar nella, e compuz um soneto." Sacando do bolso um papel gorduroso, Pol recitou-me o soneto em honra da memoria da sua sempre lembrada "morta", deixando-me um tanto constrangido, embora elle não o tivesse notado. "O fecho é magnifico, hein? Não está mal, não. Vamos..."

Do cemiterio, levou-me, alegremente, para o café. Vivia seu sonho mesmo quando caminhava.

— Ah! sim. Esse tal mausoléo é absurdo. Fil-o construir quando era rico. Ah! meu caro amigo, era prudente fazêl-o. Mistral, ainda em vida, construiu o seu. Wagner tambem... Mas, roubaram-me. Venderam-me uma pedra ordinarissima. Seria preciso, agora reconstruil-o, mas não o posso. Não tenho mais nada, nada, senão isso, esse horrivel tumulo...

A miseria de Pol era, realmente, completa.

— Sim, porque é um verdadeiro absurdo o meu mausoléo. Envelheceu mais depressa do que eu. E' todo uma ruina e eu ainda não estou tão perto de morrer...

Depois, já tomado de um certo delirio, accrescentou: "Bem que desejaria vendêl-o para viver, mas ninguem o quer. Nelle, apesar das proporções e da grandiosidade, só ha logar para um defunto e, talvez por isso, é que não o querem comprar."

Fitou-me erecto:

— E lá hão de me metter nú, nusinho em pello!

* * *

Agora Pol está morto, de facto. Habita seu tumulo em ruina.

Paz a Pol que sonhou mais do que devia...

VENTOINHA

Ser inconstante sempre foi, na vida,
O destino, sem gloria, da mulher.
Um momento ella fica embevecida,
Para deixar, depois, quem mais a quer.

Na tua bôcca, vinha appetecida,
(Que me conteste quem mais te quizer!)
Sinceridade nunca eu vi, querida,
Caricias puras não notei, siquer.

Em torno aos labios, onde o ser espelhas,
Andaram a zumbir muitas abelhas,
Ebrias de mel e de felicidade.

Mas, soberana de sorriso lindo,
Talvez não saibas que conquistas, rindo,
Um remorso, uma dôr, uma saudade.

HORACIO MENDES

A PEROLA PERDIDA

— POIS bem, Fernanda, já não me posso conter, e preciso dizer-te, bem alto, que te amo, que te amo, que te amo!

Emquanto, porém, assim se exprimia, manifestando o seu desejo de *gritar* o seu amôr, o sr. Millermot, prudentemente, baixára a voz.

Madame Bilde nem por isso deixou de ficar profundamente inquieta:

— Ah! mas, então, Desiré, estarás louco? — disse-lhe num tom de mysterio, quasi num cochicho... Aqui? Em minha casa? Nesta sala? Dizeres-me uma coisa destas?

— Dir-te-ei isso em qualquer outra parte, á tua vontade. Perdôa-me, Fernanda, mas assim tinha de ser! Amo-te!

— Parece que não me comprehendeste... Quero dizer: aqui, em casa de meu marido, que é o teu amigo mais intimo? E' abominavel o que fazes!

— Se me amasses um pouco, Fernanda, não acharias, como eu não acho, tão abominavel e censuravel a minha conducta... Pelo contrario, saberias julgar-me melhor e acharias perdoavel e quasi natural este meu grito de franqueza...

— Ah! isto é demais, Desiré! Francisco póde entrar de um momento para outro, ou, mesmo, algum empregado poderá surprehender-nos neste colloquio suspeito... E que interpretação poderiam dar vendo-te assim, exaltado, tremulo, nervoso, com as mãos supplices para o meu lado, e vermelho como estás?

— Vou calmar-me, Fernanda, eu prometto-te. Mas, dize-me, ao menos, que acreditas na sinceridade do meu amôr... Hoje, não te peço mais que isso... Vê, e peço-te de joelhos... de joelhos, meu amôr!

O sr. Millermot estava, realmente, ajoelhado deante de madame Bilde, apavorada:

— Perdeste a cabeça! Perdeste a cabeça! Se entra alguem!... Que horror, meu Deus!...

De facto: alguem entrava.

E logo aquelle cuja entrada era particularmente indesejavel no momento: o marido.

Ao ruido da porta que se abria, bruscamente, o sr. Millermot sentiu na nuca o golpe fulminante do Destino.

E, comprehendendo que ha fatalidades contra as quaes é inutil lutar, sequer não tentára levantar-se o mais depressa possivel, para tentar uma salvação extrema.

Mesmo porque sua ligeira obesidade não lhe permittiria muita agilidade.

Assim, não só não procurou erguer-se como, sob o peso daquelle golpe, se deixou cahir pesadamente sobre as duas mãos, ficando de quatro pés, como se diz. E foi nessa extravagante posição, deante de sua mulher, que o surprehendeu o sr. Bilde:

— Como?!... E' Désiré? — disse, estupefacto... Que fazes ahi, assim?

— Sim. E' exacto...

Felizmente, o Destino resolvera ser menos cruel e illuminou o cerebro de madame Bilde com uma idéa salvadora, e rapida:

— Elle está a procurar minha perola, que cahiu — disse Fernanda o mais simplesmente possivel.

— Que perola? perguntou o marido.

— A perola do meu annel... O diamante ficou, mas a perola desgastou-se e cahiu no chão...

— Comtanto que elle não peça

Miguel Zamacoïs

o annel para vêr! pensou Désiré.

Sagaz, prevenida, Fernanda, tirando a joia do dedo, mostrou-a ao marido e... sem a perola!

— Isto não é possivel, pensou Millermot, espantado. Com certeza que ella a enguliu!

— Ora, tua bella perola, minha filha! Ella vale bem uns cinco ou seis mil francos actualmente!... Que pena! Como a perdeste? Para que lado cahiu?

— Não sei. Eu ia e vinha, a conversar distrahida com Désiré... Gesticulava um pouco. Depois bati com a mão na mesa e, quando olhei, dei por falta da perola...

— Procuremol-a! disse o marido.

E pondo-se, tambem elle, de quatro pés continuaram as pesquizas, emquanto madame Bilde, para não trahir o seu arranjo, fazia a mesma cousa.

Estavam todos assim, quando a porta de novo se abriu e appareceu João, o creado, introduzindo o sr. Forfait, um familiar da casa.

— Que fazem vocês? perguntou, assestando o seu monoculo... Que divertimento pittoresco!

— Foi Fernanda que perdeu a perola do seu annel, meu caro... Uma linda perola verdadeira, e estamos a procural-a...

— Ah! sim. Então, tambem eu vou entrar no jogo... Vamos ver quem ganhará, encontrando a perola.

— Ajuda-nos tambem, João! disse o sr. Bilde para o creado, que ia retirar-se.

O pequeno grupo de "quatro pés" accrescido de mais estes dois auxiliares, pôz-se em campo, vistoriando os tapetes, pesquizando por baixo dos moveis...

— Quem achar a perola ganhará vinte francos! declarou o marido de Fernanda, remexendo por baixo do piano de cauda.

— Bravo! Assim a partida torna-se mais interessante! gritou o homem do monoculo.

— Quem sabe se não foi cahir debaixo da secretaria, observou madame Bilde, depois de algum tempo de buscas infrutiferas, e dirigindo-se para aquelle movel. Está, porém, tão escuro aqui, e cheio de poeira! Que descuido seu João! Semelhante poeira!... Vou buscar minha lampada electrica de bolso e já volto.

Madame Bilde não demorou. E voltou com uma pequena lampada. Pôz-se, de novo, de quatro pés e projectou a luz por baixo da secretaria. Que sorte, a sua!

— Eil-a! Eil-a! Achei-a! Bem me palpitou que ella estaria debaixo da secretaria! — gritou, victoriosa.

— Bravos! Viva!

— Ainda bem!

— Que allivio!

Ergueram-se todos, ao mesmo tempo. Rostos congestionados. Roupas que se alinhavam. Gravatas que se ageitavam.

E, com certeza, já todo mundo adivinhou que madame Bilde imaginára a estratagema da lampada apenas para ir ao seu quarto e lá apanhar no seu pequeno cofre a perola accidentalmente desengastada pela manhã.

— Deves-me vinte francos, disse, cynicamente, para o marido.

— E tu bem os ganhaste, querida! respondeu-lhe, alegremente, o sr. Bilde, na melhor das confianças.

Bastos Portela — UMA "GARÇONNE" CARIOCA — Edits. Flores & Mano — Rio — 1932 — 6$

BASTOS PORTELA não se contentou com a posse dos titulos de chronista brilhante da cidade, e de poeta dos melhores da actual geração. Quiz ser tambem romancista, e escreveu *Uma "garçonne" carioca.*

A primeira sensação que experimentamos após a leitura do livro, é de profunda decepção.

Por que teria Bastos Portela, o artista de fina sensibilidade de *O suave enlevo*, abandonado a musa para tentar o romance psychologico?!

Mas, esta primeira impressão desapparece, em se fazendo a analyse da obra que temos deante dos olhos.

Não sabemos si a *massa* dos leitores deste romance comprehenderá o Rio que Bastos Portela detalhou com agudeza de espirito. Não será de estranhar que seja o autor mal julgado, por *fantasiar* um Rio que não existe, em verdade.

Nós, entretanto, que temos a infelicidade de viver a vida do *jornal*, estamos habilitados a attestar a veracidade dos factos colhidos pela observação do escriptor. A realidade é amarga? A culpa não é nossa.

O Rio perdeu o aspecto provinciano, tornando-se uma grande capital *civilizada*.

Era necessario fixar os aspectos dessa civilização, e Bastos Portela fêl-o de maneira inédita.

Temos de reconhecer que as personagens que povôam as paginas do livro não foram imaginadas. Algumas dellas são nossas conhecidas, podem ser facilmente identificadas.

"Maria Lucia é uma *garçonne* standart. Uma *garçonne* modelo. Um desses productos da emancipação feminina — segundo uns, e uma pequena pervertida — devido ás más companhias — segundo outros. O typo talhado para uma heroina de Zola, de Pitigrilli ou de Victor Margueritte. Ainda não tinha, por assim dizer, uma biographia traçada."

Bastos Portela foi descobril-a numa ruazinha modesta, no Engenho de Dentro.

Podia têl-a encontrado mais proximo, numa das de Botafogo.

A miseria social não é previlegio de bairros. Abrange os quatro cantos da cidade. O essencial, porém, num romance moderno, foi traçado pelo autor. Alguns typos do livro, mesmo quando ligeiramente observados, são interessantes. Maria Lucia foi magistralmente retratada.

Typo doloroso, com todos os estygmas, as táras da humanidade soffredora.

Tomando-a, pela mão, o escriptor teve o proposito honesto de indicar, aos espiritos incautos, o perigo a que se expõem as Marias Lucias, cujo fim de vida é sempre triste.

Para conseguir fixar esta verdade, teve o autor de percorrer caminhos asperos.

Escalpelou a sociedade, feriu a hypocrisia, expoz vicios, correu a cortina de veludo que encobre as miserias da cidade. Por vezes, as scenas são edificantes, de um cruel realismo, mesmo torpes. Outras, levemente ironizadas. Mas, não se póde exigir mais do romancista. Conceitos justos. Linguagem correcta. Fabulação perfeita. Bastos Portela conseguiu, brilhantemente, o titulo de romancista. Durante tres annos escreveu o livro, refazendo capitulos, substituindo-os, pondo alguns de lado, numa ansia de obra original.

Observei de perto o preparo do volume, o nervosismo das suas idéas, o temor da falsa comprehensão da obra, por parte dos leitores. Mas, eil-o victorioso.

Uma "garçonne" carioca, affirma o autor, é um livro feito para as mulheres infelizes e repudiadas pela sociedade. As felizes, as *jeunes filles*, as que nunca souberam o que foi a fome, o que são as miserias dos homens e a luta pela vida — essas nada têem que vêr no livro. Este *aviso* deve ser considerado pelas *jeunes filles*, muito embora habituadas á leitura de Pitigrilli...

Batista Alves — NÉL — Rio — 1931 — 5$

BATISTA sem *p* é nome de gente?! Parece... O autor desta novella, pelo menos, se compraz em apparecer, singelamente, sem elle. Assim tambem, quiz o autor simplificar o nome do personagem da sua novella, o Manoel do Rendufe, que ficou sendo *Nél*, para todos os effeitos. Taes originalidades definem o caracter deste escriptor.

Trata-se de uma historia banal, que não chega mesmo a despertar nenhum interesse.

Manoel do Rendufe sonha um dia com o milagre das riquezas do Brasil, e parte do Minho, aos quinze annos de idade, com destino ao Rio de Janeiro. Aqui chegando, o primeiro emprego que encontra é o de caixeiro de venda, em Catumby. O patrão tem, da vida, conceito seguro... Para amealhar dinheiro é preciso que os empregados sirvam com esmero á freguezia. Caminhadas ao sol, de madrugada até pela noite, com caixótes que pesavam regularmente... Ao lado do carrasco, apparece uma patrôa [illegible]; porém, *Nél* não sabe comprehendel-a. Amores, pois sim... Fatigado, *Nél* tenta outros meios de vida. Pouca sorte. Ameaça de uma tuberculose. Hospital. Outra vez a via sacra dos empregos. Mettido numa casa de commodos, infecta, faz relações com certo [illegible] que doutrina o communismo. *Nél* avança um pouco, mas, tomba vencido.

Dez annos de lutas improficuas! Certa manhã procura a praia do Flamengo, á hora do banho. Volta-se para o nascente. Depara com uma estrada divina, toda prateada, estrada de contos maravilhosos, que se dirigia ao sól, ao céu... Sentiu-se offuscado, attrahido...

E, sorrindo ao sól que sorria, atirou-se á agua e nadou, nadou, nadou...

Para chegar a este resultado, o novellista não carecia martyrizar o pobre *Nél*, mettendo-lhe na cabeça certos conceitos sobre problemas sociaes, principalmente no que diz respeito ás classes operarias.

Aliás, não conseguimos perceber os propositos do novellista, ferindo tal assumpto, que mostrou conhecer mui pela rama.

Derrotismo?! Literatura, apenas?

A resposta não é facil.

O autor dispõe de recursos para uma obra mais harmoniosa, e deve desprezar os termos torpes, que por vezes usou no seu livro. E' preciso não confundir realismo com porcaria.

Contamos applaudir o sr. Batista Alves em futuro proximo, quando quizer fazer uma exhibição mais equilibrada das suas qualidades de escriptor.

Aires da Mata Machado Filho — EDUCAÇÃO DOS CEGOS NO BRASIL — B. Horizonte — 1931

TRATA-SE de uma excellente monographia apresentada á Conferencia Nacional de Educação.

O trabalho é dividido em duas partes. A primeira, sob o titulo *O cego e a cegueira*, contem os capitulos: *O conceito da cegueira; Effeitos da cegueira* e *Methodologia dos cegos*.

A segunda parte, *Solução do problema*, está subdividida deste modo: *Nota predominante; Papel da educação dos cegos na ordem physica; Educação intellectual, moral, artistica; Valor economico, social e politico da educação dos cegos; O que ha no Brasil em favor dos cegos; Esboço de um plano nacional de educação dos cegos.*

E', pois, uma exposição systematizada, destinada a resolver um problema de alta importancia, qual seja tornar o cego um elemento util para a sociedade. No Brasil existem 33 mil cegos! E nós possuimos apenas tres institutos de ensino para os desherdados da luz. Como cego e professor do Instituto S. Rafael, o sr. Mata Machado estuda os principaes aspectos do problema angustioso, com argumentos de nitida clareza e linguagem sobria.

Trabalho de indiscutivel valor, digno de leitura e meditação.

Giovanni Papini — A VIDA DE SANTO AGOSTINHO — Civilisação Brasileira Editora — Rio — 1932 — 6$

ESTE é o grande livro de Papini, que ora apparece traduzido por Godofredo Rangel. Como explica o autor, não encontramos no volume, conforme as formulas actuaes, uma vida *romanceada*, isto é, ornada de recamos que nem por serem verosimeis se tornam menos imaginarios.

"Quiz relatar a historia exterior e interior do grande africano com probidade e simplicidade, extremando os factos certos daquelles apenas provaveis. Não se trata, igualmente, de uma paraphrase das Confissões — que aliás abrangem só os trinta e um primeiros annos de sua vida — nem de uma exposição integral das idéas de Agostinho, pois seriam precisos muitos volumes maiores que este, só para dar idéa de sua philosophia, de sua theologia ou de sua mystica. Quiz principalmente escrever a historia de *uma alma* e o pouco que disse sobre a immensa obra de Agostinho serve unicamente para projectar mais luz sobre o espirito que a concebeu e a apresentar uma imagem menos mutilada de sua grandeza. Não sou theologo; não poderia aventurar-me sem riscos na selva *espessa e vivaz* de seu systema; discorri como artista e como christão e não como patrologo ou escolastico."

Eis o plano da obra de Papini, sobejamente conhecida e bastante analysada.

Edgar Wallace — O COMMANDANTE DE ALMAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5$

TRATA-SE de um volume da apreciada *Collecção Para Todos*, cuja apresentação material dispensa elogio. Wallace, neste livro, mantém as mesmas caracteristicas do seu famoso genio inventivo, que o tornou predilecto da massa de leitores inglezes.

Paschoal Carlos Magno — ESPLENDOR — Edições Forja — Rio — 1931 — 5$

EIS um livro, cujo titulo está de accôrdo com o que nelle se contem. Esplendor!

Amanheci de coração contente...
Contente como o sol que faz cantar
canções de luz
as pedras do chão!...
Contente como o céu ardendo em pedrarias
de allegorias!
Contente como as arvores que estão
todas embandeiradas
de folhas verdejantes!
Contente como as fontes,
contente como os rios
que são
espadas liquidas
sangrando em sons o coração da terra!

....

Paschoal Carlos Magno é um poeta que se distingue pelo arrojo das imagens. Poeta moderno, na acepção do termo.

Cerebro cheio de claridades triumphaes... Por isso, as poesias deste livro são um canto de alegria. Fazem bem ao nosso espirito.

Eu acredito que me queres bem!
Tu só sabes dizer,
apaixonadamente,
longamente,
as syllabas do meu nome vulgar,
e emprestas ao meu nome a doçura da flor
que se abre ao luar,
o brilho das pedras preciosas,
a inquietude de uma asa
que só quer voar sobre o jardim da tua bocca!

....

Para este poeta, o amôr tem as sete côres do arco-iris! E' uma especie de festa pagã. Não é uma enfermidade. Nem serve de *motivo* para fazer chorar as meninas romanticas.

Has de vir como a morte!...
Has de vir como vem o fructo
depois da flôr!...

Has de vir!...
e ficarás unida á minha carne,
como a tua imagem vive presa
ao corpo do meu pensamento,
e ao sangue do meu coração!...

....

E' assim que elle espera o amôr. Fatalista, sabe que os destinos se cumprem...

Não preciso fazer o elogio da intelligencia de Paschoal Carlos Magno, que se destacou na phalange dos *novos*, desde quando publicou em 1925 o primeiro volume de versos: *Chagas de Sol*.

Surgiu victorioso. E ainda conserva a mocidade, a belleza da sua maneira de poetar.

Esplendor é um livro que se lê com encantamento.

Primavera! Ao teu poder a gente
tem a doce impressão
de que basta o azul do céu.

PPrimavera! Ao teu poder a gente
fica amando doidamente
a terra em que nasceu,
a terra brasileira,
onde a primavera é bella
porque é eterna como Deus.

Mario Poppe

GLORINHA (Capital) — *Prezada poetisa*, li a sua carta e os seus versos. E pelo texto da primeira, fiquei desconfiado que a *senhorita*... deve trazer barba, pelo menos, bigode á Carlitos...

E' possivel que o sr. tenha pedido a alguma dama para escrever a sua carta; esta, porem, reflecte um espirito masculino.

Engana-se a uma pessôa pouco habituada a receber cartas femininas. Mas, a mim, que não faço outra coisa? E' difficil.

Isso concorre para que eu o olhe com um desejo vivo de fazer piada com a *senhorita*...

Então, comecemos, *D. Glorinha!* Aqui vae a sua carta:

Senhor redactor do "Fon-Fon" Ha muito desejava eu publicar um dos meus sonetos nas paginas da vossa tão conceituada revista mas, sempre me tolhia o natural acanhamento de ver meus planos frustados.

Agora, porém, animado por amigos que leram os meus sonetos, ouso enviar-vos um deles — Recordação na esperança de, agvadando-vos, seja eu inscripto no rol dos que puderam ver seus sonhos dourados realizados.

Sem mais, subscrevo-me de v. s. cro, amo e obro. — *Glorinha*".

RECORDAÇÃO

Já de branco se veste a natureza.
Arvores nuas.... tudo enregelado
Lembra a solidão, a colossal grandeza
De um casarão ha muito abandonado.

Não mais se têm das rosas a beleza
Nem dos passaros o canto animado
nem mesmo a luz do sol tem mais viveza
naquele frio tempo pratiado.

Assim é a nossa vida de senões
Em meio de tão tristes illusões
Proprias de nós e da nossa idade

Mas quando dos enganos já curamos
Numa tristeza infinda recordamos
Quanto foi curta a nossa mocidade!

GLORINHA

Sente-se que o sr. é mau poeta; em compensação, daria um excellente illusionista, e seria capaz de, num theatro, se transformar, facilmente, num guarda nocturno e, trez ou quatro segundos depois, sair pelo outro lado do palco, fantasiado de bailarina ou melindrosa...

Si a poesia perdeu um poeta, o illusionismo, ganhou um transformista...

Parabens, *Mme. Glorinha*...

MARIA (Capital) — Recebi o numero do telephone, mas não me souberam informar nada a seu respeito. Estará elle truncado ou v. ex. quiz fazer uma pilheria commigo?

Não telephonarei mais. Entretanto, continuarei aqui ás suas ordens, entre 2 e 5 horas.

Quanto ao mais, não ha de que.

JULIA (Capital) — Ainda bem que v. ex. é dessas damas corajosas (será "jeune fille?") que têm a independencia de pensar e dizer o que pensam, por si mesmas.

Ha creaturas que são como as victrolas: só fazem repetir...

Mas vamos á sua carta. Vejamos o que diz v. ex.:

"Yves, Venho, mais uma vez, cacetea-lo, mas, tendo acabado de ler "Uma Garçonne Carioca", não posso resistir á tentação de vir felicitar o autor pela excellencia do trabalho produzido.

Bem sei que a minha opinião nenhuma importancia tem, mas conforme V. Hugo, "il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de la dire". Espero portanto que v. me permitta dizer que achei o seu livro magnifico. As suas descripções são esplendidas; vividas, impressionantes, dão-nos a impressão de "ver" o romance. Creia que passei cerca de uma semana sentindo uma especie de angustia, um "aperto de coração", que só senti ao ler "Le pêcheur d'Islande" e "Roman d'um spahi", de Loti.

Yves, v. é machiavelico! Aquella sua idéia de pedir ás jovens "innocentes" que não lessem o seu novo livro foi genial... Todas estão a lel-o, ás escondidas ou não. No Fon-Fon de hontem diz a Lou que traz o seu livro escondido sob o colchão; eu sei de uma que escondeu o seu romance no armario de "lingerie" entre pilhas de camizolas e outros artigos da mais intima indumentaria feminina... de v.

Como eu tenho inveja de v. Yves!... V. é tão querido!

Passando a outro assumpto, notei, na sua resposta á minha ultima carta, dizer v. que a minha letra, revela um bonito caracter. com isso é "blague", Yves! mulher com bonito caracter, não é possivel... Eu, o mais que posso ser é "boasinha"; e por isto subscrevo-me a mais obscura de suas admiradoras. — *Julia*".

Agora, as respostas:

I — V. ex. exaggéra. O meu livro não é uma maravilha, que possa ser comparado aos de Pierre Loti. Mas como v. ex. não me conhece, não precisa de mim para nada, e, ainda por cima, comprou o meu romance, é de crêr que seja sincero o que affirma. Ainda si v. ex. fosse poetisa, ou literata, que recorresse ao meu auxilio, eu poderia dizer: "Essa joven me está *tapeando*"... (Desculpe a gyria).

(Continúa na pag. seguinte)

II — Diz que sou machiavelico em ter pedido ás jovens innocentes que não lessem "Uma Garçonne Carioca"? Não vejo em quê! Quando escrevi "O Suave enlevo" não faltou quem me chamasse poeta de "melindrosas" e de agua com assucar. Soffri os mais grosseiros ataques. Para responder a essa cáfila de maldizentes foi que escrevi o meu romance. Quiz provar que era capaz de fazer uma obra forte.

Conhecendo, por outro lado, a hypocrisia humana, diverti-me em fazer aquella advertencia. Realmente foi peor a emenda que o soneto. Os livreiros declararam que o grosso dos compradores do romance são exactamente as "jeunes filles" innocentes... Que culpa tenho eu?

III — Pondéra v. ex.: "Mulher com bonito caracter não é possivel... Eu, o mais que posso ser é boasinha"...

Ora, v. ex. lê tudo ao pé da letra. Quando digo um bello "caracter feminino" quero significar: um caracter bello, porque completo. Completo nos defeitos. A começar pela arte de mentir... Entendeu?

De resto, si v. ex. é "bôasinha", é signal de que não é uma "bôa"...

Só se diz que uma mulher é "bôasinha" quando não é possivel dizer que ella é intelligente e bonita. Então, vem logo a piedade: "Sim, mas é tão "bôasinha"...

Si v. ex. é apenas "bôasinha" e não é "bôa" — queira acceitar os meus pezames...

Gostou?

MORAES CARVALHO (Capital) — Possivelmente, seu conto será publicado.

GUILHERME DE AMAURY (Capital) — O seu poema não está máu. O thema, porém, é velho e batido demais.

Emfim, dos males o menor. Quando houver espaço — um espaço de legua e meia — o seu trabalho será publicado.

Os poetas aqui levam desvantagem por dois motivos razoaveis:

1º — porque não fazem... prova; 2º — porque escrevem poemas que poderiam dar á volta ao mundo, duas ou tres vezes. Uff!

AIMERY (S. Paulo) — Ui! Que susto! Quando abri a sua cartinha azul e vi letra de homem, fiquei pallido como um devedor que vae acompanhado da namorada e — zás! — dá de cara com um "cadaver"... Pensei que v. ex. fosse mais um — mais um! — poeta... d'agua doce... Felizmente não era um poeta. Mas, infelizmente, era uma poetisa... Ai de mim!

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

As poetisas! Deus do céo! V. ex. faz literatura. Leiamos a sua carta, com a maior attenção. Lá vae ella:

"Caro Yves. Zangadinho hein? Mesmo assim tomo a ousadia de mais uma vez abusar da tua tolerancia e paciencia para com esta enfadonha Aimery, que apezar de mulher, admira-te muitissimo e segue com interesse sua carreira intellectual.

Fazendo o dia de hoje lembrar as creaturas que queremos bem, mesmo os amigos que conhecemos sómente pelo pensamento, não quiz deixal-o passar sem desejar-te uma feliz Paschoa.

Na minha solidão de mulher que já foi feliz e que hoje nada mais é que uma folha cahida da arvore da vida e que o vento do destino, apezar de sua revolta a levou sem o menor esforço por uma estrada até então desconhecida, hoje mais do que os outros dias, sinto o vasio de uma vida sem lar.

Yves, si eu podesse sonhar!... dar azas ao meu pensamento, deixal-o vagar no jardim da illusão, despojado desta mascara de ferro que me afivela a alma; procurar nas alas deste jardim o caminho que me levasse a fonte dos affectos, e ahi sorver com lentidão a agua pura e crystallina que faz com resignação soffrer os golpes que a fatalidade nos desfere...

Mas a realidade é dolorosa, e se sonhamos um dia a fumaça da desillusão nos suffoca e o despertar nos deixa o coração em farrapos.

Acreditas na Felicidade Yves?

Sempre ouvi dizer que é uma mulher irresistivel e seductora; que seu palacio é construido no alto de uma montanha, de facil ascendencia, porém os que sentem a doçura de seu olhar o encanto de sua formosura e que arrojam a seguil-a pela estrada de seu castello, nada mais conseguem que cançar-se e perdel-a de vista...

A illusão é mais nossa amiga. Nos promette tudo, nos dá tudo, nos faz crêr que ainda existe sentimentos; que embora alliados a dôr, é um raio de sol, quente, callido, num dia triste de garôa em nossa alma.

Vivermos na esperança de achar a nossa alma gemea é viver na illusão, mas assim mesmo esta illusão não deixa de nos encorajar para emprehender a viagem ao castello da Felicidade.

* * *

Porque enfadar-te com estas divagações de minh'alma, quando és um homem com milhares de preoccupações? Oxalá ella não sirva para uma resposta ironica.

Espero que o Yves, ponha de lado esta mascara que o faz tyranno e quero crêr que não o aborreço, pedindo tolerancia para. — *Aimery."*

Depois de muito espremer a sua literatura — afim de vêr si ella dava succo — só espirraram duas phrasesinhas: A 1.ª: "Acreditas na Felicidade, Yves?" A 2.ª: "Vivemos na esperança de achar a nossa alma gemea é viver na illusão, mas assim mesmo esta illusão não deixa de nos encorajar para emprehender a viagem ao castello da Felicidade..."

Pensei que a viagem fosse ao morro do Castello... Eu já ia dizer: "Não existe mais".

Voltando á felicidade. Não creio que esta exista; mas creio na intelligencia feminina. Dirá: mas que tem uma coisa com outra? Tem sim... Uma joven pouco intelligente (sempre supponho que todas as minhas leitoras nunca passam dos dezeseis annos...) é uma joven feliz. Porque ella não soffre a amargura de desejar, de acalentar ideaes, de querer uma coisa difficil, etc. Não se mortifica em pensar, em crear, em conceber (o seu espiritualmente, é claro) e seu ideal é rasteiro como a grama e vôa baixo como os mosquitos e as moscas. Pensar, ella tem os paes, os irmãos, os noivos os maridos que pensem por ella. Desejar, ella só deseja um bungalow, um auto

O artista (que deve dois mezes de aluguel á dona da pensão). — Diga-me madame: não desejaria "posar" para um quadro meu, intitulado "Belleza"?

novel, bellos vestidos e photographias de artistas cinematographicos.

De modo que a vida para uma senhorita pouco intelligente é uma cousa deliciosa e risonha. Logo ella é feliz. E, assim, fica provado que ha uma estreita relação entre a felicidade e a intelligencia feminina.

E, agora, — até sabbado.

MYRIAM LUCIA (Espirito Santo). — Outro poeta? Livra! Mas não é... Felizmente é uma formosa senhorita.

Que me dirá de novo essa creatura sympathica?

Abro a sua missiva e leio-a religiosamente:

"Yves: Bom dia. Compreendi, perfeitamente, o significado da sua resposta.

Outra vez, ironia... Mas não me senti offendida com suas palavras; já as esperava. Compreendi-as somente. E ha momentos em que, comprehendendo as palavras de outrem, já fazemos alguma cousa.

Agradecida, Yves...

Esta "agradecida" é a melhor retribuição que esta senhorita "talentosa", como você a classificou, pode lhe enviar.

E você, que tanto talento possue, me comprehenderá, como eu, sem talento, algum, comprehendi.

Ironia... Como você é provido della, Yves... e como eu o lamento...

Quando leio suas cronicas, fico pensando, tentando descobrir o "porque" do seu desdem. Sim; você ha de ter um "porque", qualquer que elle seja.

E é por isso que eu o lamento, porque você, "seu" Poeta-ironico, não teve forças para occultal-o. E hoje você espalha sobre todas as pessoas, um pouco do seu desdem, quando somente "aquela" pessôa o merece.

Os innocentes não devem pagar pelos culpados... ou culpadas. Você deve abandonar essa ironia, esse "pouco caso"...

Você assim tornasse aborrecido.

Desculpe-me e não me queira mal. — *Myriam Lucia.*"

Ahi está! V. ex. ficou zangada porque eu a chamei talentosa! Santo Deus! Então, um elogio é uma offensa?

E diz, por isso, que sou um cidadão ironico, e mais isto e mais aquillo.

Ora! Prefére então que a chame — joven de poucas letras? E diga que v. ex. não é intelligente? Não é possivel!

Num revide ingenuo, v. ex. procura fazer crêr que eu é que sou talentoso... Mas, essa é bôa!

Então, v. ex. escreve cartas lindas, como a de hoje, e eu é que sou talentoso!... Não, mademoiselle! Não me dê os seus titulos. O que posso fazer é pedir a Deus para tornal-a ainda mais talentosa do que é...

Amem.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nós solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 9-4-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

ESTYLOS

(*Continuação*)

COMO o compositor musical, o literato procurará a harmonia dos sons. Fugirá aos cacophatons e ecos. E' sabido que as homophonias mais communs são formadas pelo abuso dos adverbios de modo com a terminação *mente* e as mais desagradaveis, as das palavras terminadas em *ão* — pesadas, duras. O *ão* faz o effeito dos bordões nos instrumentos: necessario para enrouquecer solennemente o som, deve, porém, ser usado com parcimonia. Musica onde os g r a v e s predominem trovôa.

No Brasil, o grande exemplo do periodo longo, *redondo*, cheio de imponencia, com colorido severo e intenso é Ruy Barbosa. Escriptor de folego. Muito eloquente:

"Os demagogos não perdem nunca as lições de prepotencia e desordem que os governos lhes dão com os seus actos. Uns e outros estão, nesse caso, fóra da lei, mas os governos mais indesculpavelmente do que as turbas populares. Os governos são corpos deliberativos, onde cumpre que reine a meditação, o estudo, o conselho e o senso da responsabilidade; ao passo que as multidões são marés crespas, aguas vivas dominadas por traiçoeiras correntezas, agitadas de ventos marulheiros. Um sopro as empola, uma repentina mareta as engrossa, uma enchia as estende além da ourela da praia, um meteoro inesperado as sacode, espumando contra os recifes. E em todas as costas do mundo o phenomeno é o mesmo. O engenho do homem ainda não inventou o meio de conter e disciplinar esse elemento minaz e caprichoso, torvo e soberano. Dae-lhe a consciencia e é o maior dos poderes. Tirae-lh'a, e será o mais formidavel dos perigos."

Mas, o que sobretudo empolga em Ruy Barbosa são os seus conhecimentos scientificos e idéas adeantadas. O fundo é o principal. A fórma é como a roupa: creatura bonita, ficará fascinante si trajar com elegancia. Comparaveis a manequins bem vestidos são os bellos estylos sem idéas. Sonoridade ôca. Por conseguinte, o que mais devemos aprender é a observar e reflectir

---

Verdade dita com elevação e belleza:

"Somos, realmente, uma nação que morre, como os doentes imaginarios, de se crer morta. Com a cova se casam os que se convenceram de estar ás mãos da morte. A *resolução de viver é a alma da vida*." (Ruy Barbosa).

Ruy tem muito dessa elegancia no modo de dizer:

"O movimento humano segue o seu curso torrentoso, e fatal, a que os pasmosos successos desta conflagração rasgaram brechas immensas na muralha dos velhos interesses."

"Um desses momentos de coração em que mergulho na verdade como num banho de sol reanimador."

"Os escandalos que se desgalgam dessas assomadas, rolam com o peso da sua enormidade e da sua quéda, arrasando a vergonha nas almas."

"A humanidade inteira offerece o regaço de mãe inconsolavel aos restos viventes do exidio pavoroso, ás familias sem lares, ás nações sem territorio, ás almas e povos espedaçados, que derivam no rebojo da corrente ensanguentada." (Ruy Barbosa)

"O dom de sentir será sempre a primeira condição para ter estylo", ensina Albalat. "Não conseguiremos a originalidade expressiva senão pela profundidade da observação".

"Será bem escripto tudo o que foi bem pensado. Phrase obscura e confusa é o echo de pensamento sem nitidez e o signal certo de conceito vago, mal definido no espirito". (Xavier Marques)

Dão força ao estylo varios adjectivos juntos, *quando não são synonimos*. Pois synonimos reunidos dão em inutilidade vaidosa que só afrouxa o estylo:

"A casa muda, apagada, toda aberta ao calor da noite." (Eça de Queiroz)

Fujamos das phrases feitas. Por melhores que sejam, desagradam. Porque não são nossas. E, lembrando outras personalidades, diminuem a personalidade de quem as emprega.

"O trabalho de creação de expressões, como tudo quanto significa innovação, coube sempre a um numero restricto de individuos. A maioria, as grandes massas limitam-se a imitar, com pequenas variantes ou alterações, apoderando-se da novidade e della fazendo barato. Assim o "abysmo do tempo" será sempre "insondavel". Todo grande erro é "crasso" ou "palmar". O inimigo, "fidagal", etc. A nomenclatura dos vulgarismos deste genero formaria volumes. No cerebro do phraseador sem iniciativa, que não vê os objectos de que fala, do negligente ou simplesmente aferrado ás normas e fórmas tradicionaes, pullulam prodigiosamente desses blocos de palavras. Basta-lhe a memoria, a provida memoria onde se lhe armazena o material de todos os discursos." (Xavier Marques)

(*Continúa*)

MURILLA TORRES

O QUE SE DEVE SABER

OS FANTASMAS DO OCEANO

Não é de hoje que a gente do mar vive preoccupada com noticias relativas a navios mysteriosos que apparecem e desapparecem no Oceano Atlantico.

Quasi todas as discussões que o assumpto tem originado trazem sempre á baila a lenda famosa do "Navio Fantasma", que inspirou a Wagner uma das suas composições.

A origem dessa lenda é a seguinte: Cornelio Vanderdecken, navegante hollandez, fazia uma das suas viagens quando, ao se preparar para dobrar o Cabo da Boa Esperança—(a esse tempo ainda não existia o isthmo de Suez)— furiosa tempestade e ventos contrarios o obrigaram a mudar de rota. Por mais, porem, que fizesse, o capitão hollandez, durante dois mezes permaneceu a nave sem poder tomar rumo certo, açoitada pelas fustigações. Isto desesperou Vanderdecken que, ajoelhondo-se no tombadilho, maldisse o Céo e jurou que atravessaria o Cabo da Boa Esperança, ainda que tivesse de lutar até o dia do Juizo final.

Immediatamente, o vento mudou de direcção e se lhe tornou favoravel. O capitão mandou, então, largar as vélas, mas, apezar do navio mover-se rapidamente não avançou sequer um nó. O céo acceitara o desafio do blasphemo, condemnando-o a navegar eternamente sem nunca alcançar um porto.

Essa estranha lenda encontrou muitos credulos entre os marinheiros supersticiosos, nos annos de 1700 a 1800, e assegurava-se que a apparição do "Navio Fantasma", tambem conhecido pela denominação de "Flying Dutchman" — o hollandez errante — era signal de desgraça.

Não faltaram navegantes, velhos e austeros, a affirmar, de boa fé, terem encontrado o "Fantasma dos Mares." Outros asseguravam haver visto o navio mysterioso atravessar seus proprios barcos em forma espectral, com suas velas diaphanas.

O "Navio Fantasma" é, realmente, o mais famoso dos lendarios fantasmas do mar, mas não é o unico.

Em 1647, em viagem inicial, partia um barco de Newhaven, onde fora construido. Não se tendo mais noticias do mesmo, todo mundo o julgou perdido em alto mar.

Numa noite de junho, porem, em meio de horrivel tempestade, foi visto entrar na bahia de Newhaven um navio logo reconhecido como sendo o que se considerava perdido. Navegava contra o vento e chegou até o limite da cidade. Logo, porem, desappareceu, em meio ao pasmo e assombro da gente do logar, que se agglomerara á margem do rio para vêl-o entrar.

Desde então, nas noites de tempestade, muito lobo do mar affirma ver o barco, que entra pelo rio para logo desapparecer.

"O espectro da chalupa" é outra lenda maritima nascida de uma tragedia amorosa.

Uma moça e um joven marinheiro casaram-se e celebraram as bodas num passeio maritimo pelos arredores de Saint-Mala. Um rival despeitado, architectou cruel vingança, que poz em pratica, chocando sua barca contra a dos noivos, que foi a pique, morrendo quantos se encontravam nella.

Asseguram os bretões que em certas noites de neve ou de tormenta se vê a chalupa conduzida pelo espectro do rival feroz. E essa apparição é de sinistro augurio para os navegantes, pois annuncia naufragio.

O HOMEM QUE ODIAVA AS MULHERES

A senhora Batley pertencia a uma distincta e antiga familia ingleza, mas revezes de fortuna a obrigavam a soffrer que Linda, sua filha única, desempenhasse o cargo de bibliothecaria no *Daily Telegram*, onde tinha sob suas ordens, dois ou tres auxiliares.

Quando a joven chegou, naquelle dia, ao seu posto de trabalho, Danny Turner, um collega, a esperava.

— Já sabe a ultima noticia? — disse-lhe. — Esse tal Spencer, de quem tanto se fala, comprou o *Daily Telegram*.

— E ganhamos com o facto?

— Ganhamos?... Vou contar-lhe alguma coisa a respeito desse honrado John. Elle veiu aqui ha cerca de dez annos. O homem não tinha nada e queria que lhe comprassem uns poemas de sua autoria. Como é de suppôr, não foi attendido, e sahiu daqui silencioso e cabisbaixo. Depois se transportou para a Australia, e ali fez uma grande fortuna. Agora regressou á Inglaterra e comprou o *Daily Telegram*. Dizem que odeia as mulheres.

Vinte e quatro horas depois de tomar posse do *Daily Telegram* o novo proprietario, foram despedidos dois reporters femininos e tres empregadas da administração.

— Hoje é sua vez, senhorita Linda — disse Danny a joven bibliothecaria. — O chefe resolveu pôl-a na rua.

Nesse momento, appareceu John Spencer.

Linda gostou do aspecto de John. Era alto, moreno, forte.

— Communico-lhe que esta noite a senhorita deixará de trabalhar aqui. Mandar-lhe-ei pagar o mez e dar-lhe-ei um attestado de excellente conducta. Vou collocar, no seu serviço, quatro homens.

E, falando assim, Spencer retirou-se, dixando Linda branca de raiva.

A' meia noite, Linda e seus auxiliares deixavam o *Daily Telegram* para sempre.

— Viste o jornal, minha filha — perguntou a senhora Batley. — Publica poesias na primeira pagina.

— Quem as firma?

— Não estão assignadas. Ao pé de um poema uma inicial: um jota. Os versos me parecem horriveis.

Linda pensou que John Spencer era louco. Se achava absurdo que elle despedisse todas as mulheres de seus escriptorios, muito peor era o facto de publicar suas péssimas poesias no *Daily Telegram*.

Transcorreram seis semanas. Linda conversava em seu aposento com sua amiga Constance Paris acerca do que chamava odiosa conducta do senhor Spencer. Era seu assumpto predilecto. Linda acabava de mudar o vestido e ia fazer o mesmo com os sapatos.

— E's uma infeliz! — disse Constance, que se achava sentada aos pés da cama de sua amiga. — Si eu estivesse em teu logar, ficaria na imminencia de transformar-me na senhora Spencer.

— Tola! Presumida! — exclamou Linda, atirando na direcção de sua amiga o sapato que tinha na mão, mas com o cuidado sufficiente para que o mesmo não a attingisse.

O sapato, lançado com mais força do que a que a joven queria imprimir-lhe, descreveu uma curva e foi cahir á rua, passando pela janella que se achava aberta.

Ouviu-se um grito.

As duas moças se debruçaram á janella. Um automovel havia derribado um dos postes da illuminação e estava na calçada, junto á porta de entrada da casa.

— Saiamos! — disse Linda. — Talvez haja algum ferido.

E precipitou-se para a porta, seguida de sua amiga. A primeira pessôa que a joven viu na rua foi John Spencer. Estava em pé ao lado do chauffeur, que parecia ferido.

— Podemos prestar-lhe algum auxilio? — perguntou Linda.

— E' coisa sem importancia — respondeu Spencer. — Algum lunático atirou por uma dessas janellas um sapato, que veiu bater nos olhos do chauffeur. O auto se desviou, então, e foi de encontro ao poste de illuminação. O *chauffeur* ficou ligeiramente ferido.

— Levemol-o para casa, que fica no andar terreo — disse Linda.

Apesar de seus protestos, John e Linda conduziram o motorista para dentro de casa e o recostaram em um sofá. John fez chamar um medico, pelo telephone.

— O medico virá immediatamente — disse o senhor Spencer, quando regressou á sala. — Sinto muito o incommodo que lhe estamos dando, e fico-lhe immensamente reconhecido. Chamo-me John Spencer.

A joven suppoz que elle não a tinha reconhecido.

— Linda Batley, para servil-a — respondeu. — Eu fui a lunática que atirou o sapato pela janella. Foi um accidente. Lamento-o profundamente.

Elle olhou Linda com mais attenção, sem, no entanto, dar mostras de reconhecêl-a.

Entrementes, chegava a senhora Batley, que se achava ausente.

— O menos que podemos fazer pelo senhor — disse ella a John, quando se inteirou do occorrido — é convidál-o a tomar chá.

Emquanto tomavam chá, falaram de diversas cousas, entre ellas de pessôas conhecidas de um e de outras. A senhora Batley referiu-se a uma rica americana, a senhora Harrington Harris, que lhe havia arrendado sua casa, em Penfield Hall. Spencer disse que fôra convidado a morar em companhia do casal Harris.

— E espero vêl-as alguma vez em Penfield Hall, senhora Batley — ajuntou.

Quando Spencer se retirou, Linda foi buscar um

NOVO PREPARADO VALIOSO

Um tratamento com Radium póde ser feito agóra em casa

O tratamento com Radium emprega-se, como é geralmente conhecido, na maioria dos grandes hospitaes em todo o mundo e milhares de medicos approvam o tratamento com o Radium devido aos seus effeitos incontestaveis e a sua alta efficiencia no tratamento de determinadas doenças. Por isso deve ser de interesse geral e este facto é realmente digno de ser notado que foi conseguido agóra a producção de um sal de mineraes contendo sempre certa quantidade de Radium genuino e justamente nas dóses scientificamente necessarias para ser o tratamento do rheumatismo, sciatica, fraqueza dos nervos, insomnia, má digestão, anemia e arteriosclerose.

Graças ao seu poder radioactivo, que lhe é conferido devido conter o elemento Radium, póde este preparado substituir as aguas das fontes radioactivas as mais celebres da Europa. Este producto foi agóra posto a venda sob a denominação commercial de Sal-Miradium, custando somente Rs. 30$000 por vidro com contéudo sufficiente para um mez de tratamento.

molho de jornaes. Entre estes, havia alguns numeros do *Daily Telegram* que estampavam as poesias em questão. A moça leu uma que lhe pareceu pessima.

"De todas as mulheres que conheci — só me lembro de ti, meu bem amado."

Quasi machinalmente, Linda recortou as poesias dos jornaes e guardou-as.

Jantava-se em casa da senhora Parks. A' sobremesa se falou na imprensa moderna.

— A missão do jornal é importantissima — declarou Spencer. — Por elle conhece o leitor quanto lhe interessa.

— Mas os jornaes só falam de brigas, de accidentes e de mortes repentinas — disse uma senhora.

— Tambem publicam muitas outras coisas interessantes — apressou-se a dizer John.

Linda julgou chegado o momento de vingar-se de Spencer.

— Oh! O senhor Spencer é um incuravel romantico — disse ella. — Basta ler suas poesias para se ter a certeza.

— O senhor Spencer já publicou alguma coisa? — perguntou uma senhorita.

— Pergunte-o a senhorita Batley — respondeu o interpelado. — Ella parece melhor informada do que eu. Linda se poz, então, a recitar:

— "De todas as mulheres que conheci — só me lembro de ti, meu bem amado..."

O senhor Spencer guardára silencio.

— Por que se mostra tão aggressiva commigo? — perguntou John a Linda, aquella noite, quando dançaram juntos.

— Aggressiva com o senhor? Não creio que haja tal coisa — respondeu a joven.

— Sim. E isso me enche de pesar. Além do mais, desejava saber como conhece esses poemas.

— O senhor devia sentir-se lisonjeado.

— A senhorita não falou delle para lisonjear-me. Fel-o com o exclusivo fim de ridicularizar-me.

— Parece-me que dá muita importancia a esse incidente — exclamou Linda.

Ambos permaneceram silenciosos o resto da noite. Quando terminou a festa, John disse á senhora Batley:

— Sei, pela senhora Harris, que a senhorita Linda recebeu um convite urgente para ir a Penfield Hall. Si a senhora approvar, sua filha poderá viajar em meu carro. Eu vou agora para ali.

A senhora Batley consentiu, encantada, e Linda, por sua vez, tambem não fez a menor objecção.

Partiu o carro com destino a Penfield, e John e Linda puzeram-se a conversar como si fossem dois velhos amigos.

— Aprendi muito desde que regressei a Inglaterra — disse Spencer á senhorita Batley. — Mas... sentia incommodal-a falando-lhe de mim.

— Posso supportal-o. Ou melhor: gosto de ouvil-o.

— Não acreditava que o dinheiro fosse o elemento mais importante do mundo. Isto é, pensava assim quando precisava delle.

— E agora?...

— Agora, que o tenho, vejo que por si só não traz a felicidade a ninguem. E quanto a meus poemas... Eu suppunha que não o acceitavam por ser obra de um desconhecido, mas agora vejo que o faziam porque eram muito ruins. São pessimos, não é verdade?

— Não sei. A mim eles me agradam — respondeu a joven.

— Tambem modifiquei minha opinião a respeito das mulheres — continuou o senhor Spencer. — Já não as acho todas interesseiras e frivolas.

Como o motor trepidasse de maneira que lhe pareceu estranha, John Spencer, que entendia pouco de mecanica, parou o carro e desceu para ver a causa daquelle ruido.

Nesse momento, uma motocycleta que descia velozmente o declive que, naquelle ponto, formava a estrada, o atropelou violentamente, atirando-o ao chão. A motocycleta descreveu um zig-zag e esteve na imminencia de virar, mas seu occupante conseguiu recuperar o equilibrio e, sem duvida, para fugir a responsabilidades e livrar-se de um flagrante, accelerou a marcha e se perdeu nas sombras da noite.

Linda saltou, pressurosa, do automovel e correu para John, que se achava no solo, sem sentidos.

A estrada branca estava deserta e silenciosa. Não se podia, assim, impetrar auxilio de ninguem.

A moça tomou um dos pharóes do carro e examinou o rosto de seu companheiro de viagem. John tinha um ferimento na testa, de onde manava um pequeno fio de sangue.

Com uma energia que era sua caracteristica, vendou com um lenço a fronte do ferido.

Depois, com grande esforço, collocou John no carro, accomodando-o de fórma que levasse a cabeça apoiada no coxim do assento. Por fim, empunhou o volante e uma hora depois chegava, com o ferido, a Penfield Hall.

Linda permaneceu dois dias em Penfield, mas nem siquer viu o ferido. O medico prohibira em absoluto que elle recebesse visitas.

Vinte dias depois, o *Daily Telegram* dava a noticia de que seu proprietario partira para o estrangeiro.

Transcorreram seis semanas. Linda recebeu o seguinte telegramma urgente:

"Chegarei ao aeródromo de Croydon ás duas da tarde. Rogo-lhe que me espere ali. — *Spencer*."

No aeródromo, ninguem sabia da proxima chegada do viajante. Mas, á hora indicada, chegou o aeroplano, e John, pressuroso, correu ao encontro de Linda.

— Posso esperar que vôe commigo? — perguntou-lhe com a mesma naturalidade como si a houvesse visto no dia antrior.

A joven accedeu de bom grado, e, a dois mil pés sobre o espesso bosque, John lhe confessava o seu amor e lhe pedia a honra de tornal-a sua esposa.

NORMAN VENNER

O SINEIRO DE KERKRIST

(Lenda bretã)

CONNEN dormia profundamente quando sua mulher o despertou, gritando:

— Não ouviste, Yves?

— O sineiro g r u n i u uma resposta e voltou-se, para continuar o somno interrompido.

Mas a mulher o sacudiu com força, e disse:

— Garanto-te, Yves, como não fechaste a porta do campanario.

— Como não?... Estás sonhando, Jaddick... Deixa-me tranquillo.

— Então, por que tocam os sinos?

Connen endireitou-se para escutar.

Com effeito: o vento tempestuoso que assobiava ao passar pelas aberturas de portas e janellas, e a r r a s t a v a em rápido torvelhinho as folhas sêccas, trazia, claramente, o s o m dos sinos.

— E' verdade — disse Yves: — são os sinos de Kerkrist... Alguem se escondeu no campanario.

Levantou-se, vestiu-se, acendeu sua lanterna e antes de sahir, olhou o relogio. Era meia noite.

Fóra, tudo estava na mais completa escuridão. Connen se poz a andar pelas ruas solitarias. De vez em quando, se via um débil fulgor.

Era o fogo que se deixava acceso no lar, na noite dos mortos, para que as almas viessem e pudessem reconhecer as casas.

Ao passar por uma choça isolada, Yves olhou para dentro, pela janella, e ficou absorto. Yannick, o lenhador, que havia sido enterrado seis semanas antes, estava ali, sentado deante do fogo.

O sineiro, temeroso, se afastou.

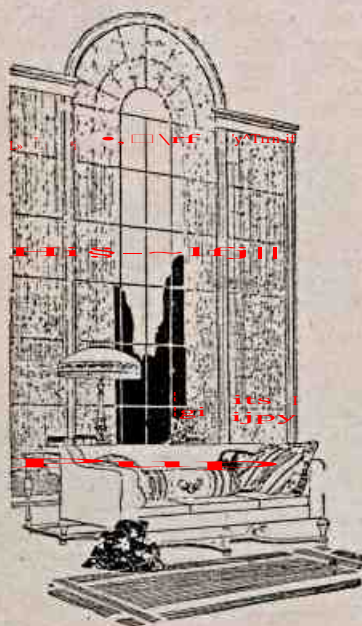
Ao chegar á praça da igreja, não mais ouviu os sinos.

— Jadik deve ter sonhado e eu tambem — pensou. — Será melhor que eu volte.

Chegou, no emtanto, até a porta, verificou que a mesma estava bem fechada e regressou, então.

Não havia caminhado uma centena de passos, quando ouviu, distinctamente, v i b r a r e m os sinos.

— Oh! — exclamou. Agora não ha mais duvida. Ha alguem lá em cima.

Voltou sobre seus passos, abriu a porta e entrou na igreja. Esta se achava ás escuras. Os tamancos de Yves resoaram lugubremente sobre os ladrilhos.

De Georges Guillaumot

A' direita, atraz de uma pilha de cadeiras, se achavam as cordas dos sinos.

Connen illuminou-as com a lanterna e viu que pendiam immoveis apesar de, no alto, continuar, cada vez mais forte, o furioso badalar.

Para subir á torre, havia uma estreita escada de pedra. Disposto a ir até o fim, Yves abriu a porta que dava accesso a ella. Um golpe de vento o fez vacillar e apagou a lanterna. O sineiro, que havia subido já alguns degráos, se deteve, indeciso. Tinha frio, e o ar gelado que vinha de cima o fazia bater os dentes.

De repente, teve a sensação de alguem se dirigia para elle. Era um ruido leve de passos que desciam os degráos.

Connen, com os olhos desmesuradamente abertos, procurava em vão enxergar nas trevas que o rodeavam. O ruido se approximava. Já não havia duvida possivel. O sineiro sentiu respiração perto de si e extendeu os braços para impedir o caminho. Mas apenas um sopro gelado lhe açoitou o rosto, e os passos se perderam ao longe.

Yves, então, precipitou-se, saltando sobre os bancos, tropeçando nas cadeiras que encontrava no caminho. Um suor frio cobriu-lhe a fronte.

Ao chegar á porta da sacristia, viu luz dentro e ouviu ruido de papeis, como si alguem estivesse compulsando as folhas de um livro.

Aproximando-se, o sineiro viu sobre a mesa dois grandes livros que conhecia muito bem. Um era o dos nascimentos. O outro, o dos obitos.

Era o vento, ou mãos invisiveis para os olhos humanos?

O certo é que Yves viu que, umas após outras, as folhas do livro onde se registavam os mortos, iam desfilando deante de seus olhos.

As paginas ficaram, depois, immoveis. O sineiro, vencendo seu terror, se aproximou para olhar.

Na primeira linha se lia um nome: Yves Connen.

A mão invisivel havia escripto aquella sentença.

Connen soltou um grito e cahiu de costas, ali mesmo, emquanto os sinos continuavam tocando com mais força...

UM MOMENTO DE INQUIETUDE

FRANCISCA RIVAS, a elegante e vivaz esposa do rico industrial Ernesto Rivas, se divertia a grande. O pintor Armando Albin não se havia apaixonado por ella?

Uma amiga a quem Francisca contava o facto, lhe respondeu:

— Hum! Hum!... Mas é realmente encantador esse rapaz. Dizem, tambem, que tem muito talento. Si consentisses que elle pintasse o teu retrato, algum dia isso poderia valer muito.

— Algum dia... — ironizava Francisca. — Quando?... Em primeiro logar, confesso-te que não entendo muito o seu talento. E' pintura moderna: brutal e nunca parecida. Eu quero um retrato que me embelleze. Oh! Elle já me pediu bastante que *pose* para o seu pincel.

— Fizeste mal em recusar.

— Não, porque, além da pintura, as sessões se tornariam perigosas, dado o actual estado de espirito desse rapaz. Até agora se limitou comigo a allusões mal dissimuladas, porque eu sempre faço que não comprehendo. Mas, si o deixasse chegar a uma declaração em fórma, isso me incommodaria. E' uma intelligencia que não deve comprehender com meias palavras, e me repugna empregar palavras duras.

— Ora! Confessa que esse amor não te é desagradavel!

— Uma mulher não acha nunca desagradavel que um homem se apaixone por ella. E digo-me mais que estou muito longe de achar aborrecida a palestra de Albin. Elle tem bellas idéas. Isso compensa um pouco das phrases vulgares dos amigos de meu marido, que só falam de negocios ou de politica. Mas, embora goste da convivencia desse pintor, não quero de maneira alguma alentál-o em suas pretenções.

— Então permaneces distante, altiva com elle?

— De modo algum! Somos muito bons amigos. Vou dar-te uma prova. Elle me pediu que eu fosse ao menos fazer uma visita ao seu *atelier*. E eu lhe prometti que iria.

— Diabo!

— Mas não! Albin é casado... Certamente com alguma antiga modelo. Disse-me seu nome; chama-se Maria Luisa. Fez-me ver que sua mulher é muito simples. Já sabemos o que isto quer dizer. De resto, não devem ser ricos. Vejo daqui sua casa. Um chaletzinho com um pequeno jardim. Um canteiro de malvas, outro de salsas. A senhora Albin deve criar gallinhas. Vês, pois, que não ha nenhum perigo, porque ella estará ali.

* * *

Francisca Rivas pensava na mulher de Albin emquanto se dirigia á casa de sua modista para encommendar um vestido elegante e um chapéo *raffiné*. Na realidade, se sentia lisongeada pelo amor quasi confessado do joven pintor. Ella a deslumbrava com sua elegancia, suas *toilettes*, sua situação de mulher rica. Não lhe era desagradavel brincar um pouco com aquella paixão nascente. E ainda que estivesse bem decidida a não ir adeante, sua pequena vaidade de mulher linda e mimada gostava de offuscar aquelle modesto casal, chegar á casa delles como uma rainha, examinar os quadros com ar superior e, sobretudo, inquietar a senhora Albin, que se po-

De Pierre Valdagne

ria a tremer vendo uma Francisca de tão supremo chic recebida com sorriso perturbado pelo pintor. A antiga modelo devia presentir que Armando Albin estava apaixonado por Francisca. Como poderia ser de outro modo? A mulher legitima devia têl-o adivinhado só pela maneira como o pintor lhe falára em sua belleza, em seu salão e em seu luxo.

Francisca ostentava um ar triumphante ao entrar aquelle dia, em uma grande casa central, para uma pequena compra.

E eis que, passando por entre as vitrines, ao chegar á secção de *Confecções para senhoras*, reconheceu em um casal o pintor Albin e uma mulher que outra não podia ser sinão Maria Luisa. Esta tinha na mão um vestido, bastante gracioso, e cujo preço modico a vendedora frisava. Certamente o artista resolvêra aquella compra em vista da proxima visita da Francisca a seu *atelier*.

Um pequeno frémito de vaidade roçou, o coração de Francisca. Ella quiz contemplar o casal mais de perto e mais longamente e se dissimulou atraz das compradoras.

E só via ao lado do pintor uma mulher encantadora, muito simples, é verdade, mas deliciosa. De certo fôra ella mesma quem fizéra seu chapéo, que, entretanto, lhe sentava maravilhosamente. Tinha grandes olhos negros, muito doces, e uma pelle admiravel. Consultava o marido com ar timido e cheio de graça. Adivinhava-se que, para ella, elle era o árbitro supremo, o grande mestre em tudo. Elle, indifferente, com ar aborrecido, parecia pensar em outra coisa...

De repente, na alma frivola da senhora Rivas, houve um choque. Francisca enrubeceu como sob o golpe de uma revelação subita. Nem siquer reflectiu. Aproximou-se do casal e extendeu a mão ao pintor, que empallideceu pela surpreza.

— Que bom encontro! — disse Francisca. — Apresente-me a sua senhora.

A outra ficou toda confusa. A principio, não encontrára palavras.

— Meu marido, madame, me fala tanto da senhora...

Francisca nota já a inquietude na voz — aquella inquietude que, momentos antes, se alegrava de provocar. Agora lhe causa horror. O marido é, portanto, um monstro, um imbecil!...

E eil-a installando-se junto de Maria Luisa, que examina com ella o vestido que a felicita por seu bom gosto e lhe diz:

— Quando se é tão linda como a senhora, se póde atrever a todas as audácias de côr.

E as duas conversam, conversam...

Maria Luisa está conquistada. Esquece sua perturbação. O que diz é cheio de bom senso e de intelligencia. Em poucos minutos ella tambem conquista sua rival.

Tanto que para aquella visita ao *atelier* do pintor Francisca põe um vestido modesto, se descuida dos enfeites do rosto e parece muito menos linda que a gentil Maria Luisa.

— Sua mulher é deliciosa! — diz Francisca ao pintor. — Sabe que vamos ser grandes amigas?

Armando Albin inclina-se. Maria Luisa é deliciosa... Onde tinha elle a cabeça?

E aquella noite Francisca Rivas, com a consciencia acalmada, dormia um somno tranquillo, de que havia muito tempo não desfructava.

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

MAGIC

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se extraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Dr. Werneck Machado.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 15

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1932

A obra prima do principe Lennart

OMNIA VINCIT AMOR... Esta phrase latina pertence a um verso do poeta Virgilio, que viveu antes da éra christã e tinha a doçura lyrica de uma sensibilidade feita de delicadeza e emoção. O famoso e immortal cantor de *Eneida* disse, ha vinte séculos, uma verdade que os annos não destruiram, mesmo com a cumplicidade demolidora dos iconoclástas do amor. Uma verdade que tem resistido, serenamente, a todos os desesperos da vida moderna.

O amor vence tudo e tudo conquista. Até a vaidade humana, que é outra força poderosa deste planeta maluco.

Lennart, principe de sangue azul, filho da grã-duqueza Maria e do principe Wilhelm e neto do rei Gustavo V, acaba de renunciar ao seu titulo de nobreza e aos seus direitos de successão ao throno da Suecia, para se casar com a filha de um negociante de Stockolmo. O enlace foi celebrado em Londres, onde a prohibição do rei da Suecia e a constituição de seu paiz nada poderiam fazer para evitar o episodio principal desse romance de amor, que começou em 1925, quando o principe veraneava no castello de Stenhammer. Ali perto, Lennart — então rapazinho de quinze annos — conheceu a senhorita Karin Nissvandt, morena e simples na sua graça burgueza. Conheceu-a e amou-a. Os quatorze annos da menina-moça desabrochavam numa rosa de carne que deslumbrou os olhos e o coração do joven neto de Gustavo V. E o principe, desde então, só pensou na sua princeza de sangue..., ardente como a paixão que o dominou. Só pensou naquella que, uma tarde, passou á frente de seu castello, acompanhada da irmã e da sua belleza adolescente. O crepusculo de Stenhammer illuminou, romanticamente, as primeiras horas dessa enternecida historia de amor...

Depois, veiu a separação implacavel, necessaria. Uma separação que durou algum tempo, mas que uniu ainda mais os corações palpitantes e as affinidades sentimentaes dos dois jovens escandinavos.

Ha pouco mais de um anno, o principe Lennart pediu á sua familia o consentimento para desposar Karin. O rei Gustavo V oppoz-se energicamente ao desejo do neto, que, então, resolveu contrariar as disposições do avô e deixar de ser principe de sangue azul para ser principe de um coração de mulher, onde se sentiria melhor e mais feliz do que no throno da Suecia...

Lennart é um artista e sonhador. Escreve contos e faz os seus versos pela escola do poeta Birger Moerner, tio de sua esposa. Mas a sua obra prima é esse doce romance que elle foi continuar no castello de Maninau, numa pequena ilha do lago de Genebra, na Suissa, onde installou, longe da nobreza sueca, sem preconceitos e sem ambições politicas, o throno da sua felicidade e do seu amor...

Martins Capistrano

FLAGRANTES
INTERNACIONAES

No alto: sessão solemne de abertura do Instituto Catholico de Paris, realizada sob a presidencia do arcebispo de Paris, cardeal Verdier, que na photographia apparece ladeado pelo duque e pelo principe de Broglie. Aspecto tomado na occasião em que monsenhor Baudrillart, da Academia Franceza, proferia o discurso official da imponente solennidade. Ao centro: o Pavilhão da Suecia na Cidade Universitaria de Paris. Em baixo: um detalhe da cerimonia inaugural desse Pavilhão, festa sumptuosa, que teve a presença do sr. Paul Doumer, presidente da Republica Franceza, e do principe Gustavo da Suecia, que ahi se vê falando em nome de seu paiz.

DEPOIS DO BAILE

— Seu chapéo... Suas luvas... A bengala...
Meu amigo, aqui tem... Nada esqueceu?...
— Nada... Muito obrigado...
— Então, adeus...
Disse, a estender-me a pequenina mão.

E só, na rua,
Sentindo ter no ouvido a sua fala,
E, nos olhos, a luz dos olhos seus...
Seu perfume em minh'alma!... Vejo, então,
Que esquecêra com ela o coração...

ADELMAR TAVARES

Estrada de Damasco

A ILLUSÃO DA FELICIDADE

CARLOS MAURICIO, depois de ler, rapidamente, a carta que encontrara sobre a sua secretaria, entregou-se aos pensamentos desencontrados que ella lhe despertára.

Um *L*, um pequenino *L*, acompanhado de saudades, firmava aquelle rectangulo de papel verde-esmaecido, onde uma mão de mulher, intelligente e culta, tragara palavras que tanto o perturbaram e commoveram.

Sim, commoveram. Porque Carlos Mauricio sabia quem lhe dirigira aquella carta carinhosa, amiga, embora entrelinhada de censuras.

* * *

Apanhou, novamente, a carta para reler algumas das suas passagens:

"Penso... em tudo que foi um pouco de luz, de sonho e de ternura em minha vida... Penso numa grande cidade quente de sol, tonta de vida... Penso em você, como se você pudesse fazer da torturada inquietação interior da sua vida um agazalho, morno e bom, para a desolada e fria solidão da minha propria vida!..."

Sua pobre vida de *petite fée*, generosa, munificente, de uma prodigalidade louca de sentimento e de ternura! Mas, tão só, vivida, dia a dia, no pequenino mundo de sonho e de inquietos desejos do seu coração de mulher...

Como elle a comprehendia e admirava, sempre a ter para ella — a miragem, feita mulher, da sua ansia de carinho e de amor — o melhor e o mais puro dos seus pensamentos...

"A angustia dos destinos que nunca se realizaram..." Os desencontros, nos caminhos infinitos da vida... A dolorosa projecção das sombras das almas que se buscam e marcham, lado a lado, sem nunca se encontrar, uma a pedir á outra, na angustia da distancia que as separa, o calor de um beijo, a caricia illuminada de um olhar, o gesto silencioso e profundo das mãos que se entrecruzam numa promessa de amor. Desse amor *fort comme la mort* de que ella já se dizia descrente, como se a duvida que manifestava não traduzisse ainda um gesto de crença na eternidade do proprio amor...

LETRAS FEMININAS

Suzanna de Campos, a joven poetisa de «Mundo Interior», livro de versos que é a revelação duma grande sensibilidade e dum formoso talento. A artista, que se diz triste e incomprehendida, revela-nos a sua alma e as suas emoções em rythmos suaves dourados pela poesia da saudade. E, lendo-a, uma sympathia intima nos prende ao seu sentimento e um enlevo nasce das suas lindas poesias que nos perfuma o coração.

* * *

"Sabe que não creio, cousa alguma, na sua força de fé, na sua resignação, na sua illusão? Adivinho que você está soffrendo. Soffre interiormente e mascára a sua angustiada revolta interior com a sua continua illusão de felicidade. E cala-se. Por que? Orgulho?"

Como ella adivinhava, comprehendia, sentia sua alma e seu coração!

Calar, silenciar a revolta interior, por orgulho? Não. Elle não o fazia por orgulho, mas para não roubar aos outros o milagre, a felicidade de crêrem na illusão da felicidade, essa illusão que ella, mesma, de longe, derramava, diffundia do seu coração solitario...

* * *

Carlos Mauricio sorriu para si mesmo, tristemente.

A vida... A angustia dos destinos que não se realizam... E a sua fé? Sua fé na doce e suave mentira da illusão e da felicidade?

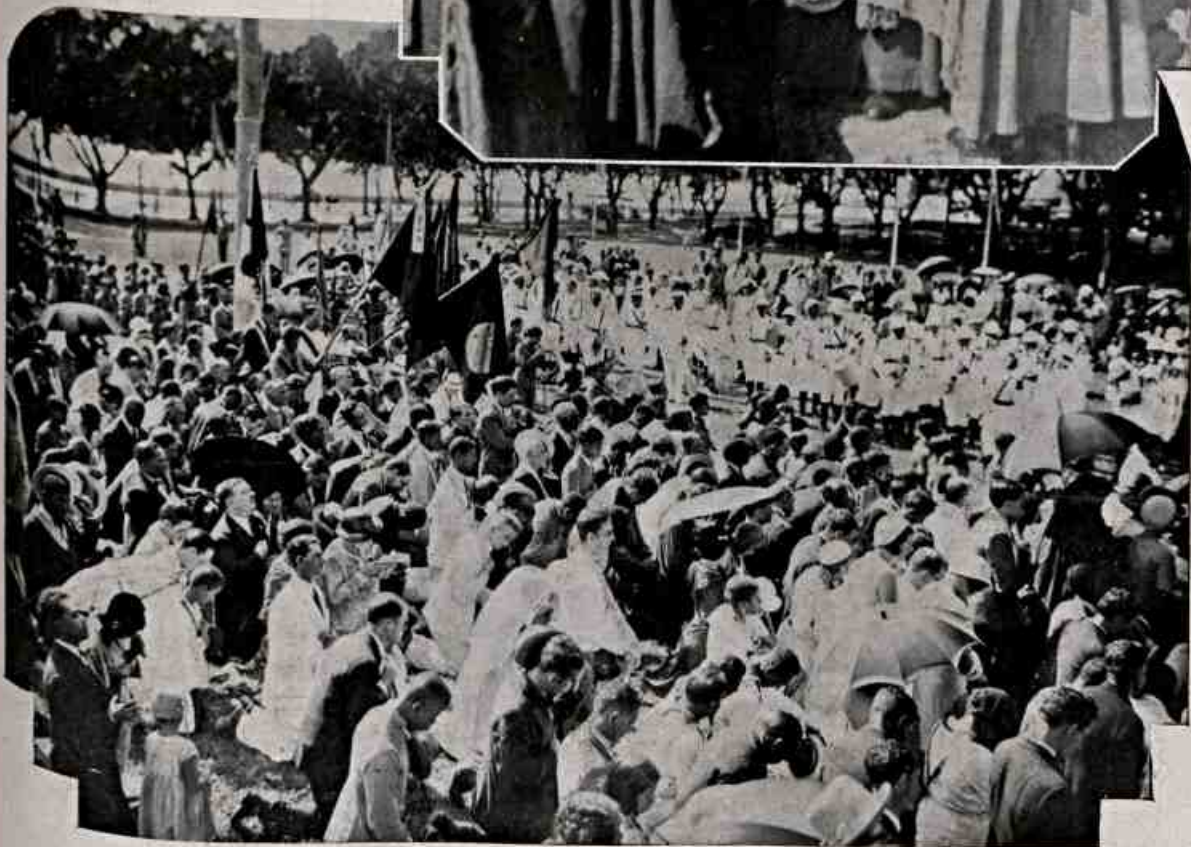
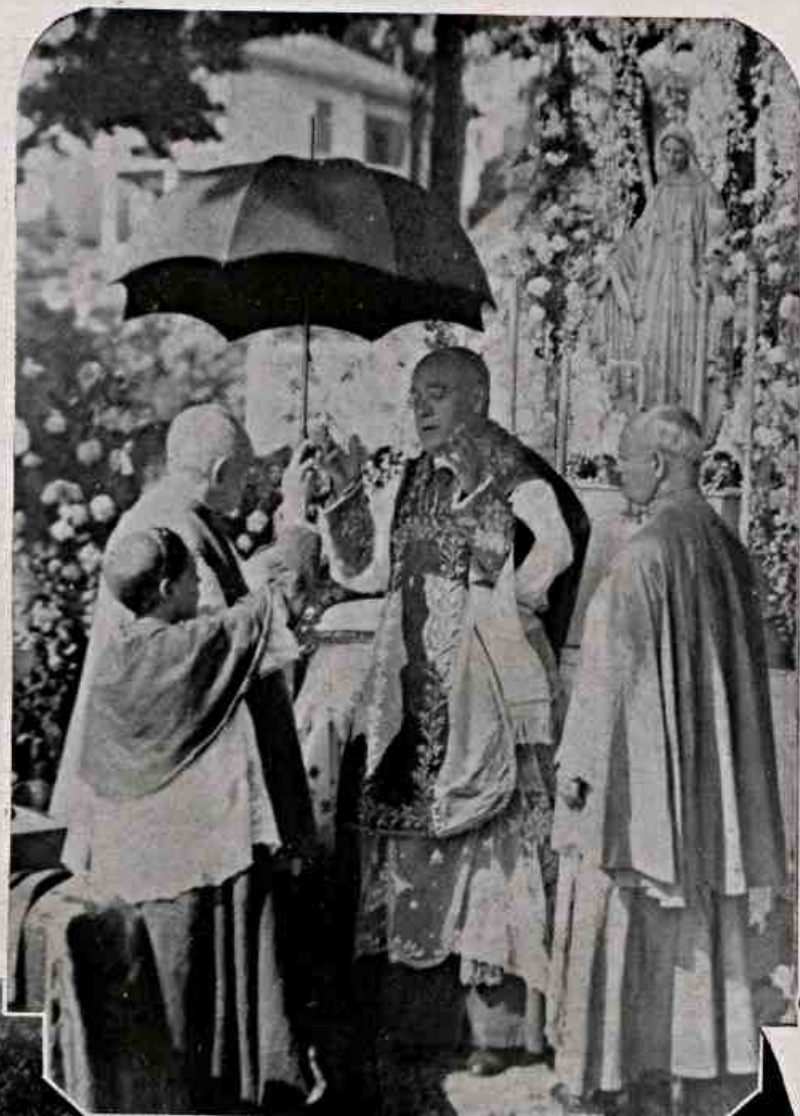
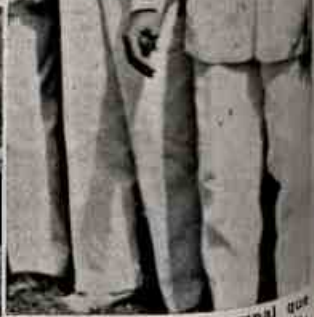
ESTRADA DE DAMASCO

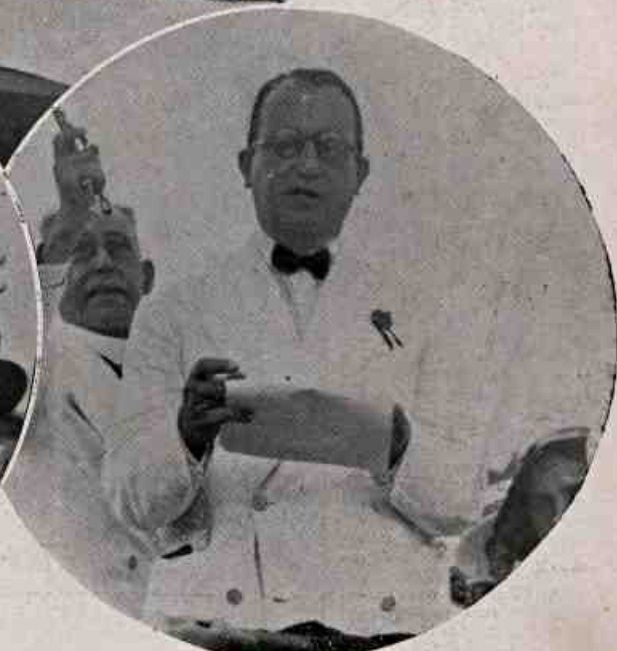
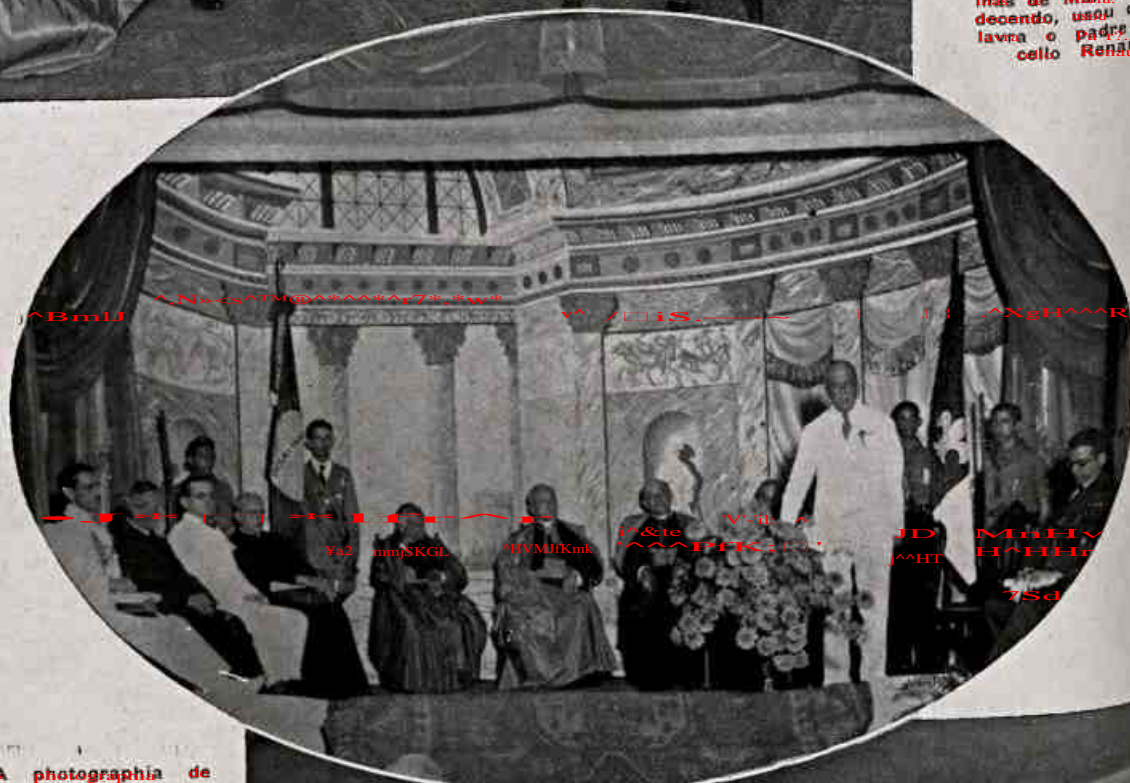
(Conclusão)

Sim. Elle cria ainda e sempre haveria de crêr no seu sonho de felicidade e de amor, nunca realizado. E, por ella, por amor della, — da sua miragem, feita mulher — é que elle rasgara, nas terras vermelhas de seu coração, a Estrada de Damasco, cheia de ninhos, e de flores, e de perfume, da sua revelação interior...

Saulo

HOMENAGEANDO OS PADRES JESUÍTAS

O jesuita teve sempre um papel de grande preponderancia na historia da colonização do Brasil. Foi elle que trouxe, por assim dizer, as primeiras luzes com que se havia de illuminar o espirito rude e primitivo do indio brasileiro. Depois, continuou a propagar, entre os representantes da raça, que se ia formando, os ensinamentos christãos e, com estes, a civilização de além-mar. Justas foram, portanto, as homenagens que lhes prestaram os ex-alumnos dos eminentes e abnegados membros da Companhia de Jesus. Para encarecer esse acontecimento, que, de certo, ficará em relevo, nos annaes da Egreja Catholica do Brasil, basta accentuar que as homenagens constaram de varias solennidades e de uma missa campal, celebrada por d. Sebastião Leme, e á qual compareceram, além dos homenageados, os representantes das altas autoridades, o mundo official, todo o clero e congregações religiosas do Rio.

Após a missa campal que d. Sebastião Leme celebrou na esplanada do Russell, dirigiram-se os presentes ao local onde foi lançada a pedra fundamental do monumento aos missionários jesuítas, nos jardins da Gloria, afim de assistir á segunda solennidade religiosa de domingo passado.

A ceremonia da collocação da pedra angular do Monumento que será erigido, nos Jardins da Gloria, aos missionarios jesuitas que tiveram papel relevante na historia da colonização brasileira foi presidida por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme e teve a presença de elevado numero de representantes de todas as classes. D. Sebastião Leme procedeu á benção da pedra fundamental do futuro monumento, usando, em seguida, da palavra, o conde de Affonso Celso e o juiz dr. Augusto de Saboya Lima, que falaram, respectivamente, em nome do Instituto Historico e dos antigos alumnos, e, agradecendo, o padre Luiz Riou.

As 15 horas de domingo passado realizou-se no Collegio Santo Ignacio a grande manifestação dos antigos alumnos dos reverendissimos padres jesuitas aos denodados missionarios da Companhia de Jesus. Varios oradores fizeram-se ouvir em discursos de saudação aos illustres tres sacerdotes homenageados: d. Octavio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre, que falou em nome do clero; o professor Candido Mendes e os drs. P. Rocha Lagôa, J. E. Peixoto Fortuna e d. Stella de Faro, que interpretou os sentimentos das suas collegas do Apostolado da Oração e das Filhas de Maria. Agradecendo, usou da palavra o padre d. Marcello Renaud.

A photographia de baixo fixa um detalhe da sessão solenne que encerrou o programma das homenagens aos reverendissimos padres da Companhia de Jesus. No Instituto Nacional de Musica, ás 21 horas, sob a presidencia de d. Sebastião Leme e com a presença do nuncio apostolico e altos dignitarios da igreja e figuras destacadas da sociedade carioca, foi realizada a ultima solennidade do dia, que se revestiu de brilho imponente e terminou com a installação da Associação dos Antigos Alumnos da Companhia de Jesus, fundada nesta capital ainda por iniciativa dos promotores das festas de domingo.

A HORA DE CHORAR...

Alguem o outro dia me disse com os seus olhos em que se occulta uma grande mágoa:

— Eu tenho medo do amor. Tenho medo do que elle possa produzir, do que elle possa crear e que isso depois se torne em dôr, quando o tiver de perder.

E eu sómente encontrei estas palavras duma mulher que amou Maeterlinck para responder-lhe:

— Quando a hora de chorar vier, então choremos. Mas o amor indizivel que nos uniu, esse nada destruirá na nossa lembrança. E será uma consolação como nenhuma outra.

ooo

CONSOLO

Meu pobre querido! Você não voltará! Você não poderá voltar nunca mais! Eu vou perdel-o, a você que era a minha esperança e a minha ventura. Mas não! Você não morrerá ainda. Eu quero que você viva, quero que receba de meus labios o beijo que você nunca provou e eu irei levar-lhe agora; quero que não lhe falte o conforto de meu carinho, quero que você seja feliz pelo meu amor.

Espere-me: Eu irei para junto de você, irei a essa terra distante, essa terra maldita que lhe roubou a saúde e vae roubar-lhe a vida. Você não ficará sózinho, abandonado entre estranhos indifferentes a seu soffrimento; você terá a minha presença, terá a minha ternura, o meu desvelo — você terá o meu amor. O meu amor que se faz humilde e manso, todo afago, todo dedicação. O meu amor que tem uma sêde immensa de sacrificio, um sacrificio tão grande quanto elle mesmo; o meu amor que não deseja mais nada além da certeza consoladora de o fazer feliz.

REGINA RIZIERI

UM POETA DA PROSA

Edvard Carmilo é um admiravel lapidario da palavra, um artifice da fôrma «raffinée», um silencioso evocador e creador da belleza. A volúpia dos rythmos largos, frescos, cantantes, intensamente emotivos, no seu colorido vivo, faustoso, suggestivo, derrama-se em todas as paginas trabalhadas, benedictamente, pelo feiticeiro cinzelador de «Jardim Fechado» e «Humildade» — o ultimo livro de Edvard Carmilo, ha pouco publicado. «Humildade» é um relicario de arte, a traduzir, numa collectanea admiravel de poemas em prosa, o exaltado expressionismo de um aristocrata espiritual, de um fidalgo da intelligencia qual é o illustre escriptor paulista, querido e velho collaborador de FON-FON. E' um livro que encanta, que fascina, que deslumbra, pela magia eurythmica das palavras, pela sua força de evocação, pela delicadeza de sua expressão emocional.

VINTE E CINCO ANNOS DE VIDA

Uma edicção especial commemorativa do nosso anniversario

FON-FON completa, na proxima semana, o 25.° anniversario de seu apparecimento. Nascida a 13 de abril de 1907, chega assim a nossa revista a um quarto de seculo de existencia, cercada da sympathia dos seus leitores, dos nossos collegas de imprensa e dos circulos intellectuaes e mundanos desta capital e dos Estados.

Commemorando a grande data que assignala as suas bodas de prata, FON-FON publicará no proximo sabbado, 16 do corrente, uma edicção especial consagrada ao Brasil de hontem e de hoje, á sua vida mundana, politica, literaria, sportiva, cinematographica, etc. Será uma visão retrospectiva das actividades nacionaes nestes vinte e cinco annos, em todos os seus detalhes, e devidamente illustradas com os documentos e os commentarios da sua evolução.

Esse numero de FON-FON estampará aspectos e flagrantes dos nossos costumes na época em que nascemos e nos dias trepidantes que vivemos, numa curiosa e opportuna disposição comparativa. Instantaneos de figuras elegantes da cidade em 1907 e em 1932. Factos de hontem e de hoje. A moda naquelle tempo e nos nossos dias. Visões do Rio na época do bonde de burro e na actualidade vertiginosa do electrico e do omnibus. Politicos de 1907. Acontecimentos mundanos de grande repercussão na vida brasileira de então. Uma noiva de ha vinte e cinco annos e uma noiva de 1932. O cinema quando começou no Brasil e o cinema de hoje, falado e moderno. Reminiscencias, emfim, interessantissimas, do primeiro decennio deste seculo.

A par disso, publicaremos algumas paginas literarias firmadas por João do Norte (Gustavo Barroso), Berilo Neves, Conchita Cid, Martins Capistrano, Bovina Cavalcanti, Elcias Lopes, Bastos Portella, Mario Poppe, R. Magalhães Junior e Antonio Guimarães, que escreveram sobre themas antigos e modernos, de accôrdo com o espirito dessa edicção especial de FON-FON, destinada, sem duvida, pela sua originalidade, ao mais ruidoso successo.

Caverna de Ali Baba

O ESPIRITO FRANCEZ

O espirito francez é geometrico como uma crystallização, de maneira que a desordem e o drama lhe são quasi alheios. Dahi a inexistencia duma grande tragedia, duma grande epopéa na sua vida intellectual. Ella é assim como que um jardim de delicias, onde sob o ouro do sol e entre o perfume das flôres tecem as suas teias as aranhas do bom gosto, do humanismo e da erudição.

ZORRILLA DE SAN MARTIN

O grande poeta uruguayo era um eclectico em litteratura. A sua espiritualidade se abeberava na alma espanhola de Espronceda, na alma franceza de Lamartine e na alma universal de Becquer.

SUICIDIO GORADO

Conta um jornal venezuelano que um individuo arruinado e desesperado se resolveu a deixar este mundo de angustias. Tomou dum bello revolver que era o seu ultimo bem e dirigiu-se a um lugar deserto. Mas, no caminho, reflectiu que talvez fosse melhor vender a arma e com o producto dessa venda matar a fome e esperar melhor sorte. Voltou á casa, rifou o revolver, apurou uns oitenta pesos, com os quaes comprou algumas mercadorias e se poz a negociar pelas ruas. Pouco a pouco, foi ganhando uns cobres e dentro de alguns annos estava arranjado. Hoje, consta que é rico e feliz.

Si todos os suicidas reflectissem um minuto...

SYNTHESE DA ARTE

Palavras, formas, côres e sons. Toda a arte se resume nisso.

AS CARTAS DE WASHINGTON

Faz pouco tempo encontraram-se em França, nos archivos duma casa nobre, uma serie de epistolas autographas de Washington, que revelam como em tudo foi grande o pae da patria norte-americana. Essas cartas, cheias de impressões pessoaes e de factos concretos, escriptas nos dias da guerra da independencia, trazem o sello da originalidade, da imparcialidade, da nobreza da alma, da intelligencia e da franqueza.

O professor Frederico Eyer é, sem favor, a nossa mais alta autoridade em assumptos de odontologia. Pelo seu saber, pela sua cultura scientifica e pelas grandes qualidades da sua figura illustre, tem logar destacado entre os seus collegas. Clinico, cirurgião e professor, seu prestigio na classe é dos mais impressivos, aureolando de gloria a personalidade, por todos os titulos eminente, do acatado mestre da odontologia brasileira. Recentemente, como presidente do 3.º Congresso Odontologico Latino-Americano, o dr. Frederico Eyer organizou quatro grossos volumes contendo as actas e trabalhos do mesmo Congresso e cuja publicação foi feita sob sua exclusiva direcção. Agora, acaba de publicar, em cuidada edição do Instituto Freuder, «O dentista não precisa ser medico», verdadeira these scientifica desenvolvida em fórma de conferencia, realizada na Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas, e que agita um assumpto do mais palpitante interesse para os odontologistas de todo o mundo. Obra de sábio, valiosa e necessária, o opúsculo do professor Frederico Eyer ha de, certamente, alcançar, nos meios scientificos, o successo a que se impõem os meritos, a autoridade e o nome de seu illustre autor.

O escriptor francez De Mauss... que as reuniu, publicou e c... mentou, declara: "Não con... homem igual." E' um elogio s... par, na singeleza da sua form... da profundeza do seu pensame...

UMA OPINIÃO DE DUHAMEL

A consciencia occidental... em agonia. Tal é a opinião... Georges Duhamel. Paira uma g... de ameaça sobre a civiliza... européa: o culto da machina, ... citando ao imperialismo, lev... mundo á catastrophe porque... utiliza ou despreza os facto... moraes.

E o grande cirurgião da gue... mundial, que fez 2.300 operaç... e tratou de 4.000 feridos, ac... por nos apontar um verdade... apocalypse: si as nações europ... continuam com suas lutas per... rão como Estados livres e mes... como valores de civilização... desalentadoras as suas conclusõ... "Ninguem póde affirmar com... gurança que não verá cresce... matto deante do Museu de Ber... ou na praça de Notre Dame... Paris."

E' desse receio que brotam... seus livros como o ultimo, ... graphie Cordiale de l'Europe".

A DECADENCIA DO ORIEN...

Para Paul Morand, a decad... cia do Oriente é hoje ainda m... do que a do Occidente. No... conceito, a "lenta Asia" não j... sa dum mytho. A amplitude... colonização européa e os effe... economicos da grande guerra... dustrializaram, occidentalizaram... Asia. O proletario indú rep... a "não violencia" de Gandhi... procura lutar e defender-se á... gleza. A China torna-se repub... anarchica. No Japão floresce... syndicalismo. Em resumo, o Ori... te approxima-se a passos de... gante do Occidente, ao qual to... por emprestimo todos os seus... feitos, desprezando as suas qu... dades. Hoje, nelle o viajante... somente em busca de sepulch...

A propria immobilidade litur... foi renegada e os sacerdotes... dhistas viajam de automovel a... kilometros por hora..."

SÉSAMO

O pintor Gerardenghi e suas telas

O nome de Gerardenghi tem uma larga projecção nos circulos artisticos mundiaes, principalmente na Italia, sua patria, na America do Norte e, ha alguns annos, no nosso Paiz, onde o grande artista, deslumbrado com a belleza e o fascinio da maravilhosa natureza tropical, fixou residencia.

Iniciando sua victoriosa carreira em Roma, Gerardenghi, na Exposição Internacional ahi realizada em 1904, concorreu com alguns dos seus magnificos trabalhos, entre os quaes "Ombre azzule", que marcou notavel successo nesse certamen de arte, sendo adquirido pelo ministro Emanuele Gianturco. "Brividi", um dos seus quadros mais suggestivos e ... alcançou formidavel successo na Exposição Internacional de Milão, em 1906, sendo adquirido pelo senador Giustino Fortunato.

Dessa data para cá, a arte admiravel de Gerardenghi proporcionou-lhe successos e triumphos, tendo figurado nas grandes exposições italianas a que ia concorrendo. Hors concours na exposição de Napoles, em 1916, e na quadriennal de Roma, em 1922, seu nome irradiou-se rapidamente e seus quadros passaram a figurar em varias Pinacothecas da Italia.

Duas de suas admiraveis telas — "Mietitura" e "Vecchio Inverno" — foram adquiridos pelo rei Victor Emmanuele, que conferiu uma honraria ao artista pintor. "La lana per i soldati", adquirida por Nitti, é outro notavel trabalho de Gerardenghi, de quem possuam quadros os maiores colleccionadores da Italia e da America do Norte.

A Sociedade Promotora de Bellas Artes, de Napoles, a titulo de premio, adquiriu numerosas telas de Gerardenghi, a quem sua patria deve tambem admiraveis trabalhos decorativos, como os da igreja de Santa Lucia, em Cagliari, etc.

Em 1919 emprehendeu uma série de viagens, a titulo de estudo, e, em 1923, veiu ao Brasil, onde, enthusiasmado pelo nosso ambiente, soberbamente pictorico, fixou residencia.

Sua exposição em São Paulo marcou um verdadeiro successo e todos os quadros expostos foram adquiridos pelos amadores e grandes colleccionadores paulistas.

Sua arte, forte e inconfundivelmente pessoal, é de intensa vibração e suggestibilidade e Gerardenghi interpreta a realidade com raras qualidades de observação.

Entre suas obras mais notaveis, executadas no Brasil, citaremos um forte retrato de Vargas Vila, alem de muitos outros retratos e télas inspiradas na magnificencia da nossa natureza, e dos quaes nesta pagina reproduzimos alguns.

Actualmente, Gerardenghi procede a estudos para a decoração de uma igreja e está ultimando os grandiosos paineis que completarão a decoração do grande salão de honra da Humanitaria, em Santos.

A MULHER CHIC
CREAÇÕES JEAN PATOU

Ensemble blanc et rouge. La robe est en crêpe romain.

Ensemble d'aprés midi en crêpe de chine pois blancs sur fond noir.

Reps marron. Broderie [illegible] de perles été de soie.

Sergé de soie blanche.

Crêpe de chine rose.

(Photos especiaes para FON-FON)

ELLA anda pela casa dos trinta, mas ainda tem esperanças de realizar um bom casamento. As diversas tentativas fracassadas não na fizeram recuar.

Um não quiz, *outro* fugiu?... O caso não tem importancia... Um dia, apparecerá o principe encantado, e prompto...

Assim pensando, vae tratando da vida como póde, sendo que, ultimamente, acertou a mão num cavalheiro avançado em annos, que, pelo geito, parece destinado a um bom córte de marido.

Sim, parece...

Pelo menos, sem qualquer responsabilidade official, o cavalheiro assumiu ares de protector, e vae arcando com certas despesas da propria familia da nossa heroina.

Não se comprehende o porque...

Emfim, si o gosto do cavalheiro é marchar, está bem.

O que ambos podiam dispensar são as exhibições publicas, por causa dos commentarios...

Que necessidade tem o cavalheiro de cabellos grisalhos de andar escondido nos ultimos bancos dos bondes e omnibus, com a senhorinha ao lado, agarradinhos como dois collegiaes?...

Depois do exposto, podem escapar das más linguas?

Claro que não...

E' um habito como qualquer outro... Todas as tardes, o conhecido advogado abandona, ultimamente, o escriptorio, para um negocio urgente. Toma o chapéo, e se encaminha para a Cinelandia. Ali chegando, mette-se no cinema da sua predilecção.

O cantinho em que se esconde é tambem o mesmo, á esquerda de quem entra, bem ao fundo da sala.

Quando encontra o logar occupado, não esconde o aborrecimento e tem ganas de correr com o intruso, pois aquellas duas cadeiras passaram a ser uma especie de propriedade sua... Aquelle cantinho, aliás, é muito procurado pelos que vão ao cinema... para não vêr as fitas que se desenrolam na téla.

Cumprida a obrigação de todas as tardes, o nosso advogado volta ao escriptorio, telephona á esposa, queixando-se da fadiga do dia trabalhoso (coitadinho!), apanha a pasta, recolhendo-se ao lar como o mais pacato e santo dos maridos.

Si *madame* soubesse quem faz companhia ao maridito, ás tardes, no cinema, então é que ficaria maravilhada!...

A viuvinha tem a preoccupação de passar aos olhos alheios como o exemplo da mulher honesta.

Maria das Neves e Carlos Leal, cujas photographias aqui estampamos, são as duas figuras principaes da Companhia de Revistas que traz o nome desses dois festejados artistas portuguezes e que chegará ao Rio dentro de alguns dias, afim de trabalhar no novo theatro Carlos Gomes, esta semana inaugurado. A Empresa Paschoal Segreto, solicita sempre em attender aos reclamos da platéa carioca, construiu, no local do velho theatro da praça Tiradentes, uma casa de diversões moderna e luxuosa, digna da nossa capital e de seu progresso.

Por isso, todos os seus actos são revestidos da maxima cautela, os gestos são medidos, as palavras são pesadas, tudo para que a sociedade veja na viuvinha um modelo de virtudes.

E a sociedade faz reclame dessas virtudes da santa e pacata creatura.

Mas, a viuvinha, além de vaidosa da sua belleza, é joven. Tem o vigor de uma esplendida mocidade, cujo ardor está no brilho dos olhos negros.

Como, pois, ter forças para abafar os anseios do coração?...

E, apesar das cautelas, dos cuidados, *sempre* conseguimos levantar a pontinha do mysterio que envolve toda a vida da honesta viuvinha.

O acaso é uma grande coisa... Por certo, o Conselheiro Accacio já teria sentenciado esta verdade profunda; mas as viuvinhas mysteriosas ligam pouca importancia ao acaso... Foi sem querer que desvendámos o segredo da bella viuvinha, e, como não sabemos guardar segredos, vamos satisfazer á deliciosa curiosidade dos nossos leitores e discretas leitoras. Ella, quando sáe de casa, baixa os olhos, caminhando a pé, como quem vae ao encontro do bonde, numa rua proxima.

Entretanto, quando alcança a rua em que passa o bonde, quebra á mão direita, torce o braço esquerdo, (não é preciso chamar a Assistencia...) e vae até onde se encontra um automovel particular, que tem o máu costume de andar em constante excesso de velocidade.

O sympathico rapaz, dono do vehiculo, mal recolhe a passageira pontualissima á hora previamente combinada pelo telephone, faz o carro desapparecer, rumo ignorado.

Depois desta sensacional descoberta, até ficámos com agua na bocca...

Que sorte tem o diabo do rapaz! Uma viuvinha moça, *modelo de virtudes*, não se arranja assim num abrir e fechar de olhos... Deve ser guardada com muito cuidado, por uma coisa que nós sabemos...

(*Desenho de Norfini*).

(A Irene da Cunha Bueno)

HA um instante mysterioso, eternamente secreto, para as coisas e para os seres: esse momento imperceptivel entre o nada e a vida, em que a vida começa; esse momento entre a existencia e a morte, em que a alma fenece e a existencia acaba; quando a semente, subito, na rapida eclosão, é caule, de vime ou roble, quando a flôr despetalada, repentina, é fructo para intumecer e madurar, quando as pupillas, mal descerradas para o mundo, feridas de um raio de sol, são, subitamente, luz, claridade, esplendor, ao primeiro vagido, no berço.

Mesmo na immensidade! O traço fugace, subtilissimo, entre a noite e o alvorecer: o diluculo!

Fantasio, nesta philosophia bohemia de contemplativo, nesta abstracção timida ou lunatica, que o pintasilgo nasceu nesse mysterioso instante do diluculo, de um ninho pendurado na ultima fimbria dos horizontes: um pedaço, treva; outra parte, oiro, sol. A cabeça negra, num bioco de luto; o corpo, luz, no rendado lúcido das azas!...

Por isso, foge da folhagem, esquiva-se dos refolhos, e procura, para desfiar o tremulo galreio, a galharia sêcca das arvores emmurchecidas, a sonhar que a cabeça retinta espalha um pouco de sombra sobre as azas côr de braza!

Poisam, em bandos, na ramaria do arvoredo desfolhado e, então, é como si a galharia morta reflorescesse, em corollas doiradas de ipê florido, pelo oiro de suas plumas, ao milagre da surdina álacre desses violinos da matta!

Quanto mais velho cantador, mais enamorado, mais romanesco, que o canto é toda a gloria da sua vida, todo o orgulho da sua velhice, porque é só amor, amavio apaixonado, seducção, madrigal em adejo, idyllio em farfalho!

Nervoso, cortando célere o espaço, chama, róga, como numa supplica harmoniosa, e, na celeridade do vôo, distancia-se, perde-se da fragil companheira, engana-se e, de volta da vertigem alada, poisa ao lado de uma andorinha... No azul, quando desce do alto, volita em rodopios doidejantes, frementes, riscando no espaço um traço sinuoso como o ziguezague arrepiado de um relampago.

Embala-se a si mesmo e, á medida que disfere o seu longo trinado, vae cerrando docemente as palpebras, encolhe as azas como a se aquecer, suspende um pé, esconde-o entre as plumulas eriçadas do seio, equilibra-se, muita vez, numa unica perna, no galho ou no poleiro, sobre as cópas farfalhantes, liberto, ou captivo, num carcere; fecha os olhos, cochila quasi e, bambo, oscilla, como que tonto de harmonia, e garrula sempre, sempre, até adormecer á musica do proprio gorgeio, — na illusão, talvez, de que a grande mancha negra, que lhe envolve a cabeça, é uma nesga da noite, que lhe desce sobre as pennas...

E D V A R D   C A R M I L O

«FON-FON» EM S. LOURENÇO

A interessante Zuleika, filhinha do sr. Ary Leal e de d. Yolanda Prior Leal.

A interessante Nairzinha, o encanto do casal Manoel Rodrigues Netto. A linda creança está presentemente em S. Lourenço com os seus papás e de lá, com as suas saudades, nos mandou este retratinho, no encantamento de sua graça e de sua meiguice.

O conhecido sportman e conceituado negociante desta praça sr. Edmundo Fortes, que acaba de inaugurar a «Casa Lavadeira».

CHROMOS

Aquelle pássaro de azas negras ama a solidão.

Vi-o, pela primeira vez, numa tarde sombria e socegada. Os melros azulados já haviam abandonado, em bando, o tronco desnudo da arvore secular.

Só o passaro de azas negras ali ficára, no tronco mutilado. Eu via fazer tombar, no inverno, sob o machado de um lenhador sem poesia, aquella arvore gigantesca em cujos galhos nús os vira-campos cantavam á hora do sol-pôr.

O passaro de azas negras, como que triste e taciturno, ali permacera até que as sombras da noite apagaram a sua silhueta esbelta.

Já o tenho visto naquelle pouso em manhãs brumosas ou no correr do dia, quando o sol se recata entre nuvens pardacentas.

Sempre só — como um poeta triste, cheio de mágoa, amigo da solidão das tardes nevoentas.

Jamais o ouvi cantar.

E desejo que elle não cante nunca. Porque o seu canto deve ser triste e magoado como uma supplica dolorosa murmurada entre lagrimas...

MARTINS ALÉM

Almirante Antonio Nogueira

DIPLOMADO em sciencias juridicas e sociaes, figura de relevo da nossa Marinha de Guerra, o almirante Antonio Nogueira foi por igual elegante na vida, como na morte.

Um dia o encontramos, como sempre, risonho, cavalheiresco, fidalgo, sem pretenção, preoccupado superiormente dos interesses nacionaes, a nos pedir informes politicos sobre o momento.

Vendo-o, dir-se-ia que elle tinha, deante de si, muitos annos para viver!

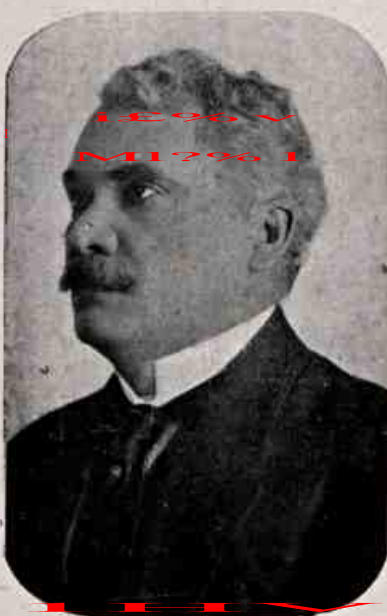
Horas depois, alcançava-o, na sua inexorabilidade, a morte.

E, na transição de uma para a outra vida, não se lhe perturbou a serenidade, nem a harmonia das attitudes.

Morrêra como tinha vivido, sem crises violentas.

Morrêra como morrem os justos!

E a noticia imprevista e dolorosa ecoou entre os seus companheiros de jornal, os seus amigos e admiradores, com uma vibração intensa pelo muito que todos o queriam, pelo muito que elle merecia ser querido.

E' que, na hora utilitaria que passa, na qual só as coisas materiaes e os interesses proprios detêm os homens, o Almirante, como nós o chamavamos, era um idealista, fascinado da belleza, crente de dias melhores, revestindo os seus pensamentos e os seus gestos de uma distincção rara.

Almirante Antonio Nogueira

Mas, Antonio Nogueira não foi apenas o homem de sociedade, o *gentleman*.

Marinheiro, attingiu na sua classe os mais altos postos, servindo-a com dignidade; jornalista, imprimiu sempre aos seus trabalhos um sentido de elevação notavel; politico, representou por muitos annos o Amazonas, na Camara dos Deputados.

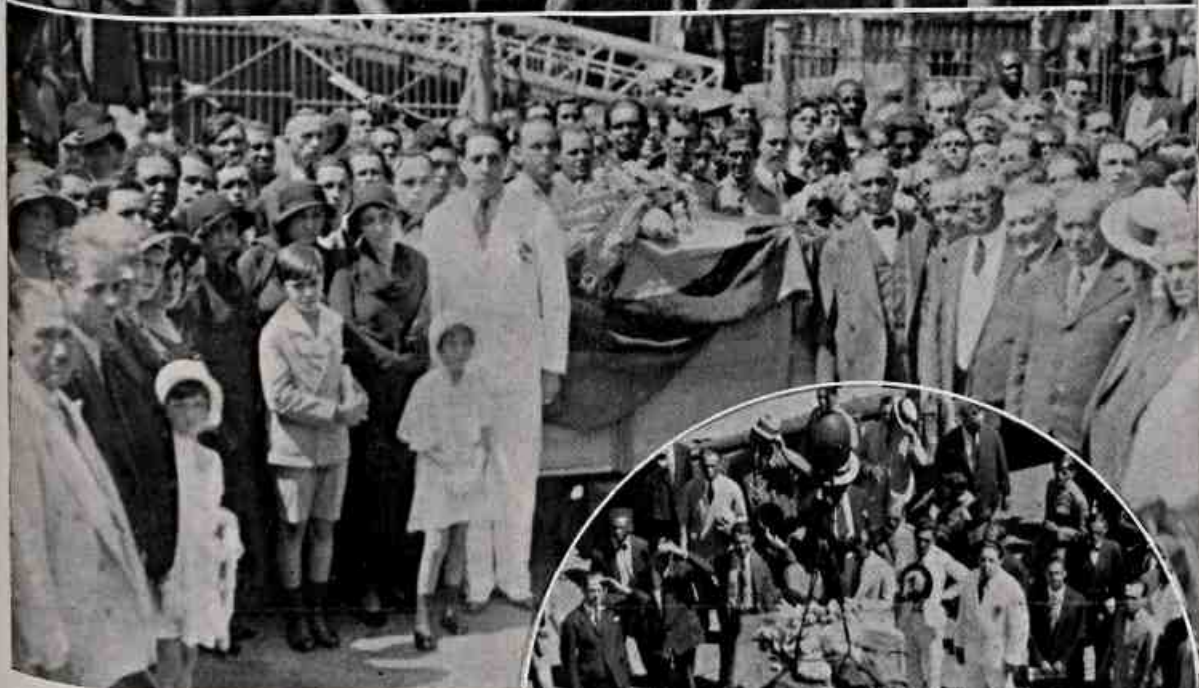
Não occupou apenas uma cadeira de representação nacional: illustrou-a e honrou-a.

Relatou orçamentos, fez parte de varias commissões, inclusive a dos 21, encarregados da elaboração do Codigo Civil.

E entre a estima da familia, a amizade fraternal dos companheiros, o respeito dos seus concidadãos, viveu e morreu o almirante Antonio Nogueira.

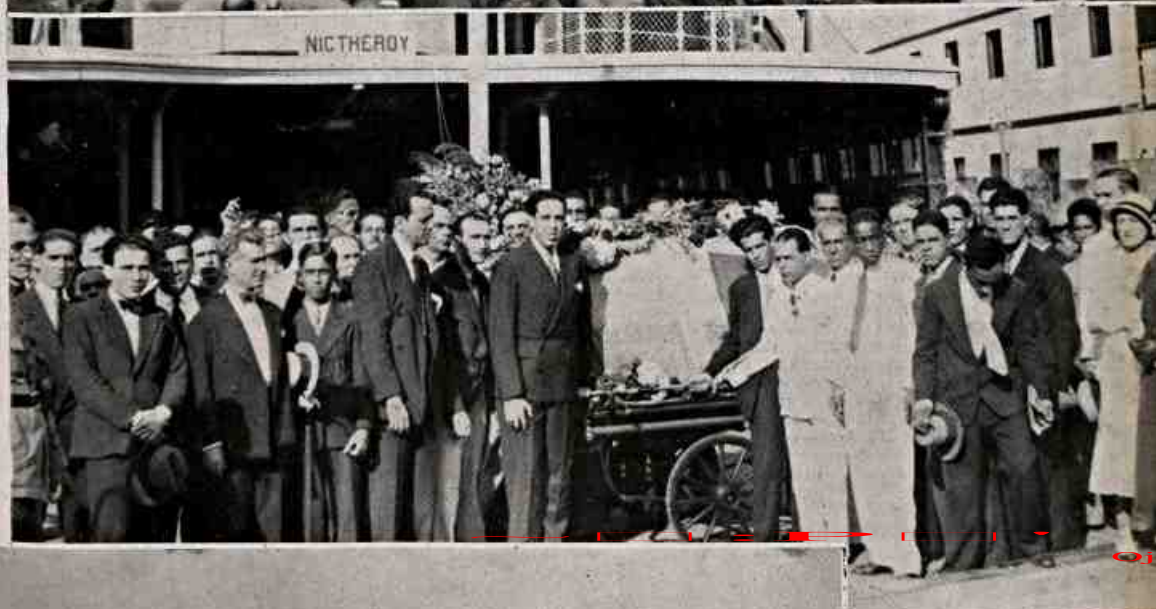
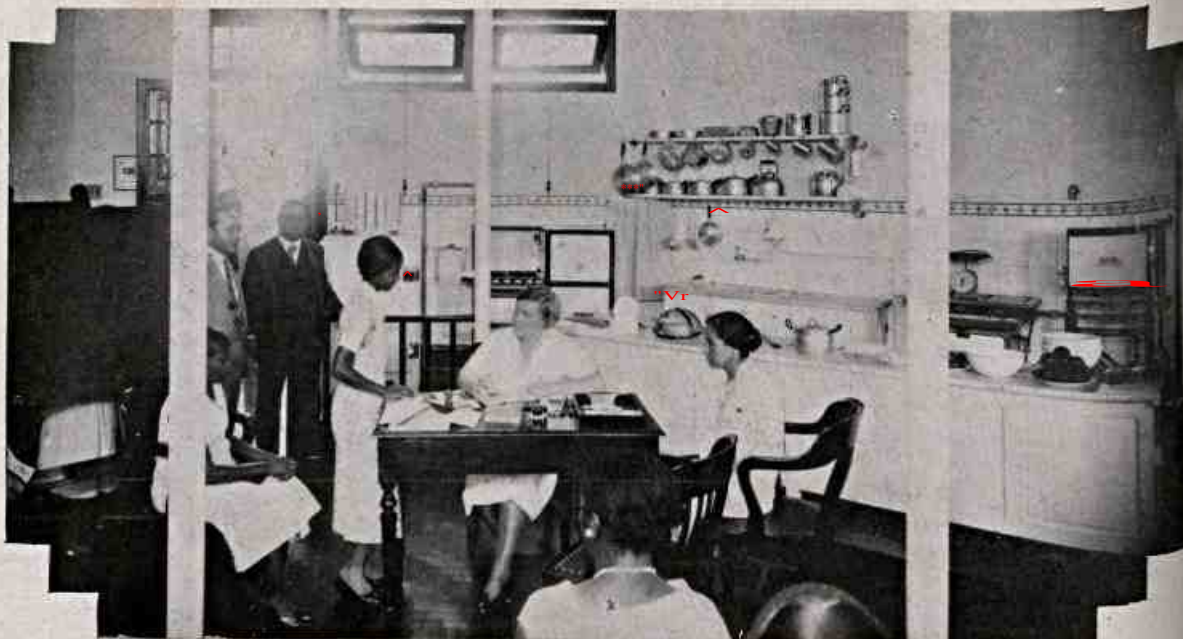
E' justo que se lhe pranteie a morte tanto elle era digno de viver, mas não é menos justo que se proclame que elle cumpriu o seu dever e attingiu a sua finalidade e que viverá por muito tempo ainda, no desdobramento dos filhos que creou e educou na escola de honra e de civismo em que se formára, na saudade da esposa que extremecia, no culto respeitoso dos amigos que soube crear.

E' a sua alma de *élite*, emancipada das contingencias materiaes, livre, avida de maior clareza sobre as graças de Deus, continuará o seu cyclo evolutivo em busca da perfeição.

PORTO DA SILVEIRA

LEOPOLDO FRÓES

As manifestações publicas feitas a Leopoldo Fróes, por occasião da chegada a esta capital dos seus restos mortaes, a bordo do «Massilia», alcançaram uma grandiosidade que impressionou a cidade. Dessas manifestações deixamos registradas nestas paginas, como homenagem ao grande artista, vários aspectos bem expressivos. Ao alto vê-se a familia Fróes quando visitou a camara ardente, apmada a bordo; no centro, o cortejo á sahida do cáes; em baixo, a descida de bordo para o pavimento do cáes, apparecendo, a cobrir o feretro, a bandeira nacional.

LEOPOLDO FRÓES

Continuamos a nossa reportagem photographica das sentidas homenagens que a cidade, nomeadamente os seus elementos artisticos, prestaram ao pranteado artista patricio Leopoldo Fróes. Ao alto, o povo velando o cadaver do grande actor, no «hall» do theatro João Caetano; ao centro, o professor João Barbosa falando em nome da Casa dos Artistas; em baixo, a sahida do feretro do João Caetano, a caminho de Nictheroy, aonde foram repousar para sempre os despojos mortaes do illustre filho do Estado do Rio.

Nictheroy, a terra natal de Leopoldo Fróes, associou-se, de fórma censibilizante, ás manifestações de pesar pela morte do grande artista brasileiro. A sua população, em massa, aguardou o féretro na estação da Cantareira e o commercio cerrou as suas portas, durante a passagem do cortejo. As photographias desta pagina mostram, ao alto, a passagem do cortejo funebre pela avenida Rio Branco; ao centro, a entrada na barca que o conduziu do Rio de Janeiro; e, em baixo, o cortejo a caminho da cathedral de Nictheroy.

A directora da Escola de Cozinheiras, sra. Wilma Kastner, attendendo ás primeiras candidatas ao novo curso.

A inauguração da primeira Escola de Cozinheiras da Companhia do Gaz foi o acontecimento da tarde de segunda-feira ultima. No primeiro andar do edificio da agencia da Companhia, á rua Teixeira Soares, 66, proximo á praça da Bandeira, realizou-se a solenne abertura do novo curso, que começou a funccionar naquelle dia e que vem trazer grandes beneficios á população do Rio de Janeiro. Trata-se de uma iniciativa da mais palpitante utilidade publica, porque estabelece o ensino da arte culinaria e da economia no lar, tão necessário para a bôa organização dos serviços domésticos.

O acto inaugural da Escola de Cozinheiras teve a presença das primeiras alumnas matriculadas no novo estalebecimento, em numero de 48, algumas familias do bairro e vários jornalistas especialmente convidados pela Publicidade da Light.

O chefe da secção commercial do Departamento do Gaz, mr. William Harges auxiliado pelo sr. A. Pacheco, encarregou-se de attender aos convidados, emquanto a directora da Escola, sra. Wilma Kastner, recebia as primeiras candidatas á inscripção para as aulas, que funccionarão diariamente, de 2 e meia ás 5 da tarde, divididas as alumnas por turmas.

Mr. Harges, em breves palavras, explicou aos presentes a finalidade da nova Escola, onde serão ensinadas, por technicos de indiscutivel competencia, as seguintes matérias:

1º — Economia da cozinha e gaz, seu manejo.

2º — Asseio e ordem.

3º — Selecção dos legumes, seu valor nutritivo.

4º — Manejo do forno, sua limpeza.

5º — Selecção da carne para os diversos alimentos.

6º — Assar carne no forno a gaz.

7º — Massas e bolos no fogão a gaz.

8º — Modo de usar os ingredientes nos alimentos.

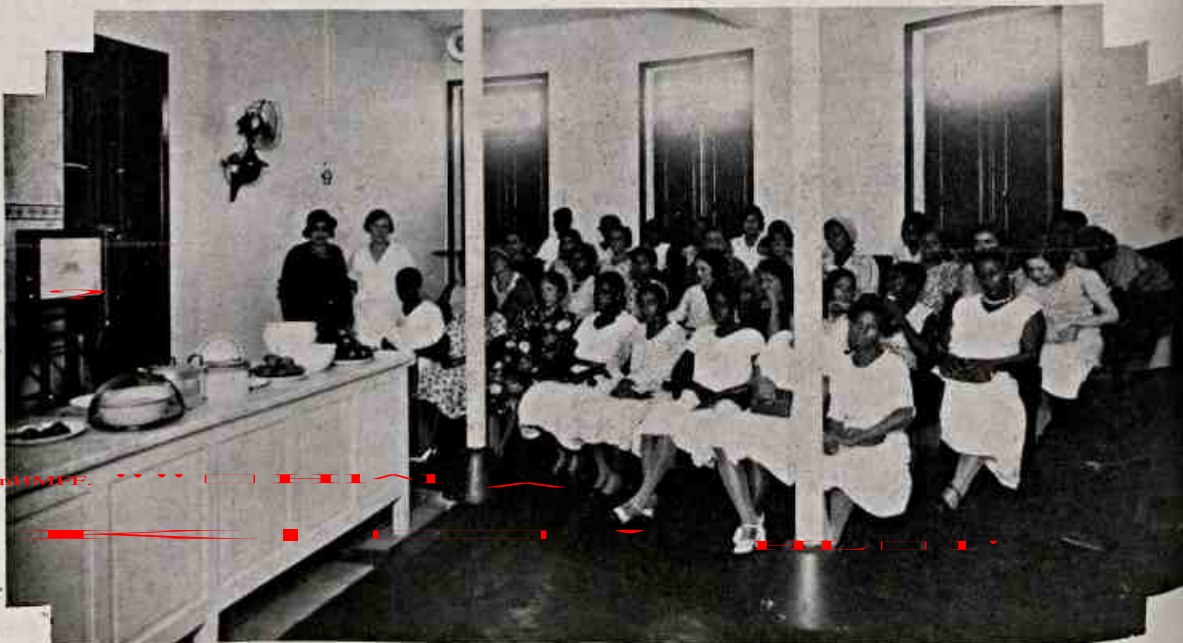
9º — Selecção dos mariscos e ostras; sua preparação.

10º — Conservação dos utensilios da cozinha com ordem e asseio.

11º — Sobremesa para as diversas refeições.

12º — Tortas e pasteis.

Explicações geraes nas aulas sobre o manejo do fogão a gaz nas diversas cozinhas; cocção lenta dos alimentos; como aproveitar do melhor modo as vitaminas que contêm; limpeza da cozinha e dos seus utensilios; asseio da empregada encarregada desses serviços.

Focalizamos nesta pagina dois aspectos da inauguração da primeira Escola de Cozinheiras da Companhia do Gaz.

Um grupo de alumnas aguardando o inicio das aulas.

FON-FON no cinema

Jimmy e Wanda, á luz do luar...

CASAR, PARA QUE?...

Da Paramount

Wanda e Marie, duas lindas raparigas de Nova York, são o que poderiamos chamar «mercadoras de affecto». Não vae neste epitheto, porém, nenhuma insinuação menos honesta contra a reputação das duas damas. O negocio a que ellas se dedicam, legal como qualquer outro, não deixa tambem de ser rendoso. Wanda e Marie trabalham de sociedade. Jerry Chase, um homem de idéas, cavalheiro sympathico e de vastas e importantes relações, é agente de varias companhias de manufactura de machinas e productos fabris. Jerry, que é perito no conquistar a sympathia dos seus freguezes, sempre que tem em vista fazer grandes negocios com fazendeiros vindos do interior, prepara-lhes no seu rico apartamento uma festa em regra, e Wanda e Marie, entre outras, são as figuras de resplandescencia dessas noitadas de alegria. Ellas comparecem a um chamado telephonico de Jerry, e, no dia seguinte, do mesmo Jerry recebem avultados cheques, cuja importancia, está visto, varia com os lucros auferidos pelo rapaz nas suas negociatas. E' numa dessas festas que nós — espectadores fortuitos de uma dessas festas — encontramos pela primeira vez as duas lindas mercadoras de affecto. Sim, ellas mercadejam livremente as mais doces caricias femininas, mas não se deixam jamais levar para além do limite traçado pelo «bom senso» que lhes impõe a rendosa profissão. Em casa têm ellas uma creada, a negra Hattie, que, para tal instruida, se põe sempre á janella do alto apartamento onde moram as duas amigas. Quando um coronel insiste em leval-as á casa e, mais atrevido, teima em que o deixem entrar, as meninas dizem sempre: «Oh, não póde ser... Não vê? Lá está a mamã a esperar-nos...» De feito, olhando para cima, o atrevido vislumbra no escuro da madrugada o vulto de Hattie, á janella, de cabeça envolta no seu chale. E assim escapam as gazelas á ferocidade carnivora dos lobos...

«Assigna ou não assigna?»...

Sozinhos, numa embarcação...

Certa vez, recebem as duas amigas um chamado urgente de Jerry. Trata-se, então, de um lindo passeio no hiate do abastado negociante. Um passeio, não; uma feria de tres dias — do sabbado a segunda-feira. Jerry espera entreter na cidade um famoso millionario de Michigan, o conhecido mr. Benjamin Thomas, dono de muitas industrias, entre as quaes enormes fundições de cobre. Wanda e Marie acham-se no hiate á espera do bojudo potentado. Mr. Thomas traz comsigo um joven fazendeiro, Jimmy Baker, seu socio nas fazendas modelares que o «rei do cobre» tambem explora. Os cinco amigos jantam alegremente, pois mr. Thomas, que é dado ás magicas, diverte-os com os seus passes e escamoteações. Marie, a loura, agarra-se ao gorducho mr. Thomas, e Wanda, mais sentimental, passa parte da noite, ao luar, no tombadilho do hiate, a tentar o sympathico Jimmy. Mas o joven fazendeiro, que tem medo dessas «meninas da cidade», faz-se surdo ás endeixas da attrahente sereia. No domingo seguinte, recebe Jerry uma nova comitiva de garotas e mais amigos, os quaes levam o dia em jogos e folganças. E' numa amigavel partida de nado que Wanda, para provar até onde tinha penetrado a sua arte no coração de Jimmy, lhe prega uma gra[illegible] sabe a bom nadar, e, lá longe, [illegible] que se afoga. O rapaz nada [illegible] tadamente até o logar [illegible] a moça e, com grande difficuldade, consegue leval-a para bordo de [illegible] embarcação ao seu alcance. Wanda, de artificio desmaiada, sobe nos braços de Jimmy.

— Que susto me pregaste! diz-lhe o rapaz, ao vêl-a abrir novamente os olhos.

— Jimmy, devo-te a vida! exclama a feiticeira num olhar tentador.

— Oh, Wanda, como eu te amo!...

* * *

Fechados os negocios com Jerry, resolvem os dois amigos ficar mais tempo em Nova York, tal é a attracção que sobre elles mantêm as lindas circes novayorkinas. Mas para Jerry não ha mais duvidas: elle ama a Wanda perdidamente e não sahirá da cidade sem a levar comsigo. E um dia, emquanto passeiam no jardim zoologico, Jimmy fala-lhe do importantissimo assumpto.

— Que não... não precisam casar: ella irá com elle para Michigan, para o fim do mundo, sem ser preciso essa complicação de casamento.

Essa attitude põe Jimmy de sobreaviso. Wanda então lhe confessa que já é casada — porém separada do

Architectando um plano.

Estes ficaram presos para sempre.

esposo. Tendo concordado em pedir divorcio ao marido para casar com Jimmy, no dia seguinte, numa festa que Marie offerece, no seu apartamento, ao «rei do cobre», encontra-se Jimmy com Alex Howard, marido de Wanda, o qual, por meio de uma vergonhosa chantage, consegue [illegible] o noivo da sua ex-esposa [illegible] 10.000 dollares. Wanda, que de nada sabe, fica perplexa quando Jimmy, que a julga cumplice [illegible] lhe lança á cara, com insulto, a culpa de tudo. Wanda cae das nuvens de surpresa e si bem que Jimmy tenha sahido arrebatadamente [illegible] não mais voltar, vae ella á casa de Alex, afim de rehaver o [illegible]

Mas, lá, para seu maior assombro, encontra-se ella com a segunda mulher do mariola. Elle obtivera o divorcio secretamente no Mexico [illegible] cára sem dizer nada para [illegible] torquir mais dinheiro. Condoída da sorte da outra, que [illegible] resguardo do primeiro filho, [illegible] Wanda sem revelar a sua [illegible] Faz um leilão de jóias e vestidos [illegible] com o que obtém o dinheiro [illegible] pagar a Jimmy. Mas o rapaz, ao ter conhecimento do divorcio e da maneira como ella conseguiu o dinheiro, volta ás bôas, e tudo acaba bem...

Madame Pompadour inspeccionando os soldados da França.

UM CAPRICHO DA POMPADOUR

PRODUCÇÃO DA "EILNE FILM" - JACQUES HAIK, PARIS. DIRECÇÃO DE JOÉ HAMMAN — COM ANDRÉ BAUGÉ, MARCELLE DANTA, GASTON DUPRAY, PAULETTE DAUVERNET, ANDRÉ MARNEY, MADYNE COQUELET, ETC.

1743... Anno da graça e da inquietude simultaneas, em que o poder da marqueza de Pompadour, favorita do rei Bem-Amado, tocava ao seu auge, mas tambem em que este poder é abatido pelas intrigas da côrte e pelos commentarios do povo. Libellos, pamphletos, versos satyricos são levados a publico, ás escondidas, ou cantados abertamente e esses versos não são propagados apenas pela verve popular: certos subditos fieis ao rei, não querendo que a França tombe numa derrocada, tambem escrevem suas satyras, como um tal Gaston de Meville, tenente da guarda de sua majestade. Mas a policia de Mr. Maurepas, hypocrita, amigo e inimigo sincero da marqueza, descobre em Gaston o rimador de uma canção singularmente virulenta: — o nome do rei está mettido.

Condemnado em conselho de guerra, pelo crime de lesa-majestade, Gaston cumpriria a sua pena se a Pompadour, que havia assistido secretamente á sessão do conselho, não tivesse, com a conivencia do official da guarda, feito conduzir o culpado para os seus aposentos particulares. Eil-a em presença de Gaston, este mudo deante da belleza da marqueza e pela vontade della, que havia salvo a vida. E a Pompadour, por sua vez, sente-se tocada pela sinceridade e pelos galanteios do tenente ao qual havia livrado da morte. A despeito do desejo do rei, que acha que Gaston deve pagar com a cabeça a sua insolencia, ella o envia, sob um nome supposto, á Escola de Cadetes de Saint-Germain, onde elle será official instructor. E' ahi que elle faz conhecimento com o joven Marcel de Clermont, cadete provinciano, apresentado á côrte por madame d'Estrades, dama de honra da

No «baudoir» da Cinderella real.

Olhar que diria muito.

Pompadour. E é na côrte que Marcel fica conhecendo a bella Madeleine de Biren, contractada pela marqueza para sua aia.

O amor, entretanto, pouco a pouco, brota no coração da Pompadour. Ella, para rever Gaston, de quem não mais tem tido noticias, vae pessoalmente a Saint-Germain e ahi passa em revista os cadetes. Convida, dentre elles, os melhores cantores e dansarinos para tomarem parte na grande festa que ella projecta levar a effeito no jardim do palacio de Versailles, em homenagem ao rei.

Gaston e Marcel fazem parte do numero. Os ensaios succedem-se. Emquanto Marcel os repete com a sensivel madame d'Estrades, Gaston faz outro tanto com a Pompadour e isto em presença do rei, que havia voltado subitamente de uma viagem, mas que não reconhece o official condemnado á morte, porque o mesmo está usando outro nome.

Finalmente, o rei fica seduzido pelos encantos de Madeleine, a linda creatura ao serviço da Pompadour, combina uma entrevista secreta no "Parc aux Cerfs", á meia-noite. Madame d'Estrades, entretanto, que acreditava o rei ausente, marca com Marcel um encontro no mesmo logar, para a mesma hora.

Madeleine e Marcel, que se amam, faltam á sua entrevista e é madame d'Estrades que o rei encontra no pavilhão, em logar de Madeleine. O rei desembaraça-se della, fazendo-a desapparecer por um alçapão e ganha o palacio para ahi ficar sabendo pelo Delphim e por Maurepas, inimigos da marqueza, o terno interesse que ella tem pelo tenente condemnado.

De seu lado, Marcel, cadete alegre, se vangloria de ter cahido nas graças da marqueza e suas conversas chegam aos ouvidos de Gaston. Este, pelo ciume que prova, comprehende a que ponto chegou o seu amor pela favorita do rei. Por felicidade, os propositos de Marcel são desmentidos e Gaston, doido de alegria, comparece ao palacio, na noite da representação real para entrar em scena e tirar á marqueza a mais cruel das duvidas.

Os dois, interpretando e cantando, alcançam triumpho. Comprehendem, num instante, que o rei sabe de tudo. Gaston propõe á marqueza fugir com elle, enfrentar o proprio rei. Mas, o rei está impassivel. A marqueza curva a cabeça. O rei ainda a ama... Elle lhe perdoa, mas sem exilar o perfidio Maurepas e depois de ter enviado Gaston, sob as ordens do marquez de Dupleix, ás Indias Orientaes. Depois elle toma Pompadour pelo braço, ella, que todos julgavam perdida, e passa por entre os cortezões que a respeitam, ainda commovida por aquelle grande amôr...

Hora decisiva.

Eu já estava cansado da caminhada longa pela estrada da vida. Meus pés sangravam, rasgados pelas pedras; minhas pernas vergavam, sem forças e doloridas; eu todo não era mais do que um fardo inutil, que pouco adeantava animar. Muito mais do que o meu corpo, porém, era o meu espirito que se rebellava, desanimado, desilludido, desencorajado!

Que me fôra dado, até então, colher no caminho ingrato? Nada, em confronto com o que me fôra promettido, com o que eu havia sonhado na mocidade distante. Nem uma sombra amiga a que eu me abrigasse para refazer as forças! Nem uma gotta de agua com que mitigasse a sêde que me queimava a garganta! Nem ao menos uma flôr com que se illudissem meus olhos já cansados da monotonia circumdante! Por toda parte pedras, por todos os lados espinheiros e cactus, por sobre tudo o sol, um sol que dardejava fogo, que punha scintillações de braza na areia branca da estrada, que reduzia a cinzas tudo que para mim podia ter sido sonho e esperança!

Como era destruidor aquelle sol da desillusão!...

Eu nada mais esperava encontrar na estrada da vida. Meus olhos não alcançavam ver o final do caminho interminavel e mais de uma vez pensei em deixar-me cahir numa das pedras da margem e ficar ali, sentado, sem nada mais tentar, até que o Destino fizesse descer sobre mim as sombras da grande Noite que existe sempre no final de todos os atalhos da existência!

Seria bem melhor do que continuar a caminhar eternamente, rasgando os pés e procurando em vão, por entre os espinhos cujas pontas me feriam as carnes, a arvore que dá os fructos dourados da felicidade!...

E, justamente quando eu estava assim, desalentado e triste, senti que alguem me punha, de mansinho, a mão no hombro. Voltei-me e encontrei-me deante de ti. Nunca ninguem, naquella estrada immensa, me havia dirigido a palavra. Todos passavam por mim indifferentemente, egoistas, sem se lembrar de indagar si eu precisava de ajuda. E eu só por orgulho não pedia auxilio aos que passavam...

O teu gesto, tocando-me no hombro, encantou-me e eu te olhei. Vi logo, no primeiro instante, que o teu atalho, na existencia, não era aquelle. Teus pés não tinham sido feitos para pisar aquella areia quente e as tuas vestes eram finas demais para se estarem rasgando nas sarças do caminho. Vi logo que estavas desviada da tua estrada e, por isso, sympathizei comtigo. Cheguei a pensar, — as almas têm, ás vezes, dessas fantasias tolas — que te houvesses desviado pelo prazer de me dar ajuda. Tu devias lamentar o meu abandono — pensei — porque tambem tu me parecias triste, desilludida, e tive certeza disso. Quando me disseste:

— Estou cansada de caminhar sozinha!...

Deste-me o braço, levantaste-me e eu me animei a caminhar comtigo. De quando em quando, adivinhando que as forças me iam faltar, tu murmuravas, com uma voz que os passaros deviam invejar:

— Um pouco mais! Não te deixes abater, ao menos para que eu não cáia tambem...

E eu avançava sempre, reanimado, pelo que dizias...

A pouco e pouco — embora a estrada fosse a mesma, fosse o mesmo o ardor do sol e a mesma fosse a fereza dos espinhos — brotavam em mim novas forças e um novo calor reaccendia minha alma. Quando a luminosidade da areia ferida pelo sol castigava meus olhos, quasi cegando-me, eu olhava as tuas pupillas, negras como a noite, e sentia como si uma sombra immensa me abrigasse; quando minhas carnes, horrivelmente rasgadas, sangravam, tu enxugavas o sangue com os teus dedos e as feridas desappareciam, como tratadas por um balsamo maravilhoso; quando a sêde me matava, pondo-me a garganta em fogo, tu me davas teus labios e eu experimentava a sensação de sorver o mais miraculoso dos filtros. E muitas vezes parei, a cabeça apoiada no teu hombro, sentindo que tuas mãos muito brancas alisavam os meus cabellos revoltos, e desejando intimamente que nunca tivesse fim aquella estrada que antes me parecêra tão deserta e má...

Quanto tempo caminhámos assim? Não sei. Eu era feliz demais para contar as horas!

Sei apenas que um dia chegámos a uma encruzilhada. A minha estrada, — aspera, núa, ensolarada — cortava uma outra que era tapetada de relva, ladeada de arvores e onde as acacias soltavam as exclamações felizes das suas flôres amarellas. Parámos. Tu ergueste a mão e falaste, apontando o caminho feliz:

— Esta é a minha estrada e eu devo seguir por ella. Meus pés não supportam mais pisar a areia dura e quente. Ficarei, si quizeres que eu fique, si precisares de mim...

Eu olhei as duas estradas tão diversas, que se afastavam com rumos differentes; olhei os teus pés delicados, as tuas vestes finas; olhei para mim mesmo, esfarrapado, ferido; e sacudi a cabeça:

— Segue o teu caminho! — falei. Já fizeste por mim o que podias fazer, e eu agora sou capaz de caminhar sozinho!

Estendeste-me a mão, em despedida:

— Não páres, então. Os nossos caminhos se cruzarão de quando em quando e nós nos veremos...

E partiste. Eu ainda tive animo para ficar em pé, olhando a tua figura que se afastava adornada pelas acacias que se desfolhavam á tua passagem para florir-te a cabeça.

Mas não parei de caminhar. Avanço sempre, levado pela esperança de uma nova encruzilhada onde te possa ver, porque me basta a ventura de te ver passar, feliz, quando por acaso se tocarem as trilhas differentes que seguimos na vida...

E quem sabe si um dia, por um capricho do destino, as nossas estradas não se transformarão em uma só?...

As obras brasileiras continuam a obter a maior acceitação por parte dos editores francezes. Ultimamente, mencionei algumas que, já editadas, vêm obtendo um exito bem lisongeiro, como a "Bugrinha", de Afranio Peixoto, etc. Agora Ronald de Carvalho vem de firmar um excellente contracto com a N. R. F. para a edição de duas traducções de obras suas, uma das quaes sobre "Rabelais", e ambas ineditas ainda em portuguez. D'outra parte, Soriot, o sympathico director das "Nouvelles editions Latinas" lançará na presente temporada um livro de Tristão de Athayde, que elle reputa admiravel, assim como vem de receber de um escriptor francez um "recueil" de contos de Coelho Netto, e faz as "demarches" para a proxima traducção de um livro de Gustavo Barroso. Isso nos conforta e anima, dentro desse "chaos" que é o Brasil dos editores, que assim conquistam um terreno á sua expansão. — B. A.

As obras sobre Napoleão se elevam a 200.000 e, no emtanto, nenhum escriptor até hoje havia feito um estudo sobre a mãe do grande Imperador. Napoleão em Santa Helena havia dito: "*Je dois tout á ma mére. Ma mére aurait gouverné des royaumes!*" E essa figura, que parece ter exercido a maior influencia que se conhece sobre os primeiros passos do caracter do exilado de Santa Helena, ficou até hoje apagada e desconhecida. Lydie Peretti, utilizando-se de todos os documentos existentes, das *Mémoires* e da Correspondencia de "Madame mére", vem de preencher esta lacuna da literatura historica da França, publicando um admiravel estudo — *Letizia Bonaparte* (La mére de L'Empereur), que está obtendo um grande exito de livraria na França.

———

Commemorou-se no dia 23 de fevereiro o tricentenario de *Pepys*, Samuel. Sabe-se já que este autor deixou um jornal escripto, em parte, com uma cifra cujo segredo não póde ser descoberto no seculo passado. Logo que foi publicado, esse jornal obteve um ruidoso successo, justificado pelo grande interesse que elle representa para a Historia dos Povos.

———

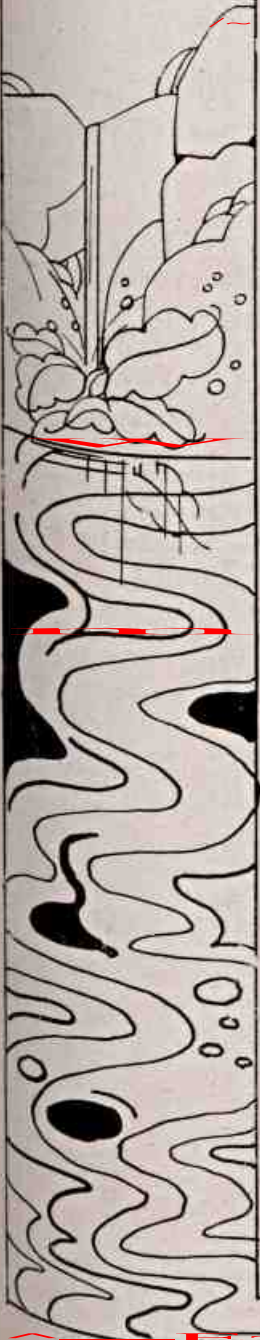
Commemorou-se, em fevereiro, o centenário da morte do grande poeta inglez George Craboe, que Byron dizia ser o "pintor mais severo da natureza e, comtudo, o melhor". Foi um dos grandes nomes de sua época, admirado por toda a Inglaterra e, notadamente, por Wordsworth e Walter Scott, que fez ler os seus versos no proprio leito de morte.

———

O premio "Femina-Vie Heureuse", de Londres, coube este anno a Miss Stella Benson pelo seu romance "*Toby Transplanted*".

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

— «Dernières histoires de fakir», por P. Heuzé. (Editions Montaigne).
— «Le naufrage de Dumarn», por Lowell Thomas. (Paiyt, editor).
— «Stock exchange», finança, por H. Meredith. (Paiyt, editor).
— «Trente ans de chansons», por Xavier Privas. (Figuiére, editor).
— «Goupil le rouge», por Charles Robert. (Stock, editor).
— «La revolution de l'École Unique», por Flottes. (Tallandier, editor).
— Le français au Canada», por l'Abbe Groulx. (Delagrave, editor).
— «Fauves humains de l'amazonie», por Mme. Courteville. (Fasquelle, editor).
— «Esquisse d'un sionisme nouveau», por K. Cohen. (Le Triangle, editor).

MÃE D'AGUA

FONTE de agua crystallina
A correr, procurando outros logares,
Perto, crescem boninas
E entre as boninas
Nenuphares...

Já deste de beber a tanta gente,
A tanta gente sequiosa,
Que a tua liquida corrente
Se transformou, de repente,
Numa caudal de magua luminosa.

Donde vieste, agua borbulhante?
Para onde vaes, a borbulhar?
Pára um minuto, apenas um instante,
Porque tudo no mundo ha de parar!

Eras moça, entretanto,
Hoje estás velha, velhinha...
Tua vida cheia de pranto
E' um conto da Carochinha!
E' uma historia dos irmãos Brimm,
Que continúa sem ter fim...

Mãe d'agua,
Quero deixar a minha magoa
Nos teus braços de liquido crystal,
Para que a leves na corrente,
Murmúrio errante da gente
Para o rio ou para o mar,
E não me faças mais chorar!...

AMARYLIO DE ALBUQUERQUE

NOTAS DE ARTE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICA. — Homenageando o bicentenario do nascimento de Haydn, o celebre compositor austriaco, que na opinião de Grétry se distinguia, entre os eleitos da arte do seu tempo, pela "riqueza das composições instrumentaes" — realizou a A. B. M. em a noite de jovedia, 31 de março, o seu 12.º concerto, fazendo ouvir as seguintes obras do morto immortal: I) *Sonata, para violino e piano;* II) *Thema com variações em fá menor; Sonata, para piano;* III) *Quartetto, op. 77, n. 1.*

Poucas, pouquissimas vezes, se tem visto o salão nobre do I. N. M., numa noite de concerto, e concerto de musica de camara, apresentar tão numeroso auditorio, como o que ouviu as composições do famoso musicista germanico.

Embora só pelas symphonias é que se possa verificar plenamente o conceito de Grétry — julgado de accôrdo com a epoca, que era a de Mozart e precedia a de Beethoven — nem por isso se deixa de lhe notar o acerto, ouvindo o bello quartatto de cordas, *Quartetto op. 77, n. 1.* Mas o que se destaca tanto no quartetto como nas outras composições ouvidas, é tambem o acerto de outro conceito, esse formulado pelo proprio Haydn: "na phrase melodica é que está toda a magia da musica". Sentimos delicioso prazer espiritual, ouvindo as phrases melodicas das duas *Sonatas*, especialmente as do *Andante* da primeira e do *Largo* da segunda. Embora classico dos mais puros, Haydn tem alguma cousa de romantico

O grande pianista chileno Arrao, cuja ruidosa estréa se realizou no Theatro Casino, na tarde da última quinta-feira.

pelo encanto das suas melodias, pela sentimentalidade da sua inspiração. Sente-se que é contemporaneo de Mozart e precursor de Beethoven.

As interpretações corresponderam senão sempre, quasi sempre, senão plena quasi plenamente, á grandeza das composições. Charley Lachmund, provecto e acatado mestre da arte pianistica, interpretou com a costumada mestria a *Sonata para piano* e principalmente o *Thema com variações*. Maria Jacovino revelou mais uma vez o seu talento e a sua arte na *Sonata para violino e piano*. O Quartetto Brasileiro, onde figuram as violinistas Maria Jacovino e Maria Carlota de Goulart, o violista Alfredo Henrique Garcia e a violoncellista Nydia Soledade, executou com precisão e clareza, com accentuada unidade, o *Quartetto op. 77, n. 1*, sobresahindo especialmente no tempo final.

Toda a audição foi coroada de applausos no fim de cada numero e de cada tempo. Houve e foram satisfeitos pedidos de extra e *bis*, alvos tambem de muitos applausos.

Em o numeroso auditorio, além de muitas outras pessôas de destaque do nosso mundo social e artistico, figuravam os srs. Antonio Retschke e Hubert Knipping, ministros plenipotenciarios da Austria e da Allemanha.

Parabens á A. B. M. pela sua iniciativa de homenagear a grande memoria do "pae da symphonia", e pela brilhante e applaudida realização da grande homenagem, que foi o Concerto-Haydn.

OSCAR D'ALVA

PERFUMES

PAULA CHAVES

Volatização de uma alma feminina
bailando no ar...
(parece que se move pelo ambiente
a estátua do seu vulto heráldico — franzina
como um raio de luar!)

— Agora, estou de accordo com você:
perfume logo dá noção de personalidade.
Hontem, outra mulher que vi trazia
um cheiro phantasmal de phantasia
e eu (nem sei por que!)
senti bem no meu pello as rosas da Saudade,
lembrando alguem que a gente quer e que não vê!

— Você tinha razão: — perfume
muitas vezes desperta ou saudades ou ciume.

Si abro uma carta que você me envia,
a pituitária accusa a sua volta
e se corporifica, vadia,
essa visão diáphana, erradia,
pelo aroma subtil que ella desprende.

Fica vivendo um sonho na lembrança,
porque é um sonho oriental, phantasmagórico,
o perfume bizarro que você prefere;
e lembra a carne de mulher...
mistura-se aos sentidos, entorpece e dança,
porque reconstitue, deante do pensamento,
alguem que a gente quiz e ainda quer!

OS DOIS CÉGOS

PIERRIK GLOANNEC era o peor dos criminosos. Havia covardemente assassinado Jean d'Hyver, infeliz cego e estropiado, que inspirava a piedade de todos de Carnoet, na Bretanha.

Mas, desse assassinio ninguem havia tido noticia.

Eis como se passaram as coisas: Depois do incidente de caçada que cegou Jean d'Hyver levando-lhe tres dedos da mão direita, Pierrik tentou supplantal-o nas bôas graças de Marie Ploeven, mas foi tempo perdido; Marie conservára-se fiel a Jean, e cuidando delle como duma creança, tornou-se seu guia e sua companheira de todos os instantes.

O rancor e o odio apoderaram-se então de Pierrik.

Começou por envenenar sorrateiramente o cão de Jean, um bello animal chamado *Taicut.*

Depois, um dia que Marie estava no campo, elle veiu procurar o cégo, sob pretexto de conduzil-o a um "perdão" dos arredores, tomou-lhe a mão, pobre mão mutilada, toda cozida de cicatrizes, levou-o por atalhos até os penhascos e lançou-o no buraco de Lazurec.

O mar estava agitado; não restituiu o corpo do infeliz.

Achou-se apenas o chapéo, um grande chapéo de fita de veludo preto com uma fivella de prata, á moda do lugar, preso á uma das asperezas da chaminé de granito.

E acreditou-se que Jean, passeiando imprudentemente só, como se arriscava ás vezes, tivesse cahido nas furnas, onde as vagas fazem tanto ruido quando o vento sopra de largo.

No emtanto, dado o golpe, Pierrik, curvou-se sobre o buraco, para certificar-se que o corpo de sua victima havia desapparecido por completo, na escuma que saltava a cem pés abaixo delle, e, endireitando-se, feriu gravemente a fronte, contra o rochedo. Durante umas semanas conservou uma ferida que elle justificava contando uma rixa com uns companheiros.

Mas, com o decorrer do tempo, sua vista perturbou-se, retrahiu-se, como si, deante de cada olho, dois lençóes de sombra se approximassem cada vez mais. Medicos de Rennes e de Quimper, consultados, declararam que, sob o golpe violento, formára-se um tumor, desenvolvendo-se e pesando sobre o nervo optico. Accrescentaram que era desgraçadamente muito proximo do cerebro para que pudessem operar.

Ao cabo de dois annos, Pierrik Gloannet estava inteiramente cego. O castigo não se limitou a isso.

Certa noite que elle estava sentado ao pé do fogão onde a mãe cozinhava, ruminando pensamentos que não cessavam de lhe perseguir o cerebro de cégo e assassino, a velha lhe disse:

— Meu filho, devias ir vêr o doutor de que fala Lemaitre.

Lemaitre, era um fanfarrão de motins, um operario nomade que haviam contractado para a colheita e que prolongava sua etsadia na povoação, errando de um lado para outro, parecendo esperar ou procurar alguma coisa.

Elle dizia ter descoberto, a duas leguas dalli, em direcção á aldeia de Port-Blanc, um medico de Paris que alli havia alugado uma casa á beira-mar. Esse médico, dizia elle, era um grande sabio e fazia questão de curar Pierrik.

— E' idiota, um medico de Paris que fica aqui até novembro! Não é, mamã? Emfim, póde ser! Si elle quer curar-me. Não se perde nada em experimentar, não é verdade? Mas quem me leva?

— Bem! Lemaitre! Não será a primeira vez!

Pierrik fez uma careta. Elle tinha contra este Lemaitre uma prevenção inexplicavel. Preferia ter como guia qualquer garoto estouvado, indisciplinado, aleijado até, do que este homem de passo firme e rapido, que elle achava reservado, enigmatico e, em resumo, hostil. No emtanto, resignou-se:

— Será mesmo Lemaitre, já que elle conhece o medico.

E depois de uns minutos de hesitação, juntou:

— Você não acha, mãe, que elle fala como Jean... como Jean d'Hyver?

ESTÁ o pregador fazendo o sermão das lagrimas e critica no momento a acção de Pilatos no julgamento de Jesus.

PILATOS

Pilatos poderia salvál-o do sacrificio da cruz mas assim não o fez por fraqueza sua.

Pedem os judeus a condemnação de Jesus á morte; porém o governador romano não lhe encontra culpa. Ha muita inveja. Em torno da denuncia nada existe de verdade contra o Senhor. Reconhece tudo isso, emtanto não providencia de modo energico para que o justo seja salvo, e fál-o soffrer horrivelmente.

Começa um tabaréu a ficar impaciente e a dirigir-se ás pessôas que lhe estão perto:

— Esse *seu* Pilatos deve ser mesmo um typo muito ruim! Inháfute!

Dá-se o contagio mental, — continúa o orador sagrado, — pois, excitado pelos gritos dos principes dos sacerdotes, o povo resolve gritar tambem, inconscientemente:

"Crucifica-o! Crucifica-o!"

Porém responde o magistrado romano que Jesus, em verdade, não fez mal algum. Castigál-o-á e dar-lhe-á depois a liberdade.

E o tabaréu, cada vez mais impaciente:

— Castigar por que? Castigar um homem tão bom para satisfazer aos malvados! Ah, seu Pilatos, si eu o pegasse... si eu o pegasse...

Irriquieto estudante vê um pobre velho ajoelhado, muito contricto, ao pé de um altar ali perto, dirige-se ao tabaréu e diz-lhe, baixinho:

— Está vendo aquelle velho ali, tão contricto?

— Estou.

— Pois é elle o Pilatos. Não lhe faça coisa alguma, porquanto já está muito arrependido do que fez ao filho de Deus! Vê como se acha acabrunhado? E o remorso...

— Só apanhando aquelle desgraçado!

— Não. Já está arrependido. Não ha necessidade de outro castigo. O remorso fál-o soffrer bastante. O senhor não calcula o que seja o remorso.

— Pois sim. E' um typo muito ordinario aquelle sujeito!

— E', mas deixe-o em paz.

— Pois não!

Prosegue o pregador, narrando continuarem os gritos:

"Crucifica-o! Crucifica-o!"

Então manda Pilatos vir agua,

De Jean Besliere

— Realmente! Elle tem um pouco a voz delle.

Pierrik tornou-se ainda mais triste e replicou:

— Parece-se com elle?

— Não se póde dizer. E' possivel que antigamente elle, tivesse tido, como Jean, uma bella cabeça correcta, mas já não se póde perceber. E' robusto de corpo, mas tem os cabellos brancos, os olhos tão fundos que, quasi não se os vê, o rosto ossudo. Tem ar mais velho que eu. Um homem que soffreu certamente morte e paixão, que!

A ansiedade de Pierrik augmentou com essa figura. Perseguiu-o toda a noite. Mas o desejo de curar-se foi mais forte e, no dia seguinte, elle mandou pedir a Lemaitre para acompanhal-o ao medico de Port-Blanc.

Partiram á tarde. Pierrik levando o bastão na mão direita, collocou a mão esquerda no hombro de Lemaitre.

Tentou conversar com o guia:

— Então, elle disse que me curaria? E como é que elle trata?

— Com hervas.

Isso tranquillizou Pierrik. Caminhou muito tempo sem dizer nada.

Mas quando sentiu que o sol se deitou, poz-se a murmurar:

— Devemos chegar a Port-Blanc d'aqui a pouco!

Lemaitre deu de hombros:

— Como assim?! Ha justamente meia hora que caminhamos!

O medo começou a ruminar na cabeça de Pierrik. De repente o "Angelus" soou numa campa cujo som fêl-o tremer.

Elle parou bruscamente:

— Ah! Essa pancada, tu dizias que ainda não eram seis horas!

— E' possivel, disse Lemaitre, quiz cortar caminho e creio que me enganei. Espera-me, vou vêr onde estamos.

Só, o cégo apalpou o sólo com a mão, escutou, auscultou o vento e, de repente, estremeceu ouvindo á distancia, chamarem: "Talaut!" Então poz-se a gritar: "Lemaitre!... Lemaitre!..."

A voz do companheiro elevou-se junto delle:

— Que é? Que tens para berrar desse modo?

— Eu queria dizer-te... Acabo de me orientar. Estamos longe de Port-Blanc. Aqui, é a terra de Lazurec. O campanario é para alli... Em frente a nós a trezentos metros, é o buraco... o buraco de Lazurec... Sim! Sim! Ainda que esteja ventando, oiço o mar quebrar-se no fundo... Voltemos, Lemaitre, supplico-te! Iremos a Port-Blanc, um outro dia.

— Estás louco! Foi para me dizeres isso que fizeste tanta coisa? Vamos, adeante!

— E depois!... E' tambem porque sinto um animal que me fareja, rosnando!

Elle lançava os braços para frente, procurava alcançar Lemaitre, para se apoiar nelle. E, de repente, uma mão agarrou a sua, uma mão direita que só tinha o polegar e o index, os outros dedos eram apenas cotos cheios de cicatrizes!

Elle tentou desvencilhar-se balbuciando:

— Lemaitre!... L'Hyver!... Lemaitre!... L'Hyver!...

Mas os dois dedos apertavam-no como si fossem um par de torquezes e puxavam-no para a frente.

E, de novo, sentiu nas pernas, o bafo furioso do cão.

Perdendo a cabeça então, poz-se a caminho por si mesmo, foi jogar-se no buraco de Lazurec.

No dia seguinte encontraram o chapéo de Pierrik de fita de veludo preto e fivela prateada, preso á uma anfractuosidade do rochedo.

Não posso affirmar que fôsse a mesma que, ha tempos, agarrou o chapéo d'Hyver. E' bem possivel, mas não sei.

Quanto ao supposto Lemaitre, nunca mais foi visto, nem na terra, nem alhures.

E agora si me perguntarem como se soube dessa historia, pois si Gloannec e Lemaitre, não mais appareceram, responderei que, desde o dia seguinte, ouvia-se contál-a a algumas leguas de distancia por pessôas que não se conheciam. E, francamente, as maiores verdades não foram reveladas, assim, sem que se saiba a primeira pessôa que instruiram as outras?

De Hormino Lyra

lava as mãos em presença de todos, pronunciando estas palavras: "Estou innocente do sangue deste justo; lá vos avinde."

Por ordem de Pilatos, é Jesus flagelado pelos soldados. E' impiedosamente açoitado. Fica o justo com o corpo coberto de chagas. Dão-lhe bofetadas. Cospem-lhe no rosto.

E o tabaréu, impaciente:

— Qual! Esse *seu* Pilatos hoje não me escapa!

E narra ainda o orador sagrado ter Pilatos consentido naquillo para ver si os judeus tinham compaixão de Jesus. Apresenta-o ao povo, bastante desfigurado, com a corôa de espinhos na cabeça e o manto vermelho sobre os hombros: "Eis aqui o Homem!"

Porém a plebe e os principes dos sacerdotes não têm dó de Jesus e continuam a pedir seja elle crucificado.

Pilatos assegura mais uma vez não encontrar falta alguma nelle; mas respondem que, segundo as suas leis deve morrer, porque se diz filho de Deus!

Continúa Pilatos procurando convencer os judeus da innocencia daquelle. Mas gritam elles que, si o governador romano livrar Jesus, não é amigo de Cesar! Teme Pilatos a colera desse poderoso soberano, declara-se incompetente para julgar o Homem e entrega-o para ser crucificado!

Nesse instante, o tabaréu perde a calma e grita:

— Não, *seu* Pilatos! Isso não póde ser! Isso é demais! Você é um covarde! Si não apparece um homem que vingue a morte de Jesus, não deixo isso passar assim, não...

Levanta o peroba, dá uma pancada no pobre velho que está ajoelhado, e este *aninha* alli mesmo!

Escandalo! Surprêsa! Borborinho! E' interrompido o sermão. Foge o estudante emquanto é tempo. Prendem o tabaréu. Este explica:

— Dei-lhe, porque elle foi muito máu para Nosso Senhor, que é um homem tão bom!

— E sabe quem é aquelle? — perguntam-lhe.

— Sei. Aquelle é o infame Pilatos.

— Quem lhe disse isso?!

— Foi um moço que estava aqui, *agorinha* mesmo... *Cá dê* o moço?!...

E, amparado por dois amigos, lá vae o pobre velho a quem um genio avesso attribuira exercer as funcções do governador da Judéa, o tímido Poncio Pilatos...

“Sobre o capim, meu filho”

ÁS vezes, o pae Dayrolles levava o filho Miquelot á feira de Lanedorthe. Mas, como era o homem mais economico do lugar, fazia o trajecto descalço, obrigando o garoto a fazer o mesmo. Apenas ás proximidades da cidade é que elle permittia que o pequeno se calçasse.

— Sobre o capim, meu filho! Vae pelo capim, á beira da estrada! Faze como eu. Bem sabes que no meio da estrada ha pedras e as pedras estragam os sapatos. Na volta quando estivéres novamente descalço, poderás ir pelo meio da estrada, si preféres; então só estragarás a pelle. E esse couro, graças a Deus, repara-se sem sapateiro”.

Durante toda a infancia, Miquelot caminhou á beira das estradas, procurando o capim, a gramma, procurando evitar a lama para não arrebentar os sapatos, como fazia seu pae, como haviam feito, sem duvida, seus avós, todos os seus antepassados, toda a familia Dayrolles.

E assim tornou-se um rapaz muito honesto, economico como o papae, que fez as suas economias, mais ainda que este, de sórte que aos vinte e cinco annos era um bello rapaz — ou quasi — um joven muito elegante — ou quasi isso.

Realmente, apesar da fortuna, ficára-lhe um pequeno defeito — que não deixava de ser uma grande qualidade — a bizarra mania que trahia a origem. Quando passeiava nos parques, não sabia caminhar pelas aléas, instinctivamente afastava-se para andar sobre os relvados. Julgava ouvir sempre o conselho de papae: “Sobre o capim, meu filho! Vae pelo capim para não estragar os sapatos!”

E só sabia caminhar bem, sobre a relva. Nos jardins publicos, elle ouvia as reclamações dos guardas, porque pisava as grammas. E, nos jardins particulares... Ah! o que lhe aconteceu certo dia, num jardim particular!...

Caro habito!... Até a velhice elle soffreu por causa dessa aventura .

Eis a historia.

* * *

Aos vinte e cinco annos, Miquelot Dayrolles — elle assignava apenas Miquel d'Ayrolles, si me faz favor — entendeu que devia se casar. Lançou um olhar circular pelos castellos da redondeza e achou num delles uma joven encantadora.

Ella chamava-se Isabeau. Era bella. Infelizmente, o pae era um general reformado que não parecia dos mais accommodados. O velho herói não via o camponez civilizado com muito bons olhos. Mas a filha, ao contrario, concedeu-lhe alguns sorrisos indulgentes.

Michel sentiu-se apaixonado.

Ah! Como elle a tornaria feliz!

Certa tarde, no parque do castello, quando fazia a côrte conversando gentilmente com a joven herdeira, esqueceu-se e em lugar de andar pelas aléas, pisava desapiedadamente os relvados. A bella Isabeau percebeu e tratou de trazel-o para o meio do caminho. Mas o louco apaixonado, impellido pelos habitos de rustico, não tardou a esmagar ainda o grammado com os seus grandes pés. Ora, era ag-

herbo o grammado, e cheio de folhagens raras, semeado de florinhas preciosas, que o general, grande apaixonado de jardins, tinha mandado vir do Japão. Para não offender essa relva maravilhosa, elle prohibia que os cães passassem por ali, que não fosse pela corrêa. E Isabeau ficava fria de pensar que o pae do alto dalgum massiço vizinho, pudesse vêr as devastações feitas pelo estouvado Michel.

Elle viu. Porque rondava nas immediações — elle constatou e com que olhos de chispas! — que o rapaz lhe massacrava as grammas, as flôres, com a inconsciencia dum pinto que cisca, e gritou para a filha, como si ordenasse uma descarga:

— Isabeau! vae buscar uma corrêa!

A joven estremeceu.

— Uma corrêa? disse ella. Por que? Não tenho cão.

— Não. Mas tens esse moço...

Ella baixou a cabeça, fixou o namorado, suspirou brevemente e não poude conter uma gargalhada.

* * *

Passaram-se alguns dias para que o joven Michel comprehendesse a razão daquella gargalhada, a razão daquella frieza que se seguiu da parte de Isabeau, para comprehender finalmente o rompimento do casamento, que foi o resultado de tudo isso.

Mas quando elle soube, que anathemas lançou ao velho pae.

— Ah! Miseravel, carrasco! Ahi está o que fizeste do teu filho! "Pelo capim! dizias-me tu. Vae pelo capim para não estragar os sapatos"! Famoso, teu conselho! Espera!

E, furioso, Michel d'Ayrolles, gentilhomem — ou quasi isso — dirigiu-se ao cemiterio, procurou o tumulo do pae — tumulo abandonado — pisando sobre elle com furia, esmagando a verdura das grandes jardineiras.

Prompto! Caminho sobre a relva! Caminho sobre ella, vês? Estás contente?

Mas deu um grito. Alguem acabava de morder-lhe o calcanhar. O morto?... Grande Deus! não era o dente de seu pae que elle sentira através da verdura?

Elle sentiu os joelhos tremerem.

— Perdão! balbuciou elle juntando as mãos.

E si um coveiro, mais adeante, não o olhava, talvez tivesse cahido de joelhos deante da cruz que trazia o nome do pae.

Porém elle examinou o calcanhar e deu um suspiro de allivio.

— Um espinho!... Estupido!

Tirou da calça o espinho que o havia picado e voltou pensativo, perguntando talvez que fazendeira cheia de milhões poderia consolal-o, em breve, daquelle rompimento de casamento.

E voltando para casa, machinalmente, dirigiu-se para a beira da estrada, por sobre a verdura, para não estragar os sapatos... "Sobre a verdura, meu filho!" gritava-lhe ainda na carne, nas entranhas, no sangue, a voz de seu pae, o rude camponez.

E, ainda que se tornasse pôdre de rico, havia de obedecer-lhe sempre.

Jean Rameau

O HOMEM QUE MORREU DE SUSTO

ESTAVAMOS só. Fóra das persianas do hotel deserto — pois todos os hospedes já se haviam recolhido, — o vento cortante do inverno passava em turbilhão, vergando as árvores da praça fronteira e fazendo ranger as taboletas e os annuncios, rasgados pelo cahir impertinente da chuva. Naquella cidade mineira, na falda de uma montanha agréste, o inverno era profundamente desconsolador. Era um látego na vida, já de per si, pouco agitada. E o silencio, que cahia sobre tudo — cortado pelas lufadas do vento de nordéste e pelo casquinhar da chuva — esmagava-nos... Ou pelo menos a mim!

Estavamos só. Sem somno, apesar da fatigante caminhada diurna a cavallo — de um logar para outro. O meu companheiro, um caboclo alto, espadaúdo, olhar scintillante, garrucha á cinta — meu guia nos cerros Gerias — scismava em alguma coisa! Com a mão de encontro á mesa e o corpo recostado na parêde branca, olhava para alguma coisa, que não pertencia ao circulo apertado daquella sala rustica — mas que ia mais longe, deixando, talvêz, para traz, milhares de socavões e barrócas.

Eu — para matar o tempo — contemplava os seus contornos herculeos. Roque era um Hercules. Um desses Hercules brasileiros que vivem no mais áspero das brenhas, no mais emaranhado das mattas. Um desses Hercules brasileiros que seguram o boi bravio na ponta da corda retesada;- um desses refinamentos das trez raças — que galopam semanas inteiras atraz de uma "novilha" fugida, comendo nada, nada dormindo, pouco bebendo. Um desses typos singulares do consorcio das trez raças gigantes, que tem, sempre, nos labios, o assobio do devaneio e, por qualquer coisa, a faca fóra da bainha.

Lembrando-me da descripção de Euclydes da Cunha, constatava — com uma scentêlha de orgulho — que o grande escriptor estudára asperamente a figura athlética do sertanejo.

No Roque havia um "que" de donairoso no conjuncto de força, um "que" de harmonia na disposição aguda dos músculos volumósos.

Róque era um caboclo sympathico. Cabêllos pretos, corpo vigoroso — parecia ter, diluidas em nervos e músculos — a agilidade felina do selvagem, a agudeza do africano e a esbelteza — quasi andalusa — do portuguêz.

Róque... Nas minhas continuas viagens pelo mais hirsuto das florestas, precisára, certa vez, de um guia. Indicaram-me muitos. Acceitára Róque, não só por ser vigoroso e destemido, mas tambem por ser, de natural, pensativo. Falava quando eu falava. Silenciava quando eu me calava. Era um companheiro quasi ideal. Sempre prompto! Sempre preparado! Não esperava a surpresa — surprehendi-a! E que agilidade no perigo! Raramente expansivo, raramente alégre, sempre entrégue a um devaneio muito grande, infinito, Róque parecia — apesar da indifferença com que mascarava o rosto — guardar alguma coisa, que o torturava, que recortava, trucidava sua alma de manso... Quantas e quantas e quantas vezes, nos meus forçados acampamentos, o vi, ás deshoras, levantar-se da cama rústica, com um grito surdo, esquisito de emoção, apontando para alguma coisa — que eu não via — no sólo. Porém, a instantaneidade empolgava-o. Era rapido em tudo: até nêssa brusca québra da cadeia do somno. Tornava lógo a si e se aconchegava, outra vez, á mochila, pouco se importando com o mundo de perguntas, que acudia aos meus labios. Afóra isso, elle era, como já disse, o companheiro ideal. Nada temia! Nada! Destemeroso até o infinito!

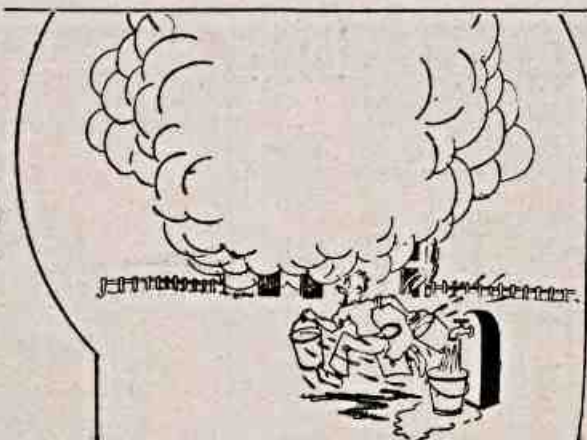
Pouco a pouco, acostumára-me ás suas divagações nocturnas. Deixei de me incommodar com as québras de somno do Róque. E elle, tambem, parecia ter-se affeiçoado á minha pessôa. Ou ao meu módo de viajante impenitente? As continuas correrias pelo mais adusto da mattaria pareciam distrahil-o. E, muitas vezes, sem saber descrever a emoção que me empolgava, a uma corrida mais veloz, vi, no seu rosto, quasi sempre contrahido, um resquicio de alacridade! No mais, era fechado... como um tumulo!

Néssa noite de inverno, porém — como si Róque sentisse a influencia do tempo — soube todo o seu hediondo segrêdo. O medonho segrêdo, que lhe lacerava a alma havia 5 annos!

E ainda me parece tornar a vêr o semblante contrahido do meu guia ao confessar, sem que elle esperasse — sem que elle proprio, talvez, esperasse, o mysterio que o envolvia.

Fôra tudo rapido:

— Patrão, que merecia um homem que matasse um outro ser humano indefeso?

No silencio da sala aquella brusca pergunta, apesar de ter sido feita em voz baixa, retumbou como um tiro de pistola. Sahira á queima-roupa! De seu natural absorto não esperava essa pergunta. E calei-me! Não pude responder — tanto mais quanto o Róque tinha os olhos pregados em mim. E não respondi. Sem se importar com o meu silencio, temeroso, talvez, de que lhe faltasse coragem para contar todo o seu grande segredo, com estranha volubilidade, singular nelle, falou:

O fabricante de extinctores de incendio incendiou a sua usina...

De Beresford Moreira

— O homem é um grão de areia na mão da Fatalidade. (Silenciou alguns instantes escassos, com os olhos perdidos no vacuo indescriptivel e continuou.) Foi o que aconteceu commigo! Na villa, em que eu nascêra, meus paes haviam nascido. Familia pobre — nunca aspirára a vida agitada das grandes "urbs". Cresci no meio da labuta dos curraes e da vida accidentada do sertão! De natural pensativo, pouco me afizéra ás camaradagens dos outros rapazes da roça. Só duas pessôas podiam se gabar de minha convivencia:

Luiza — uma mocinha que crescêra commigo — e Antonio. Luiza pertencia a uma familia remediada e Antonio, tambem de bôa familia, estudava medicina em Bello-Horizonte. Eram os meus companheiros predilectos. Só me viam com Luiza e Antonio. Só! Mais forte que o futuro medico, conquistei lógo a admiração de minha companheira. E, quantas vezes, na nóssa ingenuidade, não nos promettemos casar!... E crescemos juntos! Meus paes morreram. Senti, pela primeira vez, o espinho da dôr ferir-me a alma. Só o que me consolava era o olhar apiedado de Luiza. Só o que me consolava era o aperto de mão de Antonio.

Calou-se por alguns minutos, respirando o ar em longos haustos. Lá fóra, a nortada não descia... E continuou:

— Sózinho... lancei-me ao trabalho. Procurava arranjar alguma coisa, com que pudesse mostrar-me digno de desposar Luiza. E, depois de muitas labutas, quando, como coveiro e zelador do cemiterio, ajuntára alguma coisa com que pudésse arranjar as difficuldades, mais momentósas, eis que me empólga a Fatalidade: soube que, formado em medicina, Antonio pedira a mão de Luiza e fôra acceito.

Descrever a minha dôr é impossivel! Chorei... chorei muito no silencio do meu quarto! Era mais uma illusão que se ia! Depois, reagindo contra a dôr que me abrazava, conduzi a minha alma ao consôlo do trabalho. Fugi dos noivos!

Um dia, porém, sem que eu esperasse, fui encontrál-a debaixo da mais frondósa arvóre da villa. Exprobei o seu acto; maldisse-a! Ella, tambem, chorou muito!

" — Para que não me pediste lógo? — gritou-me na sua dôr enórme — Si todos...

" — Não quiz ouvir mais! Si ficasse, cahiria soluçante a seus pés. E me afastei, correndo como um louco. Um anno passou. Antonio tomava pratica da vida de medico e Luiza definhava".

Calou-se, novamente, olhando para o vacuo. E recomeçou, passando a mão na tésta:

— Um dia, bateu a peste á porta da villa. Não houve uma casa que não chorasse um morto, victima da "hespanhóla" e eu, como zelador do cemiterio, tinha trabalho a valer! E — confésso — a dôr dos outros consolava-me. Um dia — sem que esperasse — soube que o dr. Antonio estava nas "ultimas". Em continuo contacto com os pestiferos, apanhára o mal. De um natural franzino e nervôso, dias depois entregava a alma ao Creadôr! Horas depois, com enórme assistencia, o caixão era entrégue á sepultura! Estava, emfim, livre a minha adorada Luiza. Depois de algumas porções de barro, todos se fôram. E eu, sobre a sepultura, ainda abérta, fiquei a meditar. O sól começava a declinar! Subitamente, sem saber, a principio, de onde sahira, ouvi um grito abafado e afflictivo. Olhei para os lados e depois para a cóva ainda abérta! Dentro do caixão — victima, talvéz, de uma catalepsia — Antonio se mexia! Antonio se mexia! Não morrêra! E ouvi bem o seu appêllo abafado de: *Soccôrro! Suffóco!* A' aurora de felicidades seguiu-se um crepusculo de desillusões. Perdia, outra vez, Luiza! Fiz um gésto para saltar dentro da cóva. E, como por uma rajada de fôgo, fui empolgado por um pensamento: "E si o deixasse ali?... Sua agonia... duraria alguns segundos... Mas... e si viésse alguem? Um outro pensamento brilhou, instantaneamente, no meu cerebro. E, pulando dentro da cóva, abri o caixão. E, urrando, lancei-me sobre o côrpo de Antonio. Certamente o seu cerebro alcançára, nas trévas da cóva, o ponto do desequilibrio, porque, olhando-me esgazeadamente, teve um léve estertôr e, antes que o diapasão de meu rugido funebre terminasse, cahiu môrto!

"Fechei novamente o feretro e joguei sobre elle montões de barro! Depois — sentindo o espirito vacillante — cahi sobre a cóva do môrto que morrêra de susto. Quando voltei á realidade, o sól se escondia por detraz das montanhas e... perto de mim, com o rosto duro, Luiza me olhava. Fiz um movimento de avanço para o seu lado... Apontou-me o portão, com um gésto rispido, cruel, dizendo:

" — Sei tudo... O senhor deliirou e contou o seu medonho assassinato! Vá! Vá! Vá!

"Cambaleante — vendo tudo ruir em torno de mim — sahi do cemiterio... Fugi! E, desde então, vivo perdido no meu proprio "eu", procurando destrahir o meu espirito... que não se destrae."

E calou-se... Lá fóra, o vento bramia, açoitando o universo! Estremecendo, ia, talvêz, perguntar o destino de Luiza, quando Róque, a uma lufada maior do nordeste, se levantou gritando e apontando para o assoalho do hotel, chamando a attenção do porteiro, que trabalhava, silenciosamente, num quarto proximo:

— Eil-o ali! Eil-o que se agita! Antonio! Meu Deus!

O porteiro acudiu. Instantaneamente, Róque se refez! Pousou a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa. Ouvi, por alguns instantes, a sua respiração sibilante, seguida, de prompto, por um ligeiro estertôr... Pensei que dormia... Ou que chorava...

Sabedôr do seu segrêdo, da dôr que o torturava, ia bater nos seus largos hombros, num gésto de consolação, quando vi o corpo de Róque cahir sobre a cadeira, que o amparava. Tremendo, expuz seu rôsto á luz, com a ajuda do porteiro, estupefacto. Uma pallidêz sinistra invadira o bello rôsto de Róque e vimos logo que nenhuma cousa poderia estancar a vida, que se esvaia envôlta á grande emoção dum segrêdo desvendado...

HISTORIA CORSA

CADA um depois do jantar quiz contar uma historia de bandido corso.

A maior parte dellas eram falsas, naturalmente. Hoje cobrir-se-iam de ridiculo, todos que, tendo ido á Corsega, não podessem contar que foram atacados ou ainda que foram hospedados na montanha por um velho pastor que, numa photographia, póde muito bem passar por heróe de uma terrivel vendicta por causa do seu velho fusil ou de seu velho chapéo — um pastor hirsuto, semelhante aos que Virgilio queria tomar por deuses dos bosques, caritativo e um tanto piolhoso, que havia repartido com os viajantes seu queijo de cabra e seu pão.

Alguem afirmou que já não havia bandidos; mas Gibelois que não é mentiroso, ainda que seja homem de letras, afirmou que si já os não havia, ao menos haviam existido e que, com os proprios olhos, assistira á uma scena inesquecivel.

E vimos que elle estava com muita vontade de contal-a.

* * *

— Era pelo anno de 1895, eu estava na Corsega para curar-me duma bronchite, para que me haviam recommendado mudança de ares e fiz em Vizzavona, conhecimento com Emanuel Arêne a quem fui apresentado.

"Os jovens de hoje poderiam crêr que Emanuel Arêne é um personagem imaginario. E' apenas um personagem de fabula. Depois de tudo, era como os Romanos, que tinham em torno de si uma clientela que desejava, para os parentes ou amigos, postos, empregos ou prebendas. Prodigiosamente intelligente, gozando no continente duma influencia consideravel, maleavel, adoravel e encantador, Arêne era alli como um proconsul sem titulo que destribuia indolentemente, com destaque, com uma graça latina, os favores da Republica.

"Estava refestelado numa cadeira de balanço no jardim dum hotel ensombrado pelos pinheiros que davam ao rochedo uma sombra escura, quando alguem veio entregar-lhe uma carta que elle abriu desplicentemente.

"O mensageiro esperava a resposta. Arêne deu de hombros:

"— Diga que está entregue.

"E quando o portador da boa resposta partiu, elle chamou-me:

"— Meu caro, si queres vêr um canto pittoresco de nossa ilha, levo-te amanhã. Almoçaremos em... (o nome duma aldeia que esqueci completamente) em casa dum amigo.

"— Mas elle não me conhece, não me espera e temo...

"Mas Arêne, duma bella voz profunda, interrompeu-me:

"— Quando se vem commigo, se é sempre attendido.

"— Partimos no dia immediato num *landeau* e chegámos á hora do almoço, á uma propriedade encantadora: o dono da casa esperava-nos á soleira da porta e a dona multiplicava-se em affazeres domesticos.

Outros convidados: o procurador da Republica, o presidente do tribunal, o capitão da policia, cinco ou seis funccionarios.

"O almoço foi fino e Arêne esteve brilhante: passámos ao salão para tomar o café.

"E nesse momento, uma porta que deitava para o jardim abriu-se inteiramente e viu-se de joelhos sobre o batente uma meia duzia de

— Basta olhar para a sua cabeça para se vêr que o senhor é nudista!

Robert Dieudonné

mulheres, de velhas, de jovens, de creanças vestidas de preto, que estendiam as mãos postas para Emanuel Arène, supplicando-lhe, em lingua corsa, para interceder por seu pae, seu avô, seu tio, certo bandido que chamarei de Ramoni, si querem, porque tenho seu nome inscripto em algum lugar, nas costas d'uma photographia, mas escapa-me no momento.

— Tu que pódes tudo, obtem-lhe o perdão! dizia a velha.

— E' o melhor dos homens, dizia a mais nova!

— E' nosso pae!

— E' o chefe de nossa familia!

— Foi a honra que o levou a matar um covarde!

— Si elle atirou sobre os gendarmes é porque não quer que se attenta contra sua liberdade, seu unico bem sobre a terra.

O procurador levantou-se; era um homem muito aborrecido. Protestou:

— A comedia está muito longa.

Elle olhou Arène como si só delle esperasse a salvação de todos. O dono da casa parecia muito contrariado, não tinha sido posto ao corrente do *complot*. Seu criado era um parente do Ramoni em questão. Quando soube da visita de Arène, preveniu toda a familia. Arène não era o todo-poderoso?

O presidente tentou sorrir; o substituto sentiu-se coagido pelo procurador; o capitão de policia sahiu discretamente. As mulheres de preto continuaram as lamentações. Promettiam a Arène que, provavelmente, conhecia muitas alegrias, mil outras novas e felicidades para a eternidade, si elle conseguisse em favor desse infeliz que fôra obrigado a vingar-se e a defender-se.

— Si tu lhe garantisses que ninguem o prenderia, elle viria [illegible], elle que nunca se curvou deante de ninguem, supplicar-te o perdão!

Sentia-se muito bem que Arène continha uma risada louca vendo a agitação dos funccionarios que tremiam de ficarem compromettidos e a physionomia das supplicantes que redobravam as lamentações.

O procurador tentou ainda convencer Arène.

— E' impossivel! Póde-se ser complacente, porém...

E, oiço a voz familiar do proconsul *in partibus*, a voz acariciadora, dirigindo-se a um funccionario que não devia provavelmente sua funcção senão a elle.

— Ora, meu caro, não estamos na Corsega, e não estou aqui?

E viu-se apparecer de repente o bandido, que não estava longe e que uma creança foi buscar. Arène approximou-se da soleira e deu um abraço ao velho homem; elle promettou-lhe tudo o que elle quiz; as mulheres e as creanças choravam. Os magistrados custaram afastal-os, pois num transporte de gratidão, elles queriam beijar-lhe os joelhos e a barra do casaco.

— Póde considerar-te livre! disse Arène a Ramoni.

Mas o bandido prudente voltou no emtanto ão seu esconderijo.

Não sei si Arène occupou-se do perdão de Ramoni, mas sei que o seu primeiro cuidado foi de exonerar o capitão de policia que achára prudente fugir para não se comprometter.

Não conheço tudo quanto se póde contar da Corsega hoje; mas affirmo-lhes que, naquelle dia, tive a impressão que não era um paiz como os outros.

— Olá, amigo! Sopre um pouco menos forte, por favor; minha mulher tem horror ás correntes de ar...

AS LUNETAS AZUES

ERA pela manhã; a casa ainda dormia. Ao pé do ultimo banco da escadaria silenciosa entreabriu-se uma porta, onde se lia: *"Photographias de arte. Retratos."* No espaço dessa meia abertura uma mão procurava alguma coisa, que não achou. Então a porta foi aberta de todo. Appareceu, a seguir, o dono da mão, o sr. Jeremias, photographo. Tinha os olhos ainda pesados de somno, os cabellos em desordem, a physionomia bocejante. Não lhe custou verificar, tristemente, que a sua garrafa de leite e o seu pequeno pão de todas as manhãs tinham sido substituidos por este laconico e rude recado escripto: "Não ha mais credito." Balançou a cabeça, suspirou, tomou uma garrafa d'agua e uma caçarola vasia e desceu ao andar immediato. Lá chegado despejou na panellinha a metade da garrafa destinada o seu visinho debaixo, substituiu o leite roubado por agua e tornou ao seu aposento.

A sinceridade do sr. Jeremias o reduzira áquelle triste estado. Os retratos que elle fazia eram por demais fieis e a clientela não lhe perdoava isso.

Um descuido, porem, ia pôl-o no bom caminho. Tendo vindo buscar sua "prova" uma gorda senhora, que ha dois dias, photographara, o sr. Jeremias enganou-se e deu-lhe o retrato de uma sua linda e galante visinha, que se photographara com a mesma pose, com o nariz mettido num ramo de flores.

A cliente, encantada, não quiz ouvir qualquer explicação e fez logo uma grande encommenda. Seis mezes mais tarde, o velho Jeremias tinha installado um excellente *studio* e seus clientes o adoravam porque os seus retratos eram verdadeiros, fieis, não no sentido da realidade mas da idéa que cada um fazia de si mesmo. O velho Jeremias transformara-se, assim, numa especie de gentil feiticeiro dando a illusão da belleza aos entes mais desprovidos desse predicado.

E foi por isso, tambem que a senhora Prunelle, caixa do restaurante — *Coelho Verde*, chegou facilmente a persuadir-se de que era uma mulher bem desejavel ainda e pensou em casar-se.

Pox um annuncio num jornal, dizendo que procurava uma alma irmã da sua, encarnada, porem, num bello rapaz. Não demorou em receber a primeira resposta, acompanhada da photographia do candidato á sua alma. Em troca, ella mandou o retrato que lhe tirara o velho Jeremias. D'ahi o inicio de uma correspondencia cada vez mais terna e carinhosa. Um "rendez-vous" solicitado e recusado foi, por fim, concedido. Um signal de reconhecimento? Para que, se haviam trocado os seus retratos e por elles se reconheceriam logo?

Ora, o bello correspondente era um sujeito feio a valer, cliente do photographo feiticeiro, e, tambem, um dos *habitués* do *Coelho Verde*. O sr. Carlos todos os dias passava pela caixa, a quem cumprimentava, sendo correspondido na saudação. Suas relações disso não passaram nunca. Poderiam elles fazer a idéa de que as enganadoras photographias os arrastariam a semelhante aventura?

O dia marcado para o desejado "rendez-vous" era um domingo. Manhãsinha ainda e já a senhora Prunelle andava ás voltas com a *toilette* escolhida, afim de tornál-a o mais attrahente possivel. Ella já não era muito joven, nem bella, mas, no seu espelho, sabia descobrir mil encantos na sua pessoa. Nesse dia, então, mais do que nunca ella se achou... desejavel. E foi isso que lhe deu coragem para ir sosinha ao "ren-

DALTONISMO...

EM Manáos, a pacata "cidade risonha", na feliz expressão de Raul de Azevedo, ha clubs, cuja fama chega ao dominio publico através de narrativas interessantes, como tambem pela sociedade que nelles se reúne.

Entre as dezenas delles, citaremos a conhecida reunião dançante da rua Barroso, onde fica o collegio do austero e rispido professor Isaac, muito conhecido pela rapaziada de alto lá. E' uma "demi-femme", ponto de diversão dos *almofadinhas*, que se exercitam para maior brilhantismo nos certames de *élite*.

Levado por essa fama, no ... dos esquisitos perfumes e dos ..., entre bizarras figuras de "bibelots", entre a esplendente farda kaki dos milicianos e os collarinhos dos "dandys", foi ter conhecido jornalista impenitente "habitué" dessas festas.

Após estudo completo do ambiente, descobriu o confrade, — chamal-o-emos de Pancracio — uma linda trigueira de bella cabelleira annelada; era a rainha daquelles escravos e daquellas odaliscas. Abotoando o casaco, atravessou o salão e, num pedido melifluo para a primeira contradança, apresentou-se:

— Pancracio Sardento, "reporter" do...

MOSAICOS

INNOVAÇÕES SCENICAS

O Grande Theatro de Berlim possue as mais variadas e grandiosas installações scenicas. As exigencias impostas ao scenario pelo genial director Max Reinhardt, a quem a arte theatral deve muitas innovações, obrigaram o theatro a manter um verdadeiro arsenal de dispositivos e installações giratorias e de ascenção. No grande theatro o scenario se compõe de tres partes: a scena, propriamente dita, o antiscena e a arrière... A scena, com 19 metros, possue um enorme disco giratorio. Um segmento deste disco pode deslocar-se, subir e baixar com toda a parte anterior da scena.

A parte principal do disco giratorio pode mover-se perpendicularmente. Quando as partes do palco sobem ou baixam movimentam...

"des-vous" combinado com um homem que não conhecia.

Elle, do seu lado, barbeado de fresco, bem escanhoadinho mesmo, a cabelleira a luzir brilhantina, lenço perfumado, mettido num terno quasi novo, aguardou, impaciente, a hora de tomar um tramway para ir onde o amor o chamava, num jardim publico, ás portas da cidade.

No local combinado já o esperava uma mulher. Apressou o passo, pensando estar em atrazo. Mas, logo parou, interdicto. Não era a bella desconhecida da photographia e, muito simplesmente, a caixa do restaurante onde fazia suas refeições. Que massada! Iria ella demorar ali? Como fazer para abordar sua gentil e joven namorada por correspondencia na presença dessa intempestiva e importuna testemunha?

Escondeu-se um pouco por traz de um massiço de arbustos. Mas, para cúmulo de "peso", a caixa parecia não ter a menor vontade de arribar d'ali. Soou um relogio.

"Puxa! — disse para si mesmo — esta macaca velha parece que vae botar tudo a perder."

Elle esperava. Ella tambem esperava. O tempo corria. O relogio, de quarto em quarto de hora fazia soar as notas sonoras do seu carrilhão.

De subito, insidiosamente, a inquietude começou a cerrar o coração do sr. Carlos.

"E se ella não viesse?"

Esta idéa persistiu, cresceu, tornou-se enorme. "Sim, era certo, ella não viria. Tinham-lhe pregado uma peça."

Dominava-o uma verdadeira angustia, bem dolorosa. Que lhe importava, agora, que o visse a caixa?

Approximou-se della e cumprimentou-a. Ella o olhou estupefacta, tomada de uma louca afflicção, que seus olhos reflectiam. Não resistiu e cahiu em pranto.

— Desculpe-me, mas aconteceu-me uma coisa bem triste. Tinha uma esperança tão grande, tão grande, quando vim para cá, mas já não tenho nenhuma. Tenho a impressão, de que tudo ruiu em derredor de mim. Mas, estou a lhe falar assim, eu que mal o conheço... E' estupido...

— O amor, com certeza, começou o sr. Carlos.

O rancor nascido desse "rendez-vous" gorado levava-o a pronunciar palavras definitivas. O que elle concentrava no coração ia pondo para fóra, e era longo, longo, o que d'ali jorrava. A senhora Prunelle escutava-o docemente, a fazer gestos com a cabeça. Por fim, suspirou:

— Sinto-me tão só, de tal modo só!

Não desagradava ao sr. Carlos bancar o "terra-nova".

— Não posso deixal-a aqui, nesse estado. Se lhe apraz voltaremos juntos para a cidade.

As mais affectuosas relações começaram assim.

Os sentimentos que nutriam um pelo outro tornavam-se cada vez mais ternos. Um dia ella disse-lhe:

— Deviamos photographar-nos juntos. Conheço um artista que trabalha com muita fidelidade ao original.

— Tambem eu conheço um. Talvez seja o mesmo.

Era de facto, o mesmo — o velho Jeremias, que os photographou juntos, embellezando-os, de accordo com o seu "ponto de vista esthetico".

E desta vez, elles não tiveram qualquer mal estar ao se reconhecerem porque o amor lhes havia posto deante dos olhos suas lunetas azues...

De André Warnod

De Adonai de Medeiros

Ao terminar, a orchestra executou electrizante "shimmy" e senhorinha e Pancracio, bailando, rivalizavam-se na arte da mentira:

— Sim, senhorinha, talvez pudesse presentear-lhe todo o affecto de que disponho, si não tivesse a certeza de que padece de uma molestia...

— Oh!...

— Molestia essa que me que[illegible]...

— Ah! Já sei qual é a molestia que o sr. diz eu ter...

— Impossivel!

— Nada é impossivel neste mundo, — sentenciou senhorinha... A prova de que sei, vou dizer-lhe qual é. Convido-o para tomarmos um guaraná...

Ambos dirigiram-se para o bar, onde senhorinha se fez servir de guaraná e o jornalista de cerveja.

Emquanto serviam o "topazio liquido" e o effervescente refrigerante, ella, mysteriosa, tornou á conversação interrompida:

— Tem muito interesse em que lhe diga qual o mal que dizia eu ter?

— Muito. Pois talvez divirja do que eu penso...

E ella, maliciosa, ingerindo o ultimo gole, apressada, já nos braços de outro cavalleiro, disse:

— Daltonismo...

---

tambem as grades lateraes que se poderão approximar umas das outras ou separar conforme se deseja.

A scena está dividida em seis plataformas; cada uma dellas pode ser elevada facilmente á altura do palco ou baixar ao nivel da arena. As machinas do Grande Theatro permittem executar qualquer classe de decoração. Parece, porem, que essa installação foi demasiada, pois, até agora, mesmo nas maiores representações scenicas de grande pompa, nunca foram utilizadas todas as machinas.

A VIDA SCIENTIFICA

A vida scientifica não pode isolar-se do meio historico, sociologico e geographico, porque o seu influxo alcança, com inexoravel poder, todas as manifestações do pensamento, contornando-as harmonicamente para que se não infrinja o principio de adaptação.

José R. Carracido.

AS VELHAS MUSICAS

COMO estava azul o céo, aquella manhã! Não saberia, dizêl-o. Si fôsse pintor não poderia dar a minima idéa sobre este papel, que não é uma téla. Só tenho á minha disposição palavras e todos sabem, que nesse assumpto, cem palavras não valerão nunca um bom tubo de tinta apropriada.

Contentar-me-ei pois em dizer que o céo estava dum azul que não se poderia desejar de mais perfeito. E agora imagine-o por cima duma cidade cujas casas são cobertas de telha e de ardosia, mais do que desse horrivel zinco que tira aos telhados de Paris, toda a originalidade. Não esqueça os jardins particulares, com suas vetustas arvores, caridosas a ponto de estenderem os longos ramos por cima dos passeios para que os transeuntes não fiquem desherdados da sombra bemfazeja pois — esquecia-me de dizer — um céo dum azul tão perfeito implica um sól brilhante, e que não é mais avaro de calôr que de luz.

Então, por uma bella manhã de agosto, como se lê nos romances, eu palmilhava, uma após outra, as ruas um tanto tortuosas do bairro authenticamente burguez dessa pequena cidade. O silencio e a frescura constituiam um agradavel conjuncto, quando, de repente... Não espere, que eu accrescente como Lamartine "ruidos desconhecidos na terra". Esses ruidos, que eu ouvia, não era a primeira vez que chegavam a meus ouvidos; eram-me familiares, desde a adolescencia, que, como minha infancia, escoou-se numa provincia então pouco movimentada. As modas de Paris não eram ali adoptadas senão trinta annos depois que a gente de lá as havia abandonado para adoptar outras. O que eu ouvia não era uma dessas horriveis composições modernas para instrumentos ruidosos; era simplesmente uma valsa, e essa valsa não era senão o "Bello Danubio Azul".

Não foi preciso mais para que me sentisse, rejuvenescido, como por milagre, duns vinte annos.

Em menos dum minuto fui invadido pela sentimentalidade diffusa de meus quinze annos; minhas grandes férias de collegial sonhador e lyrico se apresentaram a meu coração mais que a meu espirito.

Revi bellos rostos de moças que depois, esposaram negociantes, funccionarios de passagem, pharmaceuticos e tabelliães. Lastimei não ter feito como elles, e mais uma vez, experimentei a melancolia, mais que isso, a tristeza.

Este estado dalma, que aliás não é desprovido dencanto, foi de curta duração.

"Ah! disse eu commigo, é alguma velha matrona ou alguma solteirona cheia de bôas rendas, ou alguma professora de piano que, para gozo proprio, está tocando a velha aria tão classica para ella, como uma sonata de Mozart ou de Beethoven. Bem sei que pouco importam a causa e o ponto de partida; só importam o resultado e o ponto de chegada. Essa melodia alegrou-me, e é tudo. Mas apostaria um contra cem que não são as mãos duma joven que arrancam desse piano de sonoridade um tanto aspera...

Como só houvessem muros altos na rua por onde eu me achava e não passava viva alma, pude dar cem passos em uma hora.

Outras arias do mesmo genero succederam á primeira. Em vão

Saudades

De NEVES FILHO

Ha, na Vida da gente, o mysterio das almas
incomprehendidas...
Ha, no silencio dos coração, um Adeus
incomprehendido...

.. ..

Um abraço, tão doce e tão manso,
Que ficou nos nossos braços...
Um beijo carinhoso, que ficou cantando
Em nossos labios, na orchestração
De uma caricia indescriptivel...
Na retina a imagem de alguem,
A recordar, e a recordar...

.. ..

Saudades de um lenço a dizer-nos
Adeus!... e um trem partindo...
A contingencia da vida!...
O trabalho cansado... O Pão de cada dia...

E as Saudades violaceas no canteiro
De nossos olhos... A recordar, e a recordar
As nossas reminiscencias...
Tão longe e tão doces...
As nossas lindas reminiscencias...
Tão nossas e tão sentimentaes!!!...

De Henri Bachelin

observei: a magia dessas musicas, era efficaz e já não pensava nas mãos que a crearam.

No hotel, onde procurei discretamente indagar, mme. Jeangrand, a hoteleira responde:

— Senhor, não ha muito que estamos aqui, mas não me admiraria que seja mlle. Larivière que o senhor ouviu.

— Oh! fiz eu, como quem não dá importancia a coisa nenhuma, perguntando-lhe isso como lhe falaria da chuva ou do bom tempo. Mas esta mlle. Larivière, é uma solteirona, sem duvida?

— Uma solteirona! gritou mme. Jeangrand. Diga antes, senhor, que é a mais bella joven do lugar, tão sómente.

Mme. Jeangrand não via muito adeante do nariz, como se sabe! Nada deixei transparecer da minha estupefacção, nem de meu encantamento.

Não contarei absolutamente por meudo como consegui me introduzir na fortaleza, de facil accesso, aliás, como vi o pae, alto funccionario da nossa Republica, a mãe, ainda bem nova e muito distincta. E ella sobretudo, "a mais bella joven do lugar": não tinha mais nada a fazer senão a conquista. Não havia ainda certa intimidade.

De manhã, continuava a passar pela minha rua onde o mesmo concerto me era offerecido. A' tarde não sahia, por causa do calor.

Foi só á quinta noite, á sombra das bellas tilias que eu falei sobre essa musica.

— Eh! sim, meu caro senhor, disse M. Larivière, é idéa de minha mulher.

Não comprehendia ainda.

— Mas, sim, replicou Estella, são idéas de mamãe. Ella insiste em tocar dessas musicas que ella aprendeu na infancia.

— Digam então ambos que eu volto á infancia! exclamou mme. Larivière com um sorriso um tanto forçado.

Felizmente, não havia avançado a muito. Sem certo proposito, talvez, m. Larivière, veiu em meu soccorro.

— Aliás, disse elle, eu acho isso muito interessante. Isso lembra-me uma porção de coisas. O senhor, meu caro, que é mais joven que eu...

Tive a covardia de dizer:

— Mas, eu tambem, acho nisso, um certo encanto.

Não ousaria affirmar, mas pareceu-me que mme. Larivière lançou-me um olhar de reprovação.

— E' verdade, disse Estella, que mamãe tóca muito bem essas musicas antigas. Mas as damas de hoje!

— E' incontestavel, disse eu, renegando os deuses que têm o seu caracteristico.

— E' de tarde que as tóco, disse ella triumphante, á tarde o piano pertence-me, a mim só.

Aos ultimos raios do sol poente, mme. Larivière pareceu-me, de subito, mais seductora que Estella.

A conversação proseguiu. Parti, quando chegou a hora.

No dia seguinte, segui pelo primeiro trem da manhã. Elles deviam ter perguntado muita vez de si para si, porque eu desapparecêra tão bruscamente, mas nós não tinhamos ainda nenhum entendimento. Em todo caso, eu digo sempre commigo que, dos tres, mme. Larivière foi a unica a comprehendêl-o ou pelo menos a adivinhal-o.

Felicidade tardia

Como num estribilho,
Dizia-me meu pae todos os dias:
"Trilha sempre o caminho do dever.
Sê justo e bom. Pratica a Caridade.
E Deus te ha de fazer
Muito feliz, meu filho".

E eu procurei seguir o seu conselho.
Enchi de idéas sãs a minha mocidade.
Fiz da Justiça um culto
E fiz do Bem meu unico evangelho.
Sempre dei ao mendigo o pedaço de pão.

Hoje, porém,
Eu tenho a vida cheia,
E cheio o coração
De desengano e pranto.

Eu não quero descrer do conselho sincéro.
Eu confio em meu pae. Espero em Deus. Espero...
Mas, a Felicidade está custando tanto!

Da COSTA SOARES

A FONTE DO DIABO — Nas proximidades de Tunbridge Wells, Inglaterra, existe uma fonte famosa pelas suas virtudes therapeuticas. E' uma fonte que tem uma origem verdadeiramente lendaria, como passamos a descrever.

De accordo com as lendas realmente phantasticas que correm a respeito dessa fonte, diz-se que, ha mais de mil annos, vivia em Mayfield, a três leguas da mesma, um santo homem chamado Dunstan. Durante muito tempo o Diabo, valendo-se de perfidas e subtis tentações, tudo fez para arrastar Dunstan ao peccado.

Certo dia, appareceu-lhe uma mulher lindissima, porem Dunstan, tomando de umas tenazes, com ellas apertou o nariz da bella creatura. Taes foram os gritos e a dor que, esquecida

do seu papel, a mulher logo se transformou no diabo, que ella o era, e soltando berros e uivos ensurdecedores correu em direcção á fonte existente á poucos kilometros de Mayfield.

•

COLONIAS DE... GATOS — Em certos bairros populosos de Paris existem verdadeiras colonias de gatos.

A's portas da "Ville Lumiére" ha um enorme deposito de grãos e farinhas e, como é facil suppor, é o ponto de reunião de milhões e milhões de ratos e ratazanas de todas as côres e tamanhos.

Para destruir hospedes tão pouco desejaveis, as autoridades resolveram adquirir uma certa quantidade de gatos. Estes proliferaram, adaptaram-se, e actualmente a colonia se acha perfeitamente constituida.

Ultimamente, porem, occorreu uma coisa imprevista: a multiplicação dos gatos se fez numa proporção de tal natureza, de modo a serem elles, agora, que constituem um verdadeiro perigo para o deposito de grãos e farinhas.

A ABBADIA DE GRANGE

(SHERLOCK HOLMES)

Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

A noite passada, approximei-me da vidraça e bati de leve. Ella, ao principio, recusou receber-me, mas amava-me — sei-o agora... — e não teve a coragem de me deixar exposto ao frio glacial que fazia no parque. Disse-me, baixinho, que entrasse pela porta da sala de jantar. Fui e tive então desejo de lhe ouvir a narrativa das amarguras que o marido lhe fazia passar. Eu amaldiçoava intimamente o monstro que ousava maltratar aquella mulher.

Estavamos proximos um do outro, junto á soleira da porta. Não tinhamos trocado uma só palavra de amor. A nossa conversa — juro-o! — foi tudo quanto pode haver de mais innocente e casto.

De repente, o marido entrou na sala e dirigiu a Mary a mais ignobil das injurias. Em seguida, deu-lhe no rosto uma violenta pancada com um grosso cacete que trazia.

Eu passei a mão em umas tenazes para procurar igualar-me com elle numa luta que, com certeza, lhe seria fatal a um de nós.

O marinheiro arregaçando a manga do casaco e a da camisa, continuou:

— Vejam a primeira pancada que me atirou. Aparei-a no braço e, por meu turno, ergui as tenazes e abri-lhe o craneo.

Tenho a franqueza de lhes affirmar que não sinto o menor remorso. Um de nós tinha de ficar extendido naquella sala. E antes elle do que eu, não porque tenha um grande apego á minha vida, mas porque a morte do outro foi a libertação daquella desgraçada.

Aqui teem as condições em que me tornei assassino. Sou realmente um criminoso? O que fariam os senhores no meu logar?

Quando Mary foi aggredida, soltou um grito e cahiu desmaiada. A esse grito, a creada desceu. Já eu tinha matado o marido, quando ella entrou na sala. O seu primeiro movimento foi erguer a ama do chão e verificar se o coração lhe batia. Passados instantes, recobrava os sentidos.

Havia sobre a mesa uma garrafa. Desarrolhei-a e dei-lhe a beber uns goles, para a reanimar. Depois bebi tambem uma pequena porção de vinho. Theresa Wright é dum temperamento imperturbavel e uma mulher intelligente. Avaliou num relance o perigo que corriamos, poz-se a imaginar uma explicação para a morte de sir Eustachio e architectou o romance que os senhores conhecem já.

Repetiu-o por tres vezes á ama, para que ella o fixasse bem. Emquanto isso, trepei ao buffete, cortei o cordão da campainha e amarrei Mary a uma poltrona, tendo primeiro o cuidado de desgastar o estremo do cordão com um canivete, para fazer acreditar que tinha sido arrancado. Não era natural que um ladrão, ao querer amarrar alguem, perdesse tempo de subir ao aparador.

Peguei em differentes peças de prata antiga, para dar verosimilhança ao roubo, e sahi, recommendando

Seara alheia

Paisagem

Depois de pouco andar detenho-me.

O sol vinha de romper o véo opaco das nuvens e lançava de uma luz de oiro e perola um recorte do caminho. As arvores expunham suas cabelleiras verdes á caricia quente dos raios solares. Ao fundo, divisavam-se altos barrancos e a terra, aqui negra, ali vermelha, ostentava calhãos que brilhavam, refulgiam como pedaços de vidro.

Alguns burros, sob a copa das arvores, pastavam silenciosos, agitando, de vez em vez, suas cabeças philosophicas — oh! grande mestre Hugo! — e, ao lado delles, um gordo boi de olhos melancolicos e pensativos, cheios de ternura e de extases mysteriosos, ruminava, pacifico e feliz.

Um bafo morno, perfumado pelo grato olor campestre das hervas floridas, difundia-se no ambiente.

De subito surgiu no alto dos barrancos a figura hercúlea de um robusto camponio, desses que susteem um touro. Tinha atras de si o céo immenso. As pernas, todos musculos, trazia-os desnudos. Em uma das mãos trazia, enrolada, uma corda regularmente grossa. Seus cabellos revoltos, emmaranhados, tinham algo de selvagem.

Approximou-se, a seguir, do boi e lançou-lhe o laço aos chifres. A seus pés, um cão, com a lingua de fóra, movia o rabo, e, de vez em vez, ladrava a dar pulos.
— RUBEN DARIO.

A Vida

Apegamo-nos á vida por habito, por temor do desconhecido.

Não se vive verdadeiramente senão no passado ou no futuro, porque um gesto principia num e termina no outro.

A vida é uma chamma que nos anima.

A maioria das creaturas atravessam, porem, sua vida sem reflectir porque vivem; outras, em compensação reflectem demasiado e isto lhes é prejudicial.

Algumas vivem sua vida numa continua illusão; outras no somno lethargico do espirito; outros, na crúa realidade; outras fazendo o bem.

Ninguem, porem, está seguro da sua verdadeira razão de existir.

Os mais felizes são, talvez, os simples, os humildes, os ignorantes que vivem cada dia sem pensar no que o precedeu ou no que vae vir. — LUIZ CYRANE.

---

que não chamassem por soccorro antes de passar um quarto de hora. Atirei, depois, com a prata a um tanque do parque e fui para casa tranquillamente, convencido de que tinha praticado o meu dever.

Aqui teem a verdade nua e crua, como a pediram. Seria incapaz de a deturpar, embora eu soubesse que, mentindo, escapava ao cadafalso."

Holmes tirou silenciosamente umas fumaças do seu cachimbo e, de repente, ergueu-se, avançou para o official e estendeu-lhe a mão num cumprimento affectuoso e energico.

— O que nos contou é a verdade pura. Eu sabia-a. Só um marinheiro podia fazer os nós com que Lady Brackentall foi amarrada. Ora ella só uma vez na sua vida, quando fez a viagem, tinha vivido com gente de bordo. Além disso, era evidente que o marinheiro que a amarrara era pessoa que ella estimava, por isso que pretendia encobril-o. Já vê que não me foi difficil, de deducção em deducção, chegar a concluir a sua culpabilidade.

— E não obstante, eu estava convencido de que a policia não descobriria o nosso segredo.

— A policia não descobriu nada ainda, e creio mesmo que nada descobrirá.

Ouça-me, capitão o seu caso é bastante grave. E' certo que o senhor foi primeiramente provocado e aggredido por sir Eustachio e que pode, portanto allegar a legitima defesa. O jury approva-lhe ou recusar-lhe essa dirimente, e ninguem pode adivinhar o que elle resolverá.

Eu sinto por si uma sympathia que, apesar de recente, é já grande. Aconselho-lhe por isso a que saia da Inglaterra dentro d vinte e quatro horas.

Crocker, com voz colerica, redarguiu:

— O que é que o senhor me propõe?! Apesar de não conhecer as leis, sei perfeitamente que Miss Fraser seria processada como minha cumplice. Julga mesmo que eu seria capaz de a abandonar, sujeitando-a á contingencia de um julgamento humilhante? Que juizo forma de mim? Não, sr. Holmes. Não! Faça o que entender de minha pessoa, mas indique-me um meio de salvar aquella infeliz.

Holmes abraçou-o.

— Quiz fazer comsigo a ultima experiencia. Ficou mais uma vez victorioso, meu amigo. Permitte-me que o trate assim, não é verdade? Fico com uma grande responsabilidade ás costas, mas resta-me a desculpa de que, se Hopkins não atinou com a solução do caso, não foi porque eu lhe puzesse impedimentos.

Vamos julgal-o, capitão Crocker. O senhor é o reu. Eu serei o juiz. Watson será o jury — merece bem essa honra!

Senhores jurados, conhecem já o assumpto. O reu é culpado?"

— Não, por unanimidade, respondi eu.

— *Vox populi, vox Dei*. Em vista da decisão do jury, absolvo-o, Jack Croker.

Se a justiça não accusar outra pessoa pelo crime que o senhor commetteu, pode viver tranquillo. Deixe passar um anno e depois case com Lady... perdão, com Miss Fraiser.

Oxalá que o futuro de ambos justifique a sentença desta noite.

FIM

A seguir:
no proximo numero, do mesmo autor
OS SEIS NAPOLEÕES

A AMANTE

EM todo comboio que parte o perfume da saudade custa mais a esmaecer no bronzeo peito soluçante, na desolação do abandono, do que no morno seio da mulher fascinada pelas azas da vertigem...

E' que o sentido balsamo da dôr de amar, na loucura em que o monstro de aço se paroxysma, se volatiliza, se dilue tão rapido como rapido feneceram as rosas de Malherbe...

...Rosa de carne, pistillos que o orvalho das lagrimas amantinas perolizou nas cinzas da manhã brumosa, Victoria Regina medita acerbamente, a fronte marfinica sellada ao vidro da janellinha do trem, a contar os minutos que, em breve, a separarão com certeza para sempre, do homem que lhe déra a provar a ambrosia sagrada do amor-sentimento.

Elle não vinha!... Cinco minutos mais, e aquelle cosmorama cahotico de passageiros que se acotovelam, em busca de logares, apitos estridentes de locomotivas que arfam e rugem, reclamistas e apregoadores de mercadorias — tudo ficaria para traz, a emmoldurar novas scenas, identicas á sua, em que outros corações femininos teriam de supportar a mesma e irreparavel ausencia do que era esperado.

Por que teria ella, então, confiado no homem que a chamma do amôr sublimára ao doce clarão luarino, todo filigranado de scintillações mysticas, si todos elles afinam pelo mesmo e proverbial desencanto do fruto saboreado?...

— Louquinha! — dizia-lhe o amante, numa symphonia de beijos quentes — cada vez mais te quero; que ruborizes a quem o cynismo sabe mascarar, porque és intelligente e sabes promover os meios necessarios ao teu sustento honestamente, negociando aquillo que ninguem te póde contestar...

"Eu, sempre, sempre, e ainda sempre, mais desejarei o calice dos teus labios e aspirarei a tua alma pura, reflectida na crystallinidade desses olhos meigos feitos para a emotividade das longas contemplações..."

A flôr do mal voltava a distillar, transformada pela alchimia do amôr, o filtro apaixonado das divinizações, e a sua luz limpida banhava-lhe, toda inteira, a alma, alheia ás exterioridades de que a acoimavam, com acre ironia.

Que felicidade inaudita! Era a alleluia redemptora que se lhe desabrochava sobre a noite negra de peccados, exculpando-a da miseravel senda por que palmilhava, os alvos pés dilacerados pelas urzes do caminho...

* * *

Victoria consulta o seu chronometro-miniatura e vê que apenas lhe sobram dois minutos.

Não; elle não poderá faltar ao sentido adeus: quando se ama, entranhadamente, até no segundo final a esperança subsiste.

E como João, no derradeiro segundo, esfalfado de cansaço, o rosto mal escanhoado, pela prêssa, ainda póde apparecer, o seu "coquetismo" está alérta: pulveriza o assetinado do rosto, renova o sangue dos labios, mas, ai! — o apito final sôa e a composição, extertorando secretas angustias, começa a rodar...

Esquecêra-a, ou por outra a trocára, o perjuro amigo das cantilenas ao luar...

Que mágoa! Elle voltará — e o seu coração de felino apaixonado, não se illude — tarde ou cêdo, porque nenhuma paixão é mais violenta como a que explode pela vez primeira, e então, Phrynéa na doida volupia com que se lhe revelará a modelagem pura do corpo marmorescente, ella lhe dirá, ainda que o peito se esphacele, com a mesma frialdade de um Xenokrates:

— O nosso amôr! — Procura-o no rastro do comboio que olvidaste...

GOMES NETTO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:

Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 87

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: H. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

COMO O RELOGIO...

que marca as horas, assim deve funcci-onar seu estomago. O relogio indica-lhe as horas das refeições. Seu estomago poderá recebel-as?

Se não está, é signal de que não funcciona como um relogio. E a causa mais commum é a indigestão. A indigestão é o motivo de sua inappetencia. Para livrar-se de todos estes males:

INDIGESTÃO

azias, prisão de ventre, vomitos, flatulencia, arrotos, gazes, etc.

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 Rio

S. Bento, 55 S. Paulo